

Realidade

Lynda Waterhouse

Soul Love

À noite o céu é perfeito!

GM
MELHORAMENTOS



Para minha alma gêmea, D. H

AGRADECIMENTOS

Sou muito grata a Alishia, que ouviu esta história, me fez sugestões e me deu grande apoio. Agradeço também a James, que me apresentou à música *anti-folk*, e a The Base e Teen Spirit – Body & Soul (www.bodyandsoulcharity.org).

A AUTORA

Lynda Waterhouse mora em Elephant and Castle, na região sul de Londres. Seus *hobbies* incluem faltar às aulas de aeróbica, assistir filmes mudos e ouvir música *anti-folk*.

Prólogo

Noite quente de verão. Para ser exata, estamos no primeiro sábado do mês de agosto. As estrelas nunca brilharam tanto. Estou sentada na janela do meu quarto, admirando esse espetáculo deslumbrante e pensando nas coisas que me aconteceram naquele verão.

Eu era outra Jenna Hudson.

A lembrança dói. Meu cérebro tenta descobrir onde fica exatamente a dor, mas logo desiste, porque tudo dói.

Estou cansada de viver como se já fosse uma pessoa adulta e madura. Gostaria de voltar a ser criança – uma garotinha de seis anos que caiu da bicicleta.

Gostaria de fazer cara de choro e correr aos berros para a cozinha, onde minha mãe me ergueria do chão, me daria um forte abraço e beijaria meu joelho esfolado. Eu pararia de chorar e tomaria leite com chocolate para a dor passar. Essa é uma das coisas que as pessoas não nos ensinam quando falam de crescer: como lidar com as dores que não passam com um beijo.

Capítulo Um

Dei um suspiro de alívio quando o carro entrou na estrada que levava à casa de tia Sarah. Como eu e mamãe não estávamos nos falando quando saímos de Londres, eu não imaginava para onde ela ia me despachar. A julgar por seu mau humor, ela seria bem capaz de me comprar um bilhete só de ida para um desses acampamentos onde a gente passa as férias de verão usando um uniforme verde-oliva e dizendo sem parar: “Sim, senhor! Não, senhor!”.

- Não posso ficar com você, Jenna – disse mamãe com frieza, enquanto abria o porta-malas e punha minhas coisas na calçada. – Marcus fica inquieto quando demoro a voltar.

Mal suspirei. Eu não estava disposta a quebrar meu voto de silêncio. Estava furiosa com mamãe. Ela sempre se preocupava mais com meu irmãozinho de oito anos do que comigo. Fiz cara de ironia e continuei no carro, enquanto ela se dirigia para a casa de tia Sarah.

De costas, mamãe podia ser confundida com uma garota. Eu ficava admirada com isso. Seus cabelos estavam presos num rabo de cavalo, e ela usava sandálias de salto baixo. De frente, porém, a coisa mudava de figura. E tudo culpa minha. Ela dizia que meu comportamento nos últimos meses a envelhecera dez anos.

Pois ela devia era achar que tinha muita sorte. Quando a mãe de Tara Cowley descobriu que a filha fora reprovada de propósito nas provas, seus cabelos ficaram brancos da noite para o dia. O que eu tinha feito era bem pior do que ser reprovada, mas os cabelos castanho-escuros de mamãe continuavam intactos. Antes de deixarmos de nos falar, tudo o que minha mãe me dizia eram coisas do tipo:

- Jenna, como você pôde... – ou o clássico:

- Quando eu tinha a sua idade... – seguido da típica reclamação dos “pais modernos”:

- Você tem idéia de como foi difícil conseguir vaga para você na escola Coot’s Hill? Precisei comprar esta casa horrorosa só porque fica perto da escola!

Eu me sentia muito culpada por isso. É difícil conseguir matrícula nas boas

escolas de Londres.

Mamãe então começava a resmungar que talvez precisasse procurar uma escola da rede privada...

- Se é que alguma vai aceitar você!

Toda vez que ela dizia, pela milionésima vez:

- Jenna, quando eu tinha a sua idade...

Eu estourava:

- Mamãe, isso foi há muuuuuito tempo, quando garotas de quinze anos usavam aqueles calções cheios de babados até os joelhos e eram loucas por hóquei no gelo e bundas geladas!

Aí rolava uma briga feia e a gente parava de se falar.

Que mais eu podia fazer? Eu prometi a Mia que não contaria nada. Mamãe não vivia tentando enfiar na minha cabeça que era fundamental ter palavra? Ao sair de casa, percebi que Mia olhava para mim do outro lado da rua, na janela do seu quarto. Estava pronta para sair para a escola e me olhava fixamente. Desviei o olhar.

Pela janela do carro, eu não tirava os olhos de mamãe, enquanto ela conversava com Sarah. As duas se viraram e olharam para mim. Eu as encarei. Mamãe fechou a cara e Sarah deu um sorriso amarelo. Mamãe começou a falar animadamente, gesticulando muito. Claro que estava contando, com detalhes terríveis, a proeza de sua única filha ter conseguido ser expulsa de uma escola “tão boa”.

Na verdade, eu não fora expulsa. Para todos os efeitos, estava saindo duas semanas antes do fim do semestre, para “dar um tempo”. Mas a diretora, a prof^a Kelly, já deixara bem claro que eu nunca mais voltaria a ser aceita na Coot's Hill. A lembrança daquelas reuniões constrangedoras na sala da direção me dava calafrios. Então me afundei no meu assento, pois pelo menos ali, naquele momento, tudo era seguro e quentinho. Olhei pelo espelho retrovisor e me imaginei participando de um drama policial, diante de um oficial lendo minha descrição: “Solteira, branca, 1,60 m de altura, cabelos compridos castanhos avermelhados com mechas loiras, olhos verdes, nariz vermelho e úmido e lábios carnudos. Recusa-se a falar. É uma garota má”.

Claro que a história da “garota má” tinha outro lado. Parte de mim queria ceder e contar tudo a mamãe. A bem da verdade, ela tentara me fazer falar. Meu estômago revirava só de pensar no que eu fizera. Para ser franca, a desavença com mamãe não passava de uma cortina de fumaça. Significava que eu não precisaria falar com ela sobre aquilo. Ela chegou até a telefonar para papai e contar tudo a ele e a sua mulher. Várias vezes, cheguei bem perto de perder o controle e abrir o jogo. Mas Mia estava no meio do rolo. Eu não podia dedá-la! Mamãe vivia perguntando:

- Foi Mia quem a meteu nisso? – e repetia a mesma pergunta de mil maneiras diferentes.

Eu odiava o fato de ela imaginar que só outra criança podia ser culpada de um comportamento tão inesperado.

- Não sou mais criança. Sei muito bem tomar minhas próprias decisões – respondi nem sei quantas vezes. Eu tinha o direito de guardar meus segredos. Além do

mais, minha mãe estava chegando perigosamente perto da verdade.

Perdida em meus pensamentos, levei um susto quando mamãe escancarou a porta do carro:

- Vamos, Jenna, desça.

Desci o mais devagar que pude, enquanto ela e Sarah se despediam com um abraço.

Sarah era a irmã mais velha de mamãe, mas parecia mais jovem.

- Ela não tem de trabalhar, nem tem filhos para envelhecê-la – ouvi mamãe dizer certa vez, com uma pontinha de ressentimento na voz.

- Não quer mesmo ficar para um chá? – perguntou Sarah com seu jeito doce.

Mamãe deu que não com a cabeça:

- Estou cheia de coisas para fazer. Como algo na estrada mesmo. Jenna – disse ela olhando para o alto, sem me encarar -, deixei dinheiro com Sarah para os seus gastos.

Enfie as mãos nos bolsos e dei de ombros. Quando o carro tomou a estrada, deu um tchau irônico e disse:

- Tchau, mamãe, também te amo!

E foi assim que me vi exilada na casa de tia Sarah. Só tinha duas coisas pela frente: passar um verão de cão e me mostrar profundamente grata quando Sua Majestade me permitisse voltar para outra escola em Londres.

Capítulo Dois

Sarah morava num pequeno chalé avarandado, numa cidadezinha no fim do mundo chamada Little Netherby, no meio do nada. Um desses lugares freqüentados por gente velha em suas férias chatas, para os quais as mães costumam mandar filhas rebeldes, a fim de mantê-las longe da influência da cidade.

Ela vivia com o namorado, Kai, e sua gata, Tullulah.

Sarah e Kai tinham um sebo na cidadezinha ao lado, Greater Netherby. Os dois eram poetas e liam suas obras em festivais de poesia ou nas salas escuras e vazias dos esfumaçados bares da cidade. Mamãe, Mia e eu fomos a um desses recitais no verão passado, num “espaço alternativo” do sul de Londres. Os poemas de Sarah eram bem engraçados, mas ela os lia com uma voz tão baixa e com tantos tiques nervosos que dava a impressão de estar pedindo desculpas pelo que estava fazendo.

Os poemas de Kai eram tão ruins que davam dor de cabeça. Não passavam de um palavreado bombástico e interminável, cheio de tolices sobre corpos nus, odores humanos e sobre o poder da luxúria. As mulheres da idade de mamãe pareciam adorá-los, encantadas com a aparência de roqueiro de Kai e com sua suposta “capacidade de entender as mulheres”. Mia e eu começamos a rir e todos nos olharam feio. Mamãe disse que precisávamos nos comportar como “adultas”. Foi o que bastou para a gente morrer de rir.

Coloquei minha bagagem no vestíbulo minúsculo e entrei no chalé. Tive a impressão de estar andando em uma dessas lojas onde se vende todo tipo de bugiganga. Não havia um centímetro de espaço livre. Pisquei várias vezes para enxergar melhor: montes de livros, caixas, pedaços de papel de parede e peças de cerâmica horrorosas brigavam por minha atenção.

- Kai não está, viajou para comprar livros – disse Sarah animadamente. Ela usava anéis em todos os dedos e centenas de pulseiras tilintavam em seus braços. Cada vez que se mexia, parecia um sino de vento num vendaval.

- Tudo bem com você? – perguntou, enquanto eu continuava no centro da sala, piscando feito uma doida.

Antes que eu pudesse responder, ela foi para a cozinha e começou a procurar xícaras, enquanto dizia:

- Quanto a você, não sei, mas eu estou louca por um café.

Resmunguei e me joguei num sofá empoeirado, disposta a ver tevê. Mas dei de cara com os olhos de uma grande gata preta sentada no espaço onde deveria estar a televisão. Piscamos uma para a outra, e ela saltou da mesinha, caiu com um baque surdo no meu colo e começou a ronronar.

Sarah voltou com duas grandes xícaras e começou a rir:

- Tallulah gostou de você para ronronar assim. Minha gata não se deixa impressionar facilmente: só vai onde quer e só faz o que lhe agrada. Muitas vezes vai comigo para a livraria.

Tomei um gole de café e fui direto ao ponto:

- Quanto tempo vou ficar aqui?

Sarah suspirou, antes de responder:

- O tempo das férias... para começar. Também é preciso resolver o problema da nova escola. Podemos tentar a Escola Comunitária de Netherby, se você quiser recomeçar a vida aqui.

Ela se sentou ao meu lado e fez uns afagos em Tallulah. Depois de um longo silêncio, continuou:

- Veja bem, Jenna, você já é bastante crescida para saber que não posso obrigá-la a nada. Não posso obrigá-la a contar o que aconteceu na escola, nem forçá-la a ficar aqui. Não mando em você, nem quero mandar. Pode ir embora quando quiser. Só peço que me comunique antes de qualquer decisão.

Isso me surpreendeu, porque durante a viagem, no carro com mamãe, eu vinha ensaiando um discurso do tipo: “Você não pode me obrigar a ficar aqui. Vou fugir. Você não pode me obrigar a fazer nada!”. Dito isso, eu planejava não abrir mais a boca, exatamente como vinha fazendo com mamãe. Ficaria calada até que Mia, como uma inesperada fada madrinha, viesse me libertar com a verdade.

Meu problema tinha inclusive um nome. Eu o encontrara num dicionário de mamãe sobre problemas dos adolescentes, que ela deixava de propósito na cozinha: “mutismo eletivo”. No meu caso, porém, acho que seria melhor falar em “mutismo seletivo”.

O discurso de Sarah me deixou sem fala. Tomei meu café e me permiti sentir-me um pouco melhor. Já que eu não podia escolher entre ficar ou não, o lugar já não parecia uma prisão.

- Posso usar o telefone? – perguntei (mamãe confiscara meu celular).

Sarah ficou um tempão agitando as pulseiras antes de dizer:

- Para falar a verdade, o telefone está cortado.

Por alguns momentos, achei aquilo ótimo. Significava um tempo longe da voz irritante de mamãe. Depois, aquilo me chateou. Sem tevê, sem telefone e sem amigos. Nada de diversão e uma eternidade para meditar. É! Talvez algum tempo num acampamento militar fosse melhor que isso.

Capítulo Três

Na manhã seguinte, abri as cortinas e deu de cara com um corpo seminu em uma espreguiçadeira no quintal da casa vizinha. Afastei-me um pouco da janela e arrisquei mais uma olhada.

Vi claramente um torso musculoso com pequenos mamilos castanhos. A pele era surpreendentemente alva. Bem devagar, meus olhos acompanharam uma delicada linha de pêlos escuros que desciam do umbigo à cintura de jeans desbotado. Descendo mais, pararam nas formas que o jeans revelava, no rasgo em um dos joelhos e nos brancos dedos dos pés, que batiam ritmicamente na relva.

O rosto estava escondido pelo livro que ele lia. Fiquei ali parada, observando, esperando que ninguém me visse. De vem em quando, ele coçava o peito com uma das mãos ou enxotava uma mosca.

A porta se abriu de repente e eu pulei para longe da janela. Ninguém gosta de ser pego nessas situações, não é?

- Tallulah! – falei baixinho com um suspiro de alívio quando a gata entrou no quarto querendo atenção.

Quando olhei de novo, o garoto mudara de posição e, de costas para mim, vestia uma camiseta. Gostei do jeito como seu cabelo preto acompanhava a curva do pescoço.

Sorri quando Tallulah começou a me roçar com as patas, miando, irritada. Depois sorri novamente, porque sorrir me parecia estranho. Os meus únicos sorrisos nos últimos tempos eram aqueles inexpressivos e sem alegria, isso quando eu não ria muito alto para dizer “não estou nem aí!”, o que deixava meu rosto e meu coração em brasas.

Tallulah enroscou-se nas minhas pernas, esfregando a cabeça nos meus joelhos para ver se eu lhe dava atenção. Eu estava morta de fome. Ontem, mamãe estava furiosa demais para pensar em me alimentar. Eu sobrevivera à custa de barras de chocolate compradas em restaurantes de beira de estrada. À noite, eu me sentia muito cansada para aceitar o que tia Sarah servira, mas agora seria capaz de comer tudo o que houvesse na geladeira.

Olhei mais uma vez pela janela antes de ir para a cozinha. A espreguiçadeira tinha só um livro.

“Mas, Jenna, você não jurou que não teria mais nada com garotos durante pelo menos um ano?”, pensei. Gostar de garotos foi um fator determinante nas encencas em que Mia e eu nos metemos. Um garoto em particular, mas naquele momento eu não queria pensar em Jackson. Eu nem conseguia olhar para a foto dele, escondida no fundo da minha bolsa.

Encontrei Sarah muito à vontade na sala de estar. Ela me disse:

- Tome seu café da manhã.

A cozinha era um pouquinho menos empoeirada do que o resto da casa. Havia vários armários, um fogão engordurado e uma geladeira velha. Quando abri a porta da geladeira, ela fez um barulho estranho, estremeceu. Dentro dela, havia meio litro de leite e um pouco de iogurte, que mais parecia lodo. Minha fome de lobo desapareceu.

Havia uma grande prateleira cheia de livros de culinária, mas todos os outros

armários estavam vazios. Encontrei uma caixa de cereais e o leite não estava fedendo. Fui comer no quintal. A manhã estava linda e ensolarada, e não seria nada mal espiar o Garoto sarado de um ponto mais estratégico. O quintal também refletia o desleixo de Sarah. O que se via era um emaranhado de ervas daninhas com uma posta de carro enferrujada bem no meio. Sentei-me num banco de madeira manco.

- Que bagunça, não? – disse Sarah, sentando-se a meu lado.

“Sua vida ou o seu jardim?” – pensei, mas disse apenas:

- Kai não é ligado à questão do verde? Os poemas dele não são todos sobre a natureza?

Sarah começou a rir bem alto. Estranhei, porque aquele riso não parecia coisa dela. Parecia vir de uma pessoa que gargalha com deboche e vulgaridade, não de minha tia, tão sensível e tranqüila. Em seguida, ela respirou fundo e disse:

- Quer dizer que você pensou que Kai fosse um desses naturebas?

Horrorizada, observei aquela gargalhada transformar-se num rio de lágrimas, enquanto ela buscava refúgio em mim. Eu não sabia lidar com aquela situação, e então dei-lhe uns tapinhas nas costas como se ela fosse um grande bebê grotesco.

Depois de um silêncio constrangedor, ela disse:

- Kai me deixou.

Fiquei de novo sem ter o que dizer. Isso não era para estar acontecendo. O natural era que Sarah me apoiasse e orientasse. Eu não estava preparada para lidar com os problemas dela. A única coisa que vinha ocupando minha cabeça era tentar descobrir se o rosto do Garoto Sarado era tão bonito quanto seu corpo.

- Faz três semanas que ele me deixou. Disse que precisava de espaço criativo, que minha poesia era superada e sem graça e que se sentia um vegetal cada eu que eu me aproximava.

Fiz uma força enorme para não perguntar: “Cenoura ou abobrinha?”, mesmo sabendo que o momento não era para piadas. Seria muito difícil para Sarah perceber o lado engraçado da coisa, pois afinal ela fora insultada pelo homem que amava. Demonstrei solidariedade com um sussurro simpático.

Sarah assoou o nariz em um lenço que mais parecia um trapo e disse:

- Ele levou a tevê, o computador e quase todo o nosso dinheiro. O telefone foi cortado, e estou ficando louca só de imaginar onde é que ele pode estar.

Tentei demonstrar solidariedade com mais alguns sussurros, embora tivesse de admitir que parte de mim se sentia muito bem ao perceber que eu não era a única pessoa da família a ser rejeitada. Mamãe vivia criticando minhas péssimas escolhas. E ninguém precisava ser Sherlock Holmes para descobrir que Kai não era confiável. Todos aqueles poemas sobre a busca de flores exóticas em florestas tropicais e a adoração de estátuas de deusas nuas não deixavam dúvida do tipo de pessoa que ele era.

Continuamos sentadas em silêncio. Tentei não fazer muito barulho ao mastigar meus cereais. De vez em quando, olhava para o jardim da casa ao lado. Concluí que não era o momento de perguntar quem morava ali.

Sarah assoou o nariz novamente:

- Não tivemos filhos porque ele disse que isso seria o fim de seu espírito criativo e que dirigir a Sarakai Books já era trampo bastante. Eu adoraria ter tido filhos.

Quase consegui convencê-lo uma vez, mas achei melhor respeitar sua criatividade. A arte de Kai vem em primeiro lugar...

Esmaguei os cereais que tinha na boca. O que dizer? Em toda a minha vida, nunca vira um adulto naquela situação. Meu cérebro dava voltas e mais voltas procurando o que dizer, até que me saí com esta:

- Ele tem outra?

Meu pai nos abandonou para ficar com sua assistente pessoal e depois acabou casando com uma bibliotecária chamada – não é piada! – Foxy. Foi muito difícil no começo, mas hoje mamãe e papai vivem felizes, cada um a seu modo. Temos duas ceias de Natal. Ninguém saiu perdendo. Sarah sorriu para mim:

- Não. Nada disso! Ele vai voltar. Ele nunca perde o Festival Netherby, onde sempre faz o maior sucesso.

- Que festival? – perguntei.

- Você não ouviu falar do Festival? Sobre o que minha irmã conversa com você? É simplesmente um dos melhores festivais alternativos mais famosos do país.

Acontece em agosto, nos jardins do solar Netherby. É maravilhoso! Você precisa ir.

Disse qualquer coisa sem o menor entusiasmo. Eu não pretendia ficar tanto tempo ali. Esperava voltar para Londres dali a algumas semanas. Sarah levantou-se e esmurrou o ar:

- Estamos precisando de um pouco de ação! – disse em altos brados. – E para quando? AGORA!

Passamos o resto da manhã podando ervas daninhas. Depois de mais ou menos uma hora, perguntei “por acaso” quem eram as pessoas que viviam na casa ao lado.

- Tenho sorte com vizinhos. Este condomínio foi construído para operários, e por isso as casas são pequenas e geminadas. Seu Gordon mora naquele ali, mas só usa o chalé nos fins de semana. Evie Winthroe mora no outro lado, mas viajou para a África e alugou a casa para alguns estudantes passarem o verão: Freddie e Charlie. Eles são muito legais. A única coisa que levam a sério é sua música. Eles têm uma banda de música *anti-folk*.

Eu nem imaginava o que seria *anti-folk*, mas deu a entender que sabia muito bem do que se tratava. Fiquei imaginando qual dos dois eu tinha visto: Freddie ou Charlie? Queria me enturmar com eles durante o pouco tempo em que ficaria por ali naquele estranho verão.

Lá pelo meio-dia, o sol estava muito forte. Paramos de trabalhar.

- Tem algo mais que eu possa fazer? – perguntei. Sarah passou a mão pelos cabelos e disse:

Você poderia ir a Greater Netherby e abrir a loja para mim. O dinheiro para troco está escondido numa lata de balas sob o balcão, e todos os livros têm o preço marcado. Apareço lá mais tarde. Sábado é meu dia mais corrido – me passou um grande molho de chaves e explicou qual abria o quê.

Mamãe nunca me mandava fazer compras sem uma lista e instruções rigorosas para devolver cada centavo do troco. Sarah estava mesmo me pedindo para *tomar conta* da loja um dia todo?

Senti o peso das chaves em minha mão e não disse nada. Pelo menos, estava sendo levada a sério.

Capítulo Quatro

Greater Netherby ficava a mais ou menos dez minutos de caminhada de Little Netherby. Ali só havia um brechó beneficente, uma lanchonete, uma farmácia, um salão de beleza e o sebo, que ficava na esquina da parte mais baixa da rua e tinha uma pequena tabuleta onde se lia: *Sebo Sarakai*. Era tão, mas tão pequena, que bastava piscar para perdê-la de vista.

Tentei descobrir quais eram as chaves certas, procurando lembrar as instruções de Sarah. Enquanto tentava abrir a porta, senti uma sensação desagradável na nuca, como se cem pares de olhos me observassem. A cortina do salão de beleza, que ficava do outro lado da rua, fez um movimento brusco, e duas velhas senhoras saíram do brechó beneficente, me espiaram longamente e deram meia-volta. Bem diferente de Londres, onde ninguém se interessa pelo que você faz. Em Greater Netherby, uma estranha abrindo um sebo era uma novidade quentíssima.

Afastei um calço para conseguir entrar. A loja era muito maior do que parecia por fora. Havia um balcão à esquerda da entrada, e atrás ficava um pequeno espaço que funcionava como escritório. Do outro lado do balcão, a loja se transformava numa floresta de prateleiras que parecia estender-se por quilômetros. Ao lado de uma das estantes, ficava um armário. O lugar era tão empoeirado que, em comparação, fazia o chalé de Sarah parecer um centro cirúrgico. Comecei a tossir. Aquele não era um lugar onde quem tem alergia a pó ou nervos delicados pudesse trabalhar. As prateleiras mal pregadas rangiam sob o peso dos livros. Dava a impressão de que bastaria um movimento em falso ou um espirro para tudo desabar.

O único objeto sem poeira era um pôster novinho, que anunciava o Festival Netherby em agosto. Dei uma olhada e vi que umas bandas bem legais viriam tocar.

Quando fui procurar o dinheiro para troco encontrei uma caixa com discos velhos na qual estava escrito: *Propriedade pessoal de Kai. VENDA PROIBIDA*. Dei um chute na caixa. Como ele se atrevia a dizer que se sentia um vegetal sempre que Sarah se aproximava?! Isso era ridículo, partindo de um homem que se transformava num sapo lascivo sempre que qualquer coisa remotamente feminina chegava perto dele.

Recolhi uma montanha de correspondência e dei uma olhada no escritório. Bastou um único olhar para ver tudo. Havia uma caixa registradora, um computador velho, um rádio em péssimo estado e uma cadeira aos pedaços sobre a qual ficava uma almofada de veludo cheia de pêlo de gato. Havia ainda um velho telefone que não dava linha. O rádio, pelo menos, funcionava. Liguei-o e procurei uma estação que tocasse *rythm-and-blues*. Tirei a almofada da cadeira, sentei e comecei a girar ao ritmo da música. Ao girar pela segunda vez, dei de cara com um par de costeletas brancas e olhos lacrimosos olhando para mim.

- Você é nova por aqui – disse seu Costeletas. Sem pensar, respondi:

- E você, antigo.

Ele explodiu numa gargalhada e disse:

- *Touché!* – em seguida, levantou a mão:

- Julius Lawrence, a seu dispor! Todos me chamam de Julius.

- Sou Jenna – respondi, olhando-o atentamente.

Julius continuou a sorrir e a falar alto:

- Ah, Jenna, a garota dos olhos verdes! Este estabelecimento foi meu até eu me aposentar. Na minha época, era a *Livros Antigos Julius Lawrence*. Sua especialidade eram livros de arte e fotografia – acariciou as tiras de uma velha máquina fotográfica que trazia ao pescoço e continuou: - Muitas luas atrás, eu me considerava um bom fotógrafo. Agora, como um velho e fiel labrador, volto sempre a meu velho terreno de caça. A livraria acabou sendo um lugar muito útil desde que fecharam a biblioteca. Aliás, tem correspondência embaixo da porta.

Segui seu olhar até um envelope pardo e amarrotado, preso no vão da porta.

- Acho que foi por isso que eu não vi você chegar – respondi.

Ele foi até uma prateleira e pegou um livro. Depois, sentou-se na poltrona e disse:

- Não se importe comigo. Sou aquilo que chamam de “fauna local”.

Aumentei o volume do rádio e tentei ignorá-lo. Embora não admitisse, na verdade eu estava contente em ter companhia. Gostava de ser tratada como adulta, mas era apavorante ficar com uma loja inteira sob meus cuidados, ainda mais um sebo empoeirado de nome vulgar. Julius falou do fundo da loja:

- Sarah sempre liga na Rádio 4 bem baixinho. A música pode ter um efeito muito perturbador quando alguém está tentando mergulhar num livro.

- Você conhece o velho ditado, Julius – gritei para ele, baixando-me para ligar o computador (queria mandar um *e-mail* para Mia e outro para Jackson) –: “A música tem encantos que domesticam a besta selvagem”.

Acima de mim, uma voz encorpada disse:

- *Peito!* É peito.

Tirei a cabeça de debaixo da mesa e me peguei olhando para uma conhecida camiseta desbotada. Rapidamente, enfiei a cabeça outra vez embaixo da mesa.

- É peito, sim – disse, lutando para afugentar delírios com aquele peito nu. Depois, bati a cabeça quando tentei tirá-la de debaixo da mesa, e ainda por cima enrosquei-a toda numa teia de aranha que estava ali, a minha espera.

Quando finalmente consegui me levantar, ele fora até uma estante pegar um livro, que passou para mim:

- “A música tem encantos que acalmam o peito mais sofrido” – disse ele, depois deu meia-volta e saiu da loja, deixando-me com o livro de citações e teias de aranha me enfeitando o cabelo.

Esta não foi a mais feliz das apresentações. Além do mais, eu ainda não conseguira vê-lo direito, isto é, ainda não o vira sem um livro diante do rosto.

Tirei o envelope preso no vão da porta. Não queria mais saber de visitas inesperadas. Para manter-me ocupada, peguei um pincel atômico de uma caixa sob o balcão e, no cartaz onde estava escrito *Visitantes são bem-vindos*, acrescentei, *De preferência, que comprem!* Depois me joguei numa cadeira e tentei relaxar.

Cerca de meia hora depois, a campainha acabou com minha paz.

- Os sinos! Os sinos! – Julius fez uma péssima imitação do Corcunda de Notre-Dame, achando-se muito engraçado, e eu me vi diante de uma velha senhora que acabara de entrar. Com seus cabelos cor de púrpura e lábios vermelhos brilhantes, parecia saída de um daqueles antigos filmes de terror. Ela jogou uma pilha de livros no balcão, olhou para meu cartaz e disse:

- Eu também prefiro compradores. E veja que no salão de beleza onde trabalho aparecem bem mais desocupados.

- Não estou comprando hoje – disse, olhando atravessado para a pilha de livros. Eu ainda não aprendera a usar a caixa registradora, nem mesmo sabia se estava autorizada a comprar livros.

- Ah, não? Bem, acredito que você conheça bem o seu ramo. – Ela foi até uma prateleira e começou a folhear alguns livros surrados. Julius olhou para ela:

- Esta é Ava, freqüentadora assídua.

Ava empertigou-se:

- Sou perfeitamente capaz de me apresentar sem ajuda de terceiros, caro Julius – e, dizendo isso, revirou os olhos:

- Espero que Sarah já lhe tenha falado sobre os Românticos Radicais.

- *L'amour, toujours l'amour!* disse Julius efusivamente. Ava continuava olhando para mim à espera de uma resposta:

- Os Românticos Radicais – repetiu bem lentamente, como se eu fosse uma débil mental. – Sarah deve ter-lhe falado sobre nós.

- Não exatamente – resmunguei. – Acabo de chegar.

- Temos um acordo. Pomos nossos livros românticos para circular pelo vilarejo e na loja. Se algum exemplar for vendido, o dinheiro fica com Sarah.

Num movimento rápido, ela substituiu os livros da prateleira pelos que trouxera e enfiou os outros numa bolsa. Também deixou um embrulho sobre o balcão.

- Eu trouxe essas coisas para Sarah. Ela está melhor? Sarah precisa comer. Desilusão amorosa é terrível.

Ao curvar o corpo, chegou tão perto de mim que pude sentir seu hálito de hortelã. Ela me pegou pelo braço, dizendo:

- Veja bem, nunca confiei muito naquele tal de Kai. Ele tem um olhar errante e uma panturrilha muito bem desenhada. Acrescente-se a isso uma parelha de versos rimados e verá que a combinação é letal.

- As pessoas dizem que tenho boas pernas – interrompeu Julius. Ficou de pé, dobrou e subiu a barra das calças.

Ava continuou:

- Não posso jogar conversa fora. Muitas cabeças para lavar.

Saiu da loja rebolando em sua saia justa. Julius não tirou os olhos de cada movimento dela e exclamou:

- Caramba, que mulher!

Mais uma hora se passou, e eu ainda lutava para ligar o computador quando Julius se levantou e se espreguiçou:

- Quer tomar chá da tarde comigo?

- Não, obrigada. Vou ver Sarah. A essa hora, ela já devia estar aqui – respondi. Eu não estava nem um pouco disposta a tomar chá com um fóssil.

- Depois do chá, passo por aqui e dou uma olhada na loja para você. Tenho as chaves daqui – disse ele.

Depois que Julius saiu, dei uma espiada no embrulho que Ava deixara. Havia dentro um sanduíche de cheiro irresistível. Arranquei um pedaço, comi-o gulosamente e fui ver Sarah.

No caminho, dei uma espiada na lanchonete. Esperava que fosse uma daquelas

casas agitadíssimas, com papel de parede com ilustrações ousadas e toalhas de mesa rendadas, mas só vi mesas de pinho sem adornos e acesso à Internet. Era um lugar que valia a pena conhecer. Parei um pouco e vi Julius sentado na janela, acenando para mim e conversando com o Garoto Sarado.

Quando eu ia fugir dali, o garoto voltou a cabeça e, por uma fração de segundos, seus olhos encontraram os meus. Foi como se alguém enfiasse uma pedra de gelo em minhas costas. Baixei o olhar e segui rapidamente meu caminho.

Minha cabeça fervilhava. Por que cargas d'água eu reagira daquele jeito? Por que dissera que iria atrás de Sarah em vez de ir tomar chá com Julius? Se não tivesse feito essa besteira, já teria sido apresentada ao Garoto Sarado. Mas, afinal de contas, por que aquele garoto mexia tanto comigo? Era bem provável que ele tratasse as garotas como bichinhos de estimação, como Jackson fazia, para depois dar o fora.

Uma coisa era certa. Eu teria de tirá-lo definitivamente da minha cabeça porque eu, Jenna Hudson, tinha o incrível talento de fazer sempre a escolha errada.

Capítulo cinco

Sarah se acomodara na cama como uma dessas heroínas românticas em um drama histórico. Seus olhos estavam vermelhos de chorar. Assoou o nariz e disse:

- Me desculpe por não ter ido à loja. Não tive forças.

- Você bem que podia ter me avisado...

Depois pensei melhor: o telefone tinha sido cortado, e eu estava sendo tão chata e ranzinza quanto mamãe nos seus piores dias.

Sarah me deu um sorriso forçado e disse que mandaria religar o telefone no dia seguinte.

- Também não consegui ligar o computador – falei.

Os olhos de Sarah voltaram a se obscurecer:

- Kai tem um truque para ligá-lo.

Mudei rapidamente de assunto:

- Já comeu?

Sarah fez que não. A caminho de casa, eu acabara com o lanche que Ava mandara. Então preparei rapidamente um espaguete com meia lata de atum. Não ficou exatamente uma delícia, mas quem não tem cão casa com gato. Tallulah comeu quase toda a minha parte.

Depois daquela comidinha sem graça, eu peguei um pouco do dinheiro que mamãe deixara com Sarah e fui ao mercadinho em Little Netherby, a menos de 1 quilômetro, a caminho de Greater Netherby.

No trajeto, anotei mentalmente que, no dia seguinte, devia perguntar a Julius que papo era aquele de Little e Greater Netherby.

Ele devia conhecer toda a história local. Imaginei que teria de tomar conta da loja novamente, pois era evidente que Sarah ainda não estava em condições de voltar ao batente.

Mamãe ficaria boba de ver oferecendo-me para trabalhar, cozinhando, fazendo compras. A lembrança de mamãe me despertou um sentimento de culpa, seguido de uma onda de saudade. Havia uma cabine telefônica na frente do mercado.

Talvez um telefonema rápido acabasse com aquele clima “sem palavras” que transformara boa parte das últimas semanas num inferno.

A cabine estava vazia. Não havia papéis nem embalagens nem cartões telefônicos usados jogados pelo chão. Não sei por que, mas de repente eu me flagrei discando primeiro o número de Mia.

A mãe dela atendeu.

- É você, Jenna?

- Sim, sra. Andrews. Estou ligando para falar com Mia.

Os pais de Mia eram banqueiros. Saíam de casa todos os dias às seis da manhã e geralmente voltavam lá pelas dez da noite, depois de freqüentes jantares de negócios. Mia tinha governanta, professor particular de matemática, empregados, muito dinheiro... e a mim para lhe fazer companhia.

Houve uma longa pausa. Depois ela disse:

- Mia está na casa dos Worth tomando aulas particulares de francês com o professor de Becky.

Pensei: "Mia devia estar adorando isso". Ela vivia dizendo que Rebecca Worth era muito metida a besta.

A mãe de Mia suspirou e disse:

- Não me agrada nem um pouco essa história de você e Mia serem amigas. Minha filha não se relaciona com gente problemática. Ela tem um futuro brilhante!

E desligou o telefone. Xinguei mentalmente: " Sua vaca arrogante". Mia não era nenhuma criança. Podia perfeitamente escolher suas amizades . Eu mandaria um e-mail assim que pudesse. Tirei novamente o fone do gancho e disquei para a cada. Foi um alívio quando Marcus atendeu.

- Olá, fofinho" – disse.

— Jenna" – ele parecia contente em ouvir minha voz. – Mamãe foi comprar algumas coisas para nossa viagem surpresa à Flórida.

Fiquei eufórica. Aquilo significava que eu não estava condenada a um verão de exílio com Sarah. Mamãe não vinha me dando força, mas acho que eu merecia, já que lhe causara tantos problemas. Que legal! Sol, areia e montanha-russa!

- Quando partimos? – perguntei.

- Vamos tomar o avião hoje à noite. Pintou uma casa na Flórida por três semanas – continuou Marcus, superanimado.

- Vocês vêm me pegar ou é melhor eu ir de trem para casa? – perguntei, e Marcus começou a desconversar.

- Um amigo de mamãe conseguiu dois lugares de última hora. Mamãe diz que merecemos um descanso depois de todo o stress em que você meteu a família toda. Ela ia ligar pra você hoje à noite.

- O telefone de Sarah está cortado! – respondi.

Mia estivera na Flórida, e eu estava louca pra conhecer os shoppings e parques temáticos dos quais falou. Eu não conseguia acreditar... eles iam viajar sem mim...

- Espero que vocês se divirtam muito!- disse sarcasticamente.

- Obrigado, Jenna! – respondeu Marcus – Vou lhe mandar um cartão-postal.

Fiquei um tempão parada ali, dentro da cabine telefônica, em estado de choque. Depois, todas as minhas emoções começaram a explodir. Saí me arrastando, peguei a estrada e caí fora.

Como mamãe podia viajar sem mim? Por causa do stress que eu causei? E em mim, ninguém pensava? De fato, eu vinha criando problemas desde algumas semanas antes do incidente: chegava tarde em casa, passava a maior parte do

tempo na casa de Mia, falava horas no telefone com Jackson e mentia quando ela me perguntava sobre meus deveres escolares. Mas essas são coisas que todos os adolescentes fazem. Será que ela me odiava tanto a ponto de me exilar naquele inferno de Netherby em vez de voar pelos céus nas montanhas-russas? Não é fácil ser expulsa da escola. Será que mamãe não parou nem um minuto para perguntar como eu me sentia? Não percebia que, naquele momento, eu precisava de apoio e estímulo, em vez de ser expulsa de casa? Era evidente que em Little Netherby eu não conseguiria nem uma coisa nem outra, pois tia Sarah não estava em condições de cuidar nem de si mesma, imagine de uma garota como eu.

Sentei-me debaixo de uma árvore. Como não havia ninguém à vista, abri a parte da minha mente onde guardava todos os meus sentimentos infelizes a respeito de Mia e Jackson, misturando-os com a tristeza de ter sido abandonada por mamãe e por Marcus. Toda a minha raiva, mágoa e tristeza entraram em ebulição, e delas fluíu um líquido que deixei aflorar na forma de um mar de lágrimas. Fazia tempo que vinha reprimindo essas coisas. Naquele momento, extravasei. Chorei como nunca.

Minutos depois, já me sentia melhor.

Assoava o nariz, quando um galhinho caiu da árvore e veio parar bem nos meus pés, seguido pelo som de alguém se mexendo. Olhei para cima esperando ver um pássaro ou um esquilo, mas dei de cara com uma menina. Seu cabelo estava preso numa trança e ela usava um macacão. Sua expressão era muito viva.

- Árvores não gostam de choro. Ficam muito aborrecidas – disse ela, descendo por um galho e se aproximando. Deu umas pancadinhas na casca da árvore, sentou-se a meu lado e disse:

- Você não é daqui.

Ela devia ter uns dez anos.

Continuou me olhando fixamente, até que me vi obrigada a dizer algo:

- Meu nome é Jenna e trabalho no sebo.

A menina sorriu:

- Eu sou Aurora, que significa “amanhecer”. Me deram esse nome porque vim ao mundo quando o dia nasceu. Sarah é legal. Ela emprestou um livro sobre árvores a meu irmão e agora fazemos um jogo maravilhoso. Ele me traz uma folha e eu tenho de adivinhar de que árvore que ela foi tirada.

- Muito interessante!- respondi. Mais alguns dias em Netherby e o tédio me levaria a participar desse jogo.

- Logo, logo iremos ao sebo. Meu irmão adora livros.

Levantei-me para ir embora:

- Você ficará bem aqui, sozinha no meio desse nada?

A menina começou a rir:

- Eu moro aqui, sua tonta. Esta é a minha casa da árvore – apontou para cima, para uma construção de madeira oculta entre os ramos, e disse solenemente:

- Todas essas árvores, flores e campos são meus. Até onde seus olhos podem ver mais além, tudo é meu.

Sorri, esperando que ela me apresentasse a seus amigos elfos e duendes, que certamente moravam com ela na árvore, a menina me devolveu o sorriso:

- Gostei de você, Jenna. Você é estranha.

- MUITÍSSIMO obrigada – respondi.
- Você não parece com as outras pessoas daqui. Gosto de seu cabelo vermelho e castanho com mechas douradas.

- São luzes – expliquei.

- Ficou lindo! – disse ela, emocionada.

Comecei a rir. Ela era tão engraçada quanto a um elfo.

- Seus olhos são verdes como os de um gato. Aposto que você é interessante – ela dizia essas coisas sem desviar os olhos de mim.

Ri novamente:

- Não sou. Minha mãe lhe diria que sou chata. Nunca faço o que mandam fazer.

Aurora deu uns gritinhos de alegria, caprichou no tom de voz e apontou o dedo pra mim:

- Você é teimosa e não está nem aí com a autoridade?

Sorri:

- Não tenha dúvida.

- Vocês estava chorando porque está com raiva de alguém? – perguntou

Fiz que sim e disse:

- Principalmente de mim.

- Minha mãe fica com raiva de si mesma quando não consegue entrar num vestido. Meu irmão fica uma fera quando não está se sentindo bem. E você, por que está com raiva?

Ouvi outra movimentação na árvore. Olhei para cima, esperando ver um duende, mas não havia nada ali.

-Qualquer coisa me tira do sério – disse a ela. – Desde o jeito que meu cabelo fica de manhã até o modo como estamos poluindo planeta. Mas odeio mesmo o fato de que, quando tenho duas opções, sempre acabo escolhendo a pior delas.

Ouvi mais um ruído na árvore.

- Tem alguém lá em cima? – perguntei, em pânico. Será que a minha choradeira tinha tido outra testemunha? No mesmo instante, ouvi um miado. Aurora pôs-se a rir:

- É só Curiosity, meu gato. A gente o chama de Curio para ficar mais fácil. Você pode ser minha amiga, Jenna.

Concordei e sorri:

- Muito obrigada. É uma grande honra. Tchau.

Aurora riu novamente:

- A gente se vê por aí, Jenna. Gosto de você.

Ainda que ela não fosse desse planeta, gostei dela também.

Para minha surpresa, o mercadinho era muito bem abastecido. Tinha até três tipos de ração para gatos.

- Tallulah gosta das melhores marcas – disse a mulher por trás do balcão. O fato de todos me conhecerem começava a me pirar. Em Londres, eu tinha vizinhos que me viram crescer, mas que jamais me reconheceriam, muito menos saberiam qual era a ração favorita de minha gata.

- Então me diga: de que ração Curio gosta?

A mulher me olhou, meio assustada. Era bom que aquelas pessoas se tocassem de que não sabiam absolutamente tudo sobre todos. Além disso, era bem provável

que elfos não tivessem dinheiro para comprar ração.

Quando voltei, Sarah se vestira e estava no jardim com um grande bule de chá.

Ela suspirou e disse:

- estou um pouco melhor.

Contei meus encontros com Julius e Ava na loja, mas nada falei sobre Aurora.

Não gosto que minhas crises de choro se tornem públicas. Sarah serviu-me de chá:

- Eu devia ter-lhe falado sobre eles. É gente boa e inofensiva.

- E os Românticos Radicais? São inofensivos também?

- Tenha cuidado, muito cuidado... Os românticos Radicais levam muito a sério uma boa história de amor – disse Sarah com um sorriso forçado. – Eles têm um inesgotável apetite por romances.

Fiz um gesto indicando que esse comentário morria ali, e em seguida perguntei:

- Quem são eles?

- Ativos mesmo, três. Ava é a mais prolífica leitora de romances. Dizem que chega a ler quatro por dia. E também Gina e Muriel. Elas dirigem o brechó

- Não consigo imaginar nada mais chato do que passar a vida lendo histórias de amor.

- Isso porque você ainda não se apaixonou... - começou Sarah, mas em seguida se deteve: - Sinto muito. Fui muito presunçosa ao dizer isso. Vai ver que você já se apaixonou várias vezes.

Para desviar a conversa de minha “vida amorosa”, perguntei:

- e você, quantas vezes já se apaixonou?

Foi a vez de Sarah ficar enroscada:

- Que pergunta difícil...

No mesmo instante me arrependi da pergunta. Não estava nem um pouco interessada na resposta de Sarah. Ela não tinha o “filtro” de mamãe para lidar com crianças. Mamãe teria dito para eu não me intrometer na vida dela, ou daria o mínimo de informação possível. Com Sarah, a coisa era imprevisível:

- Tive namorados... – começou ela.

Comecei a ficar aflita. Por favor, por favor, por favor, poupe-me dos detalhes sórdidos...

- Houve ocasiões em que pensei estar apaixonada, duas vezes.

Ante que eu conseguisse me controlar, perguntei:

- Qual é a diferença entre pensar que é amor e saber que você está apaixonada?

Que tudo não passa de uma paixão intensa, mas sem importância? – eu pensava como eram confusos meus sentimentos em relação a Jackson.

- Você sabe que é amor quando está disposta a arriscar tudo pela pessoa. Até mesmo a separação.

O rosto de Sarah começou a se fechar, mas em vez de desmoronar, ela olhou o relógio e disse:

- Já são cinco e quinze. Você pode ficar aqui e descansar. Vou à loja. Nesta época do ano, sempre temos alguns turistas em Netherby.

- Você quer que eu trabalhe com você? – perguntei.

- Conto com sua ajuda, Jenna. O verão é uma época muito agitada. E lhe pago quando puder. Até mais tarde.

Subi para meu quarto, me deitei e, pela primeira vez desde que saí de Londres,

tirei a foto amarrotada de Jackson da minha bolsa. Ele era lindo até quando se esforçava para parecer desprezível e mal-humorado. Era o clássico modelo de capa de revista, muito mais do que o Garoto Sarado.

Sorri ao me lembrar o dia em que Jackson me deu a foto. Não havia ninguém por perto. Mia não fora à escola por causa de um resfriado. Jackson teve de ir para renovar o passe escolar, e tomamos um ônibus para comer pizza em Leicester Square. Ficamos um tempão andando pela praça, observando os tipos que circulavam.

Fizemos um jogo bobo que chamávamos de “Aquele é o seu namorado/ Aquela é a sua namorada”. Apontávamos para um transeunte e gritávamos: “Olha a sua namorada!” Fazia ponto para o primeiro que gritasse. A idéia do jogo, se é que havia alguma, era apontar o maior número possível de gente estranha e gritar que era namorado/ namorada do adversário. Ficamos jogando durante horas, rindo feito dois malucos.

- Você é incrível, Jenna – disse Jackson na volta, quando me deu uma de suas fotos. Quando Mia viu no dia seguinte, insistiu para que nós três tirássemos mais fotos, o que foi muito divertido.

Mia era uma ótima companhia, mas a gente terminava fazendo só o que ela queria. Tudo começou quando ela veio para a oitava série na escola Coot’s Hill, aos doze anos. Ela sabia lidar com as outras garotas e com os professores e ninguém se atrevia a contrariá-la. Eu estava numa luta insana, tentando fazer amigos e acompanhar o curso.

De repente, uma imagem de Mia me veio à memória. Ela era mais alta e mais magra do que eu. Para ser exata, 1 centímetro e meio mais alta. Seu cabelo era mais comprido, seu pai tinha mais dinheiro do que o meu... Mia era muito boa em estatísticas, principalmente quando a conta fosse favorável a ela. Não havia limites para ela. A sra. Andrews descrevia a filha como “grande vencedora”; minha mãe dizia que ela vivia em busca de atenção. Mamãe nunca gostou de Mia, um motivo forte para eu gostar.

Pouco depois, Jackson voltou para nossa escola. No curso fundamental, ele era uma garoto muito chato que só falava em futebol e era alucinado por um time. A coisa mais profunda que ouvi dele naquela época foi:

- Por qual time você torce?

Ele fora transferido para outra escola e fazia séculos que eu nem pensava nele. Mas aquele garotinho sem graça se transformou num garotão maravilhoso: alto, musculoso, bem vestido. Ele não teve escolha. Mia era o rastreador. Ele, o alvo. Quando entrou para nossa turma, as coisas se complicaram. Eu sabia que Mia gostava dele, mas eu também queria ficar com ele. Queria que ele me beijasse, que as pessoas soubessem que eu estava saindo com ele. Queria um envolvimento.

Para me livrar dessas lembranças, fiquei horas lavando o cabelo. Depois fui sentar no quintal, para deixá-lo secar enquanto lia um romance policial que encontrei na sala. Quando já estava envolvida na leitura, um boné apareceu no quintal ao lado e alguém disse:

- E aí?

Sorri e disse:

- Tudo bem.

- Belo trabalho no jardim. A gente já te viu dando um role por essa cidadezinha interiorana – disse ele com um sorriso afetado. – Meu nome é Charlie.

Ouvi uma porta se abrindo e apareceu outra figura por trás da cerca. Uma versão mais alta e mais desajeitada de Charlie, usando uma grossa corrente de prata no pescoço.

- Qual a mina que você tá azarando, mano? – perguntou a figura com um sotaque gangster-rap meio forçado.

Charlie nos apresentou:

- Este é Freddie, meu irmão caçula.

- Descolado e encantador – disse ele, piscando.

Cravei os olhos nele. Ele ficou vermelho, começou a mexer na corrente e desapareceu.

- Não leve esse cara a sério. Ele só está passando por mais uma fase. Ano passado, queria ser jogador de futebol, agora pegou mania de falar com sotaque hip-hop. Não sabe o que quer. Nós tocamos numa banda anti-folk.

Dei sinal de que entendia:

- Sarah me falou de vocês dois.

- Você devia ouvir a gente tocar no solar Netherby qualquer dia – disse ele.

Concordei. Eu me sentia como se tivesse perdido a capacidade de formar frases, o que era estranho porque, quando estava com Mia e Jackson, não parava de falar. Pensei que talvez todo aquele ar fresco e saudável do campo estivesse afetando meu cérebro.

A vida estava dando umas reviravoltas estranhas. Talvez eu pudesse me enturmar com Charlie e Freddie. Quem sabe acabaria até conhecendo o Garoto Saudável? Nada mau! Pelo menos, enquanto Mia não resolvesse falar a verdade. Depois, minha vida voltaria ao normal.

Capítulo seis

Depois que Charlie e Freddie voltara para dentro da casa, deitei-me na relva macia do jardim e fechei os olhos. O sol poente acariciava meu rosto e eu disse a mim mesma que estava absorvendo vitamina D e tentei não pensar em câncer de pele ou envelhecimento. Mia se cuidava muito bem contra o envelhecimento da pele. Nunca saía de casa sem se lambuzar de protetor solar fator 50 e protetor labial.

Era Mia quem decidia de quem não íamos mais gostar, ou com quem iríamos aprontar alguma. Ela escolhia os professores que devíamos impressionar, mas também aqueles cujas vidas iríamos infernizar. Foi ela quem me mandou abandonar o coral no último semestre, porque “era careta”. Não foi fácil, porque eu gostava de cantar, mas fiquei feliz em concordar com ela. Quando você conhece alguém como Mia, passa a ser fiel. As antenas dela para saber o que era careta ou não estavam sempre ligadas. O fato de ter ficado conhecida como amiga de Mia facilitou minha vida na escola.

Mia sempre achou que tinha direito automático a tudo, enquanto eu sempre acreditei que não era uma pessoa boa suficiente. Essa era a grande diferença entre nós. Na maior parte do tempo, era engraçado observar Mia correr todos os

riscos. Eu já sou o tipo de pessoa que se sai melhor quando atua “nos bastidores”. Mia ate me disse, certa vez:

- Quando eu for famosa, você será minha assistente.

Mas com Jackson, as coisas não correram conforme ela planejou.

Quanto mais tentava impressiona-lo, pior ficava a situação. Ela vivia pedindo a Jackson que lhe ensinasse gírias jamaicanas, até que um dia ele disse:

- Por que você fica me pedindo isso? Minha mãe é nigeriana e meu pai, londrino! Depois veio a festa de fim de semestre. Eu entrei em êxtase quando Jackson me tirou para a última dança e me beijou. Depois, ele me levou para casa e disse:

- A gente se vê.

Onde ele estaria agora? Treinando futebol e sendo perseguido por garotas. Eu, pelo menos, nunca corri atrás dele. Quem me tirou pra dança foi ele. Foi a mim que ele beijou no fim da festa.

Se eu soubesse como aquela noite seria complicada, jamais teria ido à festa.

Foram tantas conseqüências...

Meu rosto ardia, e eu não sabia se era por causa do sol ou pela força daquelas lembranças.

Capítulo sete

- Vamos fechar a loja mais cedo para ir à festa de verão no solar Netherby – anunciou Sarah. – Começa às duas horas.

- Eeeeba – falei. Uma mudança de ares, pelo menos.

A semana fora bem difícil. Quase não aparecem visitantes. Compradores então...

Houve um dia em que a única visita além de Julius, foi Tallulah, interessada apenas em se lamber nas partes embaraçosas e cochilar na almofada.

Incrível como o fato de se estar morrendo de tédio pode ser motivador. Limpei cada centímetro do balcão, e, para dar impressão de sofisticação, deixei um clássico semi-aberto no balcão. Também descobri um livro de poemas e estava gostando de quebrar a cabeça, tentando entendê-los. E assim as coisas iam rolando naquele mar de tédio. O pior era que todas as vezes em que eu me sentia linda e pronta para vê-lo, o Garoto Sarado não dava as caras.

Mas aquela manhã de sábado passou rápido, até porque apareceram alguns clientes. Quando os atendia, Sarah virava outra pessoa: mais confiante. Ela conhecia muito bem livros antigos. Dona MacLean, da farmácia, estava no sétimo céu porque Sarah conseguira para ela um livro que já estava esgotado fazia tempo.

Sarah só não se lembrava de comer. Por volta do meio-dia, falei que ia sair para almoçar.

A lanchonete era clara e arejada. Pedi um café e algum tempo de Internet. A garçonete usava um penteado ultra-moderno e poderia trabalhar em Londres de tão antipática que era. De início, sorri, mas logo parei e fechei a cara. A frieza dela era um alívio. Sorrir e cumprimentar gente desconhecida é um saco. Além disso, eu queria um tempo só pra mim.

Enviei um e-mail a mamãe dizendo que estava bem, que Sarah logo religaria o telefone e que eu esperava que ela estivesse tendo feias maravilhosas. Disse que

não se preocupasse comigo, que andava bem ocupada, trabalhando na loja, cozinhando e limpando a casa. Quem sabe essas informações não me renderiam um presentinho...

Fiquei bem mais tempo escrevendo o e-mail de Mia. Contei que estava dividindo um chalé com minha tia Sarah e trabalhando com ela e que estava sendo tratada como uma adulta. Que Netherby era um lugar incrível, que tinha seu próprio festival. Também falei do garoto misterioso que eu estava paquerando. Afirmei que esperava que sua mãe não estivesse pegando pesado e que seu pai voltasse logo de sua viagem de negócios para que ela pudesse arcar sua parte de responsabilidade naquilo que fizemos.

Charlie e Freddie entraram na lanchonete quando eu estava terminando de escrever para Mia. Usavam bonés iguais, e Freddie desfilava uns óculos escuros pavorosos. Quando ele me viu, ele ergueu o punho e disse:

- Essa é minha amiga Jenna!

Em seguida, esparramou-se ao meu lado, onde ficou numa pose bem afetada. Quando viu que Charlie comprara um pedaço de bolo, reclamou, quase choramingando:

- Compro só pra você? E pra mim?

Charlie deu um sorriso irônico e perguntou se eu aceitava algo. Fiz que não.

Freddie disse:

- Que tal mais um café? Vou buscar pra você – levantou-se e foi fazer o pedido.

- Quanto tempo vai durar essa fase hip-hop? – perguntei a Charlie.

- Muito – disse ele, rindo – O pior é que, como ele é mais alto do que eu, as pessoas pensam que também é mais velho. Mas eu tenho dezessete anos, e ele é dois anos mais novo.

- Não deve ser fácil. Meu irmão, Marcus, tem só oito anos. Não tenho esse problema – respondi.

- Às vezes, ele me deixa louco – disse Charlie. – Outras, me faz rir. O barato é que é um grande guitarrista. Se tranca no quarto e estuda por horas e horas, o que é muito bom para a banda. O que não é legal é ter de ligar para mamãe toda noite para dizer que ele está bem.

A Garota Gelada trouxe meu café, quase todo entornado no pires.

- e aí, Cleo, já conhece Jenna? – perguntou Charlie.

Ela fez que sim e mal abriu os lábios pra resmungar “Olá”.

- Ela está na casa de Sarah – explicou Freddie, comendo um pedaço do bolo de Charlie.

- estou trabalhando na livraria – acrescetei.

Não sei bem por que, mas parte de mim desejava impressiona-la.

Cleo me mediu como se eu tivesse saído do esgoto e disse:

- Não compro livros usados.

- Encontrei um livro incrível sobre críquete lá... – começou Freddie, mas logo parou e voltou ao seu estilo gangster:

- É! Livro usado é sujeira.

Irritada, retruquei que gostava muito de trabalhar na livraria e tomei meu café num só gole.

Justo nesse momento, outra voz se fez ouvir:

- Sebos são lugares incríveis. A gente nunca sabe o que pode encontrar.

Meu pensamento voltou feito um raio a imagem de um peito nu e engasguei. Charlie só fez piorar as coisas: querendo ser gentil, começou a me dar tapas nas costas.

Ao ver o Garoto Sarado, Cleo se garota Gelada em Gatinha Empolgada. Seus olhos brilharam, ela o agarrou e lhe deu um abraço de quebrar os ossos. Depois cochichou em seu ouvido e não desgrudou mais dele. E nada disso parecia incomodá-lo, ela o arrastou para mostrar uma coisa “importantíssima” no outro extremo da lanchonete. Só me restava observá-lo de longe.

Terminei de tomar meu café e fiquei olhando para o infinito enquanto meu cérebro permanecia emperrado no Garoto Sarado. Ele era mais ou menos da minha altura, tinha um corpo musculoso e um cabelo necessitado de corte. Sua camisa era bem apertada, seus tênis estavam gastos. Tinha nariz afilado e engraçado. A boca parecia imensa naquele rosto, e ele a contorcia demais quando falava. O efeito total era deeee-vas-ta-dor!

Capítulo Oito

Não era só o calor que me agoniava enquanto Sarah e eu nos arrastávamos até o solar Netherby. Imagens do Garoto Sarado invadiam minha cabeça, me inquietavam. Por que fui contar a Mia sobre ele? Eu já não decidira que não me envolveria mais com garotos?

Notei algo diferente em Sarah. Levei um tempão para descobrir o que era, até que a ficha caiu: ela não estava tilintando. Não estava usando anéis e pulseiras. Acho que foi a primeira vez na vida que a vi assim despojada.

Ela percebeu que eu notara:

- Resolvi fazer outro tipo, e vendi todas. Olhe, lá vem Julius.

Ela saiu andando na frente antes que eu abrisse a boca.

Julius estava no gramado, ocupado, “armando” um grupo de escoteiros com baldes de água e esponjas. Ele disse:

- Ganha quem me atingir bem no nariz com uma esponja encharcada. É muito divertido! – e pôs um nariz de palhaço.

A brincadeira parecia deixar todos eufóricos. Fiquei pensando em Marcus, que vivia atrás de qualquer pretexto para se molhar. Senti uma pontada. Jamais passou pela minha cabeça que eu iria sentir falta de meu irmãozinho! Antes, eu só queria saber de estar com meus amigos. Eu podia dizer o que Mia estava sentindo a cada minuto do dia, porque a gente nunca se largava. Quanto a Jackson, era difícil decifrar o que se passava em sua cabeça, mas era divertido tentar descobrir. Agora, eu não tinha nenhum amigo em Little Netherby, mas não estava dando a mínima. Não ia ficar muito tempo mesmo, e a ausência de amigos era a certeza de que ninguém me magoaria.

O gramado foi ficando lotado. Examinei o solar Netherby. Era uma mansão enorme, construída em pedra. O gramado estava cheio de barracas e havia ainda uma orquestra num canto. Senti alguém me pegar firmemente pelo braço:

- Olá, Ava – disse.

Ela continuou me puxando, praticamente me arrastando, na direção da casa:

- Rápido, reservei um lugar para você. pode me pagar depois.

Eu não fazia idéia do que estava rolando. Desaprovei:

- Ninguém vai pintar meu rosto.

- Do que você está falando? Vamos fazer um *tour* pela casa. Hugh Netherby só abre a mansão uma vez por ano. É difícil conseguir lugar... vamos logo! Não tive coragem de dizer que não estava interessada em saber como era o solar Netherby por dentro.

Ava começou a papear com duas senhoras do brechó beneficente. Apresentou-as como Muriel e Gina, membros dos Românticos Radicais. Era difícil saber quem era quem, porque as duas usavam penteados idênticos. Decidi jamais cortar meu cabelo no salão de Ava e perguntei:

- Quem são os Netherby? – nunca me ocorrera perguntar a Julius. Ava explicou:

- Os Netherby vivem aqui há séculos. São proprietários de quase todas as terras, daí a razão pela qual tudo leva o nome deles. Passaram por uma crise no século XIX, depois da trágica e prematura morte de Eveline. A propriedade ficou para um primo distante, que trabalhava como balconista em Londres. Eveline era famosa por sua beleza, mas morreu antes de casar e gerar um herdeiro. Foi consumida pela tuberculose. Simplesmente apagou-se – acrescentou Muriel.

- Jamais vou entender por que as mulheres não podiam ser herdeiras – falei, enquanto entrávamos pela porta principal.

- Somos o sexo frágil, esqueceu? – respondeu Muriel. Todas riram.

Ava me disse baixinho:

- Por isso os maridos das duas já morreram há muitos anos e nós estamos aqui, feito rochas.

Passou um dedo em um móvel e soltou um suspiro de desaprovação. Fina concordou:

- Está precisando de uma boa limpeza.

O saguão de entrada tinha um aspecto empoeirado e gasto, mas era muito bonito. As paredes eram revestidas com painéis de madeira e no piso havia velhos tapetes persas.

Sheila, a guia, chegou. Pudemos ver o jardim de inverno, o salão, a sala de jantar e uma galeria. Depois de algum tempo, cansada de seguir o rebanho, me afastei das “garotas”, que cacarejavam ao lado de um pavoroso serviço de chá chinês, e voltei para ver melhor a galeria. Ela estava deserta, mas não parecia vazia.

Absorvera tanta vida ao longo dos séculos que se sentia vida na atmosfera. As janelas filtravam a luz do sol, minúsculos fragmentos de poeira tremulavam e dançavam em seus raios. Meus passos faziam o piso ranger.

Ouvi o ranger de uma porta. Achei que fosse Ava vindo me buscar.

- Acha que ela sabia que morreria tão cedo? – perguntei.

Depois de um silêncio, ouvi uma voz familiar, que não era de Ava:

- Todos nós vamos morrer um dia.

- Menos eu! – brinquei enquanto me virava na direção da voz e vi o Garoto Sarado banhado pela luz do sol, segurando um buquê de belas rosas brancas. Por um instante, antes que ele sorrisse, percebi em seus olhos a mesma tristeza dos olhos de Eveline. Havia algo irreal em sua atitude, como se ele fosse um retrato que de repente tivesse ganhado a vida.

Vê-lo fez tudo dentro de mim andar em câmera lenta, menos meu coração, acelerado.

A risada dele quebrou o encantamento. Ele se aproximou, olhou para o retrato e

disse:

- É um belo quadro, mas prefiro este aqui – andou até o outro extremo da galeria e parou diante do retrato de um homem grande e gordo, de olhos sorridentes, acompanhado por um cachorro. Ao lado deles, havia um grande telescópio.

- Este é Septimus Netherby, um malandro que passou toda a juventude jogando e torrando a fortuna da família. Uma crise violenta de gota fez com que ele se voltasse para a jardinagem e a observação de estrelas. Ele plantou a maior parte das árvores daqui e construiu a gruta e o templo no jardim. Seu melhor amigo era Brutus, o cão. Quando Brutus morreu, ele construiu um enorme mausoléu ao lado da mansão, duas vezes maior do que o que ele mandou construir para sua esposa. Seu telescópio ainda está na biblioteca.

- Você conhece tudo aqui! – falei, tentando não olhar pra ele.

- Passo muito tempo aqui.

- Acho que vou procurar Ava – respondi, sem sair do lugar. Era como se ele fosse um ímã e eu, um pedaço de metal.

Pairava um silêncio constrangedor. Ele olhou para as rosas e disse:

- Acho melhor dar um jeito nelas.

E saímos dali ao mesmo tempo. Ele colocou as flores num grande vaso chinês e tomamos saídas diferentes.

Pelo menos dessa vez eu não estava com o cabelo cheio de teias de aranha e não gaguejei.

Encontrei Ava e suas amigas no jardim interno. Sheila explicava tudo sobre a gruta e o templo, dizendo que, naquela época, foram considerados extravagâncias. Eu não ouvia nada, nem Ava e suas amigas, que andavam ao redor do pequeno templo em estilo grego como se estivessem participando de um drama histórico.

Algumas pessoas olharam feio, e Sheila pediu que se calassem. Elas a ignoraram e continuaram a “representação”.

Voltei para a frente da casa e circulei um pouco entre as barracas. Sentia-se um clima agradável, pois todos pareciam se conhecer. Se Mia estivesse ali, formaríamos uma dupla inseparável e provavelmente estaríamos rindo muito, porque tudo parecia muito chato e infantil, e Mia odiava esse tipo de festa.

Alguém me puxou:

- Jenna, você precisa passar em minha barraca – disse Aurora. – Em todas as outras só tem frango.

- OK! – respondi.

- Você precisa comer um doughnuts especiais em oito segundos – e pegou um grande doughnut polvilhado com açúcar.

- Fácil – falei, porque estava faminta.

- Sem lamber os lábios – disse Aurora. – Se você conseguir, ganha um libra.

- Já ganhei... – falei, mas sem muita convicção. Por sorte, a barraca de Aurora ficava num canto bem tranquilo. Não havia ninguém por perto.

Quando comecei a comer o maior e mais açucarado doughnut de toda a minha vida, apareceu um grupo de escoteiros e todos, inclusive Aurora, começaram a gritar.

- Vai, Jenna! Vai, Jenna!

Eu estava totalmente concentrada em ganhar o prêmio. O açúcar começou a

grudar em meus lábios. A gritaria aumentou. Aurora adicionou um cronômetro. Meus lábios começaram a coçar e formigar. Eu estava desesperada pra lambelos, mas me contive. Podia sentir os movimentos involuntários da minha língua querendo lambe. Sem querer, mordi a língua. Eu já estava me considerando vitoriosa quando vi quatro olhos grudados em mim. Dois eram de Cleo. Sua expressão misturava triunfo e zombaria. Ao lado dela, rindo, estava o Garoto Sarado.

Faltando apenas três segundos, lambi os lábios e saí dali o mais depressa que pude. Por que eu sempre fazia papel de boba? Fui me esconder atrás de uma marquise e comecei a limpar os lábios. Senti gosto de sangue na boca e lembrei-me de que tinha mordido a língua. Resolvi ficar ali mais uns minutos, para depois procurar Sarah e dizer que iria embora.

- Beba isso. Vai tirar o gosto forte de açúcar.

Ele de novo! O Garoto Sarado me oferecia água num copo de papel.

Provavelmente estava ali para rir de mim.

- Obrigada – respondi friamente e tomei um gole.

Ele se sentou a meu lado.

- Você foi demais! Meu melhor tempo foram trinta segundos, e Cleo é um fiasco. Só consegue ficar uns cinco segundos sem lambe os lábios – e sorriu.

Estava tão perto que eu podia sentir seu braço ao lado do meu, mesmo sem contato. Ele cheirava terra e limão. Senti-me dominada por sua presença e não consegui dizer nada.

Ele ficou ali comigo. Havia nele uma delicadeza com a qual eu não sabia lidar. Ele não era igual a nenhum dos garotos que eu conhecia. Se fosse Jackson, estaria rindo. Depois, tentaria me superar na competição dos doughnuts. Ou fingiria não ter entendido as regras do jogo e armaria alguma confusão. Tanto ele quanto Mia fariam o possível para se tornar o centro das atenções. E eu teria rido junto com eles e me juntado a confusão, disfarçando meu constrangimento em meio ao barulho.

Esse garoto era diferente.

Eu ainda sentia o gosto do sangue em minha língua.

- Estou sangrando – falei.

Ele se retraiu, assustado.

- Sangue me apavora – disse, afastando-se rapidamente.

Levantei para ir embora.

- Desculpem, eu não quis ser rude – ele gaguejou.

- Preciso ir – respondi, saindo.

- Posso lhe mostrar mais coisas por aqui depois que todo mundo for embora.

Mas eu continuei andando, enquanto meu cérebro berrava:

“Tonta! Tonta! Tonta!”

Capítulo Nove

- Ficarei fora uns dias. Vou comprar livros. Julius vai dar uma força na loja e Ava passará aqui toda noite – disse Sarah me segunda de manhã.

Quando Marcus era bebê, mamãe nunca me deixou tomar conta dele por mais de duas horas. E enquanto estivesse fora, ligava a cada cinco minutos para saber se

estava tudo bem. E ali estava Sarah dizendo que ia ficar alguns dias fora, mesmo com o telefone cortado. Fiquei chocada.

Mas ela não era totalmente irresponsável: deixou o endereço do veterinário para o caso de Tallulah precisar. Também deixou comida na geladeira. Acho que eu deveria me sentir agradecida.

Julius estava muito ativo quando cheguei à loja:

- É ótimo voltar a direção desta casa – disse ele, antes de afundar em sua poltrona e me passar o comando.

- Sebos dão dinheiro? – perguntei.

- Você pode ficar rica se descobrir um livro raro. A esperança é a última que morre.

- E os discos de vinil? – perguntei, empurrando com os pés a caixa de discos de Kai.

Julius fez um sinal positivo:

- A mesma regra se aplica, desde que os discos sejam raros, procurados e estejam em boas condições.

E me passou algumas revistas especializadas:

- Leia e sonhe!

A falta de televisão devia estar me deixando lelé, porque me vi interessada! O dinheiro que se podia ganhar com a venda de livros raros era espantoso. Eu estava sonhando acordada com a descoberta de um livro raro quando Aurora chegou.

- Sem doughnuts, por favor – levantei as mãos fingindo-me horrorizada.

Ela riu:

- Passei para vê-la. Agora que as aulas acabaram, você vai cansar de me ver. Meu irmão, que faz faculdade em Londres, também veio passar algum tempo em casa. Ele sempre vem comprar livros.

Aurora ficou um tempão falando de sua barraca, do dinheiro que ganhara, de quantos doughnuts teve de comer para demonstrar experiência, da barraca que ia montar no Festival Netherby.... Não parava nem para respirar. Eu já não ouvia mais nada, quando ela disse:

- Vá tomar chá comigo amanhã.

- Tem lugar pra mim na sua casa da árvore? Curio vai querer dividir espaço?

Aurora riu:

- Não é nada disso. Mamãe vai preparar um lanche para nós. Encontro com você às três a tarde na minha árvore.

A idéia de lanchar numa casa de árvore com Aurora não era exatamente o que eu queria, mas era ao menos uma oportunidade de comer bem. E eu ainda economizaria o dinheiro que Sarah me deixara.

- Combinado – falei. – Acho que Julius não vai se incomodar de tomar conta da loja.

Foi quando a campainha da loja tocou e Aurora disse:

- Gabriel!! O que o trouxe tão longe? Acabei de convidar Jenna pra um chá.

- Ela deve estar torrando sua paciência – respondeu ele, rindo.

Então o nome dele é Gabriel!

- Ela é incapaz de aceitar um “não” como resposta.

Apoiou o corpo no balcão, olhou para as minhas revistas e perguntou:

- Você também gosta de livros?

Demorei a responder, tentando achar uma resposta interessante. Mas ele respondeu por mim:

- Que pergunta mais idiota! Afinal, você trabalha aqui!

- estou só ajudando Sarah – respondi. Ooops! Porque minha voz estava saindo tão doce?

Aurora pulou para cima do balcão, colocando-se entre nós dois:

- Sshh! Vocês vão acordar Julius. Quando será que ele vai terminar de ler aquele livro?

Julius adormecera com o livro caído sobre o peito.

- Ele está lendo esse livro há séculos – disse Gabriel, rindo.

Depois, ele deu uma olhada pela loja e viu a caixa de discos de Kai:

- Quer dizer que Kai ainda não voltou?

- Não se sabe se voltará – resmunguei.

- Ele volta! Ele não se mandaria sem levar sua preciosa coleção de discos. Posso dar uma olhada?

Gabriel saltou o balcão e foi direto para a caixa de discos. Pensei que toda aquela agilidade se devia ao fato de ele viver numa árvore. Ele se agachou e começou a examinar a coleção.

- O que você acha de Kai? – perguntei. Estava interessada em saber a opinião dele.

Aurora se intrometeu e disse:

- Mamãe diz que ele é um espírito livre com uma profunda alma poética.

Gabriel fechou a cara:

- ela não disse nada disso!

- Disse sim! Ouvi mamãe dizendo que ele precisava se livrar daquele fardo.

Fiquei irritada. Como alguém podia descrever Sarah como um fardo? Só uma pessoa muito inconseqüente poderia referir-se a ela desse jeito.

Gabriel cutucou Aurora e olhou pra mim dizendo:

- Jenna não está a fim de ouvir bobagens, Aurora. Kai é um cara legal. Às vezes, me empresta alguns de seus discos. Toco numa banda, e ele ajuda na passagem de som.

Ele disse meu nome como se me conhecesse há séculos!

Capítulo Dez

Ava apareceu com um delicioso picadinho. Enquanto eu me empanturrava, ela se sentou no sofá com uma grande caixa de papelão.

- Estou fazendo pompons para as escoteiras - disse enquanto pegava alguns pedaços de papelão para enrolar lã em volta deles.

Quando eu estava terminando meu segundo prato, ela disse:

- Ouvi dizer que você é uma garota problema.

Respondi secamente:

- Respeite meus sentimentos.

Ava prosseguiu:

- Lido muito bem com adolescentes problemáticos e com bebês na terrível fase dos dois anos de idade. Na verdade, eles são muito parecidos: muita gritaria e muita cara amarrada.

- E de onde vem toda essa perícia com adolescentes problemáticos? - levantei uma sombrancelha do jeito que Mia sempre fazia com professores substitutos.

Ava tomou mais um gole de seu café:

- Do fato de eu mesma ter sido terrível.

- Não diga! Você ficava acordada até meia-noite e não escovava os dentes? - perguntei em tom de deboche.

- É essa sua idéia de rebeldia? Eu dançava nua em volta do solar de Netherby, apaixonava-me sempre pelos garotos errados e cometia um monte de erros estúpidos.

Tentei imaginar como seria Ava nua. Como se adivinhasse meus pensamentos, Tallulah começou a miar alto. Levantei e fui dar razão a ela, rindo sozinha diante de uma Ava "rebelde". Depois me recompus e voltei para a sala.

- Ser uma mulher bonita pode ser um peso insuportável – dizia Ava, enquanto tirava de uma bolsa algumas balas de hortelã e umas fotos amarrotadas.

A primeira foto mostrava uma bela jovem de cabelos pretos, com um sorriso que não me era estranho.

- Se nessa época eu soubesse tudo o que sei hoje ... – disse Ava com uma voz trêmula

- Que significa isso ? - perguntei – Gente velha e lamurienta sempre vive dizendo isso.

Ava riu :

- Uau! Isso me parece roteiro de filme B de ficção científica. – retruquei

- Todos os erros que cometi e todas as experiências de vida que tive criaram a pessoa que sou hoje. Se meu jovem "eu" não tivesse feito todas aquelas coisas malucas e insensatas , onde estaria agora ?

Dei uma olhada nas outras fotos. A voz de Ava tornou - se mais calma :

- Alguns erros podem ser mais dolorosos que outros. Seria muito bom poder desfazer um ou dois dos mais dolorosos. Os erros deviam ser iguais aos desejos reversos. A gente devia ter o direito de refazer três erros da nossa vida.

Reparei na foto de uma jovem nos jardins do solar Netherby. Ela não estava olhando para a câmera, nem sorrindo. Talvez o dia estivesse frio e ventoso, porque seus longos cabelos loiros esvoaçavam e ela usava um casaco pesado.

- Bela jovem. - disse com um suspiro.

Ava olhou para a foto e também suspirou :

- Lavinya tinha uma beleza natural. Nunca se maquiava nem ia ao cabeleireiro, mas parecia sempre perfeita. Ela partiu o coração dele. Um dia estava aqui , no dia seguinte partira. Ninguém conseguia dobrar –lá . Encontrei essa foto dentro de um livro antigo na loja de Sarah. Alguém deve tê –la usado como marcador e acabou esquecendo – a. Nessa foto, ele deve ter mais ou menos vinte cinco anos. Morreu faz poucos anos. Hoje, ninguém fala mais dela. Principalmente a segunda lady Netherby.

- Lavinya foi a primeira lady Netherby ? – perguntei

- Sim. Gabriel é filho dela. Aurora é filha do segundo casamento de lorde Netherby, se não for do terceiro. Houve uma sucessão de namoradas no solar Netherby ao longo dos anos. É difícil reconstituir esse passado com exatidão.

Ava não parou de enrolar lá enquanto dizia essas coisas.

- Gabriel e Aurora moram no solar Netherby! – exclamei – E eu pensando que eles

viviam em um trailer, ou em cima de uma árvore!

- Aurora sempre morou aqui, e Gabriel faz visitas ocasionais. Lorde Netherby só ficou sabendo que tinha um filho quando Gabriel tinha onze anos. É um garoto lindo, embora não tenha herdado toda a beleza da mãe.

- Aurora me convidou para um chá amanhã. – falei. – Acho Gabriel maravilhoso.

- Ótimo, querida; mas acho que você deveria se envolver com pessoas da sua idade. Por que não vai conhecer o clube da juventude? Abre toda segunda feira a noite. Você podia dar uma passada por lá não vai me incomodar.

Dei uma resposta qualquer. Não conseguia assimilar o que Ava dissera. Estava ocupada demais, tentando enfiar na minha cabeça o fato de que o Garoto Sarado era Gabriel, filho de lorde Netherby.

Eu tinha visto programas de televisão sobre aristocracia, além de uma infinidade de fotos de figurões em revistas, mas Gabriel não se parecia com nenhum deles. Era tão desleixado... Imagino que quem tem dinheiro a rodo não precisa se preocupar com a aparência. Mas então pensei outra coisa:

Que roupa usar quando se vai tomar chá com um lorde?

Ava fez outro café com leite, mas antes que pudesse tomá-lo, dormiu no sofá e começou a roncar. Relaxada assim, ela parecia bem mais jovem. Decidi que a partir daquele momento eu iria prestar mais atenção ao que ela dizia.

O som de uma chave girando na fechadura me assustou. Eu não esperava Sarah antes de um ou dois dias, mas nunca se sabia direito o que ela faria.

- Estamos aqui! – gritei.

- E quem são vocês, exatamente? – respondeu uma voz de homem.

Capítulo onze

Ele me mediu de alto abaixo e assoviou:

- Jenna, como você cresceu depressa!

"Pena que o mesmo não tenha acontecido com você", pensei.

- Sarah não está? - algo na voz de Kai me fazia pensar que ele sabia que Sarah não estava. Ele trazia uma mochila enorme.

Ava acordou e disse:

- Kai, meu amor, você voltou! Sarah vai adorar!

- Passei para pegar algumas coisinhas. Depois iremos para um festival em Cornwall - disse, enquanto beijava Ava.

Eu apostava que a outra parte do "nós" era jovem e do sexo feminino.

- Sarah não me disse que você ia aparecer - falei.

Kai me deu um sorriso meio forçado e perguntou:

- Para onde ela foi?

- Viajou para comprar livros - respondeu Ava.

- Provavelmente se esqueceu de dizer que eu viria.

Sarah dissera que não sabia por onde ele andava. Ava com certeza sabia que ele estava enrolando.

- Ava, você está linda como sempre. A cor de seu cabelo é nova? - Ele beliscou-lhe a bochecha e ela se derreteu toda.

Tentei outra tática:

- Vou ajuda-lo, Kai.

- Não precisa, a não ser que você queira fuçar na minha gaveta de cuecas.

Quer dizer que aquela mochila enorme era só para pegar cuecas? Eu disse:

- Pensei que você não usasse esse tipo de coisa.

Dessa vez quem ficou vermelho foi Kai. Ele se aproximou, segurou o meu rosto com uma das mãos:

- Atrevidinha a senhora, não? - disse ele, e nos encaramos.

Um carro buzinou lá fora. Kai foi até a janela e acenou. De relance, vi uma jovem ao volante. Parecia preocupada.

- Adoraria ficar e matar as saudades, mas estou com muita pressa - Kai disse isso e subiu. As tábuas do piso de segundo andar rangiam enquanto ele andava para lá e para cá, abrindo e fechando gavetas e armários. Peguei-o na porta da frente.

- Algum recado para Sarah? - perguntei.

- Sarah e eu não precisamos de formalidades, mas diga a ela que estarei de volta para o Festival de Netherby - antes de sair de vez, ele me deu um beijo.

Deixei Ava com suas fotos e fui tomar um pouco de ar fresco. A noite estava quente e agradável. Já fazia quase três semanas que eu saíra de casa. Estendi os braços e girei, desenhando um grande círculo. O ar estava quente e havia um grande esvoaçar de insetos. Sentia-me um pouco agitada e, perturbada pela mistura de emoções que giravam em turbilhão dentro de mim. Algo em Kai me dava calafrios. Algo em Gabriel fazia com que eu me sentisse esquisita e insegura.

No caso de Gabriel, o que seria? Ele não era o garoto mais bonito que já vira.

Jackson era muito mais bonito que ele, mas toda vez que eu via Gabriel, era um choque. Eu ficava desconfortável dentro de meu próprio corpo. Era difícil lidar com esses sentimentos justamente num momento em que Mia podia comunicar-se comigo a qualquer momento.

Como ainda eram apenas oito e meia e eu não estava disposta a passar a noite com Ava, remoendo a visita de Kai, resolvi sair para conhecer o tal clube da juventude.

- Por favor, leve a caixa de pompons – pediu Ava, entregando-me a caixa. – Vou ver se algum dos garotos, Charlie ou Freddie, está em casa para ir com você – disse e saiu para o quintal, onde se pôs a berrar por eles.

Quer dizer... além de ter de entrar num lugar cheio de estranhos carregando uma caixa de pompons, eu também precisava de escolta. Por sorte, Freddie não estava. Quem apareceu foi Charlie.

- Não traga Jenna de volta muito tarde – gritou Ava quando já estávamos na rua.

- Não sei quem ela pensa que é para ficar dando ordens assim. Não ligue para ela – comentei, irritada.

Charlie deu de ombros:

- Ava é legal. Só não a deixe se aproximar do seu cabelo. Quem entra naquele salão sai de lá com o mesmo penteado horrível.

- Eu vi Muriel e Gina – respondi, rindo.

- Você teve sorte de me pegar em casa. Era pra eu ter saído a uns vinte minutos. Nossa banda vai tocar no clube esta noite.

- Musica anti-folk? – falei, tentando parecer antenada.

- De que tipo de musica você gosta, Jenna? – perguntou Charlie.

Era uma daquelas perguntas capciosas que os garotos vivem fazendo. Por sorte, eu tinha uma resposta na ponta da língua.

- Meu gosto musical é eclético.

Charlie não era de discutir:

- Tudo bem... mas qual foi o ultimo CD que comprou?

- Howling Wolf – respondi. Eu dera esse CD de presente de aniversario a meu avô.

Charlie parou de repente e aprovou?

- É muito legal! – disse.

Chegamos ao salão da cidade. Era um edifício de tijolos vermelhos com vigas pintadas de branco e preto na parte da frente, imitando o estilo Tudor. A data, 1902, estava entalhada acima da entrada, e um grupo de garotos circulava.

- Qual é o nome da sua banda? – perguntei.

- Goats in a Spin – respondeu Charlie, enquanto a porta de uma van se abria e a fã número um, Cleo, saltava e fazia cara feia para mim. A porta do lado do motorista abriu-se, ficando entre nós duas, e por ela desceu um par de tênis surrados e calças jeans desbotadas.

Gabriel!!!

- Olá, Gabe – disse Charlie. – Acho que você já conhece Jenna.

Ele olhou para mim e sorriu por um segundo. Depois fechou a cara e disse:

- Vamos lá, Charlie, temos quinze minutos para nos preparar. – Era como se ele não tivesse tempo a perder comigo.

Quer dizer que os amigos o chamavam de “Gabe”. Gabriel talvez soasse angelical demais...

- Gabe faz a percussão, Cleo canta de vez em quando – explicou Charlie. Fiz a maior cara de desinteresse possível.

Cleo aproximou-se e disse:

- Ainda trabalhando no sebo da chata da Sarah?

- Sarah é minha tia – respondi, esperando deixá-la sem jeito.

- Azar o seu – respondeu ela. – Parentes costumam pagar uma merreca.

De propósito, Gabe (como eu já me referia a ele em pensamento) esbarrou nela com um amplificador que carregava.

- Cale a boca, Cleo – disse, sem olhar para mim.

Ela riu como se ele tivesse dito uma piada e ajeitou os cabelos dele de um jeito que só quem é muito íntimo pode fazer.

Peguei a caixa de pompons e disse:

- É melhor entrar e entregar isso.

- Eu a ajudo – disse Charlie, tentando pegar a caixa.

Puxei-a e disse a ele que não precisava.

Mas ele puxou a caixa e seguiu em frente.

- Cleo é famosa por sua língua afiada – disse ele. – A gente se acostuma depois de algum tempo.

Nem me dei ao trabalho de responder. Mia poria Cleo em seu lugar com um simples olhar. Minha estratégia era não me deixar levar por nenhum deles. Além de Charlie, ninguém ali mostrava interesse em mim, por que eu iria me preocupar com aquela gente e aquela bandinha de quinta? Eu não os considerava meus amigos. E, no momento, não queria saber de garoto algum.

Comprei um pacote de salgadinhos e fui sentar bem no fundo do salão, o mais longe possível da banda. Depois de muita confusão com fios, cabos e passagens

de som, finalmente tocavam guitarra, Gabe fazia percussão. Cleo fazia os vocais. A garotada foi para a frente da banda. Não cedi a tentação e continuei lá atrás, ouvindo. Freddie saía do ritmo, mas havia algo de interessante no grupo. As letras também não eram ruins. Todos cantavam. Charlie tinha uma voz expressiva e suave.

Tentei não ficar olhando para Gabe, mas sempre que olhava ele estava tocando com uma incrível energia. Seu peito se contraía e ele fazia percussão com braços tão contraídos que pareciam movimentar-se ao acaso. Ele suava. De olhos fechados, estava totalmente ligado na música.

Depois de algumas canções, meus ouvidos se habituaram ao som. Meu corpo começou a acompanhar o ritmo, e as letras passaram a me emocionar. Goats in a Spin era uma boa banda. Parte de mim queria ir lá para frente e gritar com os outros jovens, mas outra parte se sentia sem jeito, tímida. Preferi ficar ali mesmo. No fim do show, Charlie me ofereceu suco de laranja, desses que já vêm prontos em copos de plástico. Odeio suco pré-pronto, mas, como não queria ofendê-lo, tomei um gole e esforcei-me para não fazer careta.

- Não gosta desse suco? Prefere uma coca? – perguntou Charlie, meio chateado com minha reação.

Respirei fundo e ia dizer : “Vocês estavam ótimos”, quando Freddie se aproximou.

- Não, aposto como madame prefere Cristal.

- O que é Cristal? – perguntei, soando mais agressiva do que eu queria.

- Ahn...ahn... Uma bebida muito cara – disse Gabriel, tentando encontrar as palavras certas.

Foi o que também fiz ao tentar novamente dizer: “Vocês estavam ótimos”, mas outras voz se impôs:

- É champanhe – explicou Gabe. – Provavelmente Freddie bebe Cristal todo dia na casa dele!

Charlie virou-se para mim e disse:

- Se você esperar até a gente arrumar tudo, podemos lhe dar uma carona até sua casa, comeremos algo.

Agradei.

- Podemos pegar alguns *doughnuts* para você – disse Gabriel, e todos começaram a rir.

Cleo, imitando Aurora, começou a dizer:

- Vai, Jenna, vai!

Todos riram mais ainda. Meu rosto queimava de constrangimento.

- Não, obrigada. Tenho coisas a fazer em casa... trocar a areia da gata.

Saí quase correndo. Eles não iriam rir de mim nem mais um segundo.

Capítulo doze

Era como aquela antiga história de um homem com duas personalidades, o médico e o monstro. Uma delas é a de um homem bondoso, a outra a de um assassino. Eu me senti assim naquele momento. A diferença é que eu não precisava beber nenhuma poção para me transformar. Bastava ver Gabe. O que eu gostaria mesmo era de um bom papo com mamãe. A gente ficava horas e horas conversando sobre tudo, sobre nada. Pensei nela e em Marcus gritando de alegria numa montanha-russa. Nos últimos tempos, tudo o que eu parecia

haver entre nós eram brigas e dias e dias sem nos falar. Eu estava ficando craque nisso: reprimir meus sentimentos até que eles explodissem em lágrimas.

Subi direto para meu quarto, me atirei ao travesseiro e chorei. Se alguém me pedisse para dizer por que razão, eu não saberia. Eram meus sentimentos extrapolando meu corpo novamente, especialmente por terem zombado de mim em público.

O que estava havendo comigo? Eu tinha a impressão de que não havia lugar no mundo para mim. Era incompetente na escola, e a amizade de Mia sempre me fazia sentir uma inútil, como se eu não servisse para nada. Eu queria ser capaz de enfrentar o mundo sozinha, mas não sabia como!

Uma pancadinha na janela me assustou. Quando afastei a cortina e abri a janela, precisei desviar de uma pedra que vinha em minha direção.

- Já trocou a areia da gata?

- Já – sussurrei, rindo de minha resposta a Gabe e me sentindo como uma absurda Julieta.

- Vamos dar uma volta. A noite está linda. Espero você lá fora – ele disse isso e pulou a cerca de madeira.

Meu primeiro impulso foi recusar o convite, mas desde quando eu me deixava levar por meus primeiros impulsos? Lavei o rosto com água fria, vesti-me, respirei fundo e saí.

Gabe estava sentado no muro da casa ao lado. Um som suave e distante de música vinha da casa de Charlie. As pernas de Gabe acompanhavam o ritmo.

Saímos, em silêncio durante algum tempo, até que Gabe disse:

- Desculpe minha piadinha boba sobre os doughnuts. Juro que não volto a mencionar essa palavra, mas preciso dizer que fiquei muito impressionado com sua habilidade naquela brincadeira.

Percebia suavidade e delicadeza de seu tom.

- Desculpe minha desculpa de “trocar a areia da gata” - respondi, Gabe riu.

- Essa foi boa. Você não precisou pensar duas vezes ante de inventá-la. Em geral, só acho uma resposta boa para esse tipo de situação depois que as coisas aconteceram.

- Eu também.

A noite estava linda, uma meia-lua iluminava o céu.

- Onde moro nunca é escuro ou silencioso – falei.

- Faço faculdade lá. Sente falta de Londres? – perguntou Gabe, sentando sobre uma árvore. Continuei de pé, com meu corpo encostado no tronco.

- Não sei se sinto falta. O problema são as pessoas de lá. Elas parecem mais reais quando você as deixa. Ou talvez a gente só consiga entender o que sente quando está longe.

Gabe recostou-se no outro lado do tronco.

- E quais são os seus sentimentos em relação as pessoas que deixou?

- Confusos. Às vezes, sinto falta, às vezes, acho que é um alívio estar longe. Isso me dá espaço para pensar – respondi, sentindo que o cotovelo de Gabe e o meu se tocavam.

Afastei meu braço lentamente e passei a mão pela casca da árvore.

- O que é música anti-folk? Já estou cansada de fingir que sei do que se trata – falei rindo, Gabe sorriu.

- É mais fácil lhe dizer o que não é musica anti-folk. É uma reação à musica pop fabricada.

Fiz que estava entendendo:

- Todas essas bandas de garotos e garotas, essa coisa de ídolos pop, tudo isso é um grande pé no saco.

- É tudo muito artificial. Dizem a eles o que vestir, como cantar, o que dizer em entrevistas. Como se nenhum deles tivesse opinião própria. Ninguém canta o que interessa – ele olhou para o relógio e me pegou pelo braço – Vamos, ainda dá tempo...

- Eu não... – comecei a dizer antes que ele me arrastasse.

Descemos correndo uma colina, passamos por um campo aberto e chegamos a um cemitério. Ali, paramos. Parecia que meus pulmões iam explodir, e meu coração queria saltar do peito.

Gabe passou o braço sobre meu ombro no momento em que o sino da torre começou a badalar. Contamos seis badaladas surdas.

- Tem alguém lá dentro? – perguntei, ainda prendendo a respiração.

- O vigário precisa ficar aí a noite inteira para tocar o sino.

- Me engana que eu gosto! – respondi. E então vi a expressão o rosto de Gabe.

Ele riu:

- Criatura urbanóide.

- Bicho do mato.

- Patricinha de shopping center.

- Abraçador de árvores.

- Abraçador de Jenna! – Gabe se aproximou e me abraçou com força. Eu podia sentir sua respiração no meu rosto. Ficamos muito tempo ali parados, em silêncio.

- Jenna!

- Gabe!

- Ele riu:

- Vamos fazer isso outra vez amanhã à noite. Sem dizer nada a ninguém. Vai ser como se fosse um jogo só nosso. Quando os outros estão por perto, as coisas se complicam. Me encontre por volta das nove da noite.

- Vou ver se dou um jeito – respondi vagamente, mesmo sabendo, com certeza absoluta que, acontecesse o que acontecesse, estaria lá as nove em ponto.

Gabe me deu a mão e voltamos em silêncio para a casa de Sarah.

- A gente se vê amanhã – disse ele quando chegamos.

Sarah voltou na manhã seguinte. Depois de fazer um estardalhaço com Tallulah, voltou-se para mim:

- Sinto muito tê-la deixado sozinha. Mas eu precisava ir.

- Pensei que tivesse ido comprar livros.

Sarah ficou um pouco encabulada:

- Ah sim, comprei alguns. Tudo bem por aqui?

- Ava fez umas comidas legais. Fui ao clube da juventude e Aurora convidou-me para um chá hoje... Kai apareceu.

O rosto de Sarah encheu-se de esperança, e acrescentei rapidamente:

- Só passou para pegar algumas coisas.

- E deixou algum recado? – perguntou Sarah com uma voz fraquinha.

- Disse apenas que estará de volta para o festival – tentei falar do jeito mais neutro

possível, como seu eu não soubesse que aquilo deixaria Sarah muito magoada. Ninguém gosta que sintam pena de si, não é?

Capítulo treze

Passei a maior parte da terça-feira tentando descobrir com que roupa iria ao chá de Aurora. Eu não tinha levado muitas roupas e não dava para encarar o guarda-roupa de Sarah. Por direito, eu deveria estar passando três semanas numa praia da Flórida, em mamãe Marcus, de biquíni e cheia de protetor solar.

Por que não perguntei a Gabe se ele estaria lá? Uma parte de mim achava que nosso encontro da noite anterior não passava de um sonho de tão perfeito!

Escovei o cabelo e experimentei outra camiseta.

Sarah bateu de leve na porta:

- Posso entrar ?

Fiz que sim, mas ela continuou imóvel na entrada.

- O assunto é meio desagradável, Jenna – começou ela. Guardei o pente e engoli seco. Talvez ela fosse me mandar embora.

Sarah limpou a garganta.

- parece que perdi um vaso que estava no banheiro. Pertencia a sua avó. E vale um bom dinheiro. Será que você o quebrou, ou coisa parecida?

Demorei algum tempo para me lembrar de que vaso ela falava, já que havia tanta tranqueira na casa. Aí me lembrei de um vaso pavoroso, com desenhos em preto e branco, que ficava na beirada da janela. Mamãe tinha um igualzinho, com a única diferença de que em nossa casa aquilo ficava num armário com portas de vidro. Mamãe gostava de expô-lo porque havia sido feito por uma mulher chamada Clarice Cliff e valia uma pequena fortuna.

- É que esse vaso é muito valioso para mim – continuou Sarah. Então, caiu a ficha: ela estava me acusando de roubo!

- Por que você não pergunta a Kai? – respondi no tom mais calmo possível.

Ninguém precisava ser o inspetor Morse para saber que ele era o principal suspeito.

Sarah sentiu-se na beirada da cama:

- O que ele faria com o vaso? Ele sabe que eu amo aquela peça.

Fiquei furiosa:

- Quer dizer que você está me culpando?

Sarah engoliu seco;

- Ouvi dizer que você tem feito coisas terríveis. A escola chegou a pensar em chamar a polícia.

Minha cabeça deu um nó. É assim que as coisas acontecem quando você é rotulada. Você tem de ser a primeira na fila dos culpados. Parte de mim queria gritar algo como: "Ah! Aquele vaso? Aquele que quebrei em mil pedaços e joguei pela janela? Se eu soubesse o quanto era importante para você, teria feito isso na sua frente!"

Em vez disso, saí furiosa e corri em direção as escadas. Batia porta com toda força, e Tallulah disparou pela casa em busca de proteção.

Estava começando a garoar quando tomei o rumo do mercado, então me abriguei na cabine telefônica.

Por impulso, disquei o número de Mia.

- Aqui é Jenna – disse quando ela atendeu.
- Houve uma longa pausa.
- Olá. Recebi seu e-mail. Parece que você está numa boa aí.
- É, aqui é bem legal – inventei na hora.
- Estamos pensando em aparecer para o Festival Netherby. O irmão de Rebecca, Justin, diz que nos leva de carro se pagarmos a gasolina – a voz dela ficou bem mais nítida: - Jackson está dizendo oi.
- Parece que você e Jackson estão se dando superbem.
- Ele não pára de falar em você, Jenna – havia um certo mau humor na voz de Mia: - Ele acha você o máximo pelo modo como tem lidado com as coisas.
- Aquilo foi coisa passageira. Você prometeu...
- Sei disso – retrucou Mia. Depois disse: - Mamãe está insuportável. Quase todo o meu tempo está tomado por atividades, professores particulares e aulas de dança. Não posso chegar em casa depois das oito e meia da noite. Ela só me deixa ir à casa de Rebecca. Assim que papai voltar de sua viagem aos Estados Unidos, vou resolver nossos problemas.
- Por favor, Mia, não demore. Não sei quanto tempo mais vou suportar isso – respondi. Não era meu estilo implorar, mas a história do vaso me tirara do sério.
- Preciso desligar, senão mamãe vai ouvir. Me dê o número dessa cabine telefônica e ligo amanhã às sete. Quero saber mais sobre aquele garoto misterioso – e encerrou a conversa.

Quando estava indo para a casa na árvore, começou a chover e percebi que aquela chuva fininha começava a ensopar minha roupa. Faltavam cinco para às três, e Aurora me esperava perto de sua árvore. Sorriu ao me ver chegar. Pelo menos, *alguém* gostava da minha presença. Fomos para a ala residencial do solar Netherby. A arquitetura era mais simples e despojada do que a da ala histórica. Mas não menos imponente. Aurora abriu uma porta com um trinco pesado; ela dava passagem para o vestíbulo azulejado e, em seguida, para uma cozinha pequena e aconchegante.

- Tempinho de merda, não? – disse ela ao fechar a porta atrás de mim.
- Modos, Aurora! – disse uma voz lá da cozinha.
- Mas, mamãe, você acabou de dizer isso. Antes de eu ir esperar Jenna lá fora você disse: “Tempinho de merda”.
- A mãe de Aurora riu. Era uma mulher pequena, de longos cabelos grisalhos, presos em uma trança, exatamente como os de Aurora. De avental, parecia mais uma funcionária de “cantina de escola” do que uma “senhora do solar.”
- Olá, Jenna. Sou Isobel. A quiche estará pronta em cinco minutos. Espero que você goste de cogumelos silvestres – disse, preocupada.
- Adoro – respondi no ato, embora não fizesse a menor idéia do que seria um cogumelo silvestre.
- Como está Sarah? – perguntou – É muita gentileza sua ajudar na loja enquanto Kai não está. Espero que ele volte logo. É um poeta maravilhoso! As almas sensíveis sempre sofrem muito no cotidiano.
- Concordei. Por que será que Kai ganhava as mulheres tão facilmente? Até onde o conhecia, ele era tão sensível quanto um balde de lama.
- Aurora puxou-me pela manga:

- Venha comigo, vou lhe mostrar o resto da casa.

Fomos para a galeria. Lembrei-me da última vez em que estive ali com Gabe.

Onde ele estaria agora? Teria se esquecido que eu viria?

Aurora me pegou pelo braço e disse:

- Antigamente, as pessoas ficavam andando para lá e para cá nesta galeria para se exercitarem. Principalmente quando estava muito frio e enlameado lá.

Parei diante do quadro de Septimus Netherby.

- Enquanto caminhavam, iam passando por todos os seus parentes mortos e podiam evocá-los.

Aurora riu.

- Podiam também mostrar a língua ou piscar para eles.

- Ou tentar descobrir onde arrumaram olhos tão cruéis ou narizes tão grandes – acrescentei enquanto caminhávamos. Parei diante de um grande vaso chinês com as rosas de Gabe e olhei para um quadro que não havia notado da última vez.

Era uma tela muito pequena, escondida atrás do vaso. Nela se via um belo cavalo alazão e, sorridente, Lavinya, com a cabeça recostada no pescoço do animal.

Aurora olhou para o retrato, apertou meu braço e disse, com voz firme e dura:

- Cadela vagabunda!

- Aurora!!! – reagi, chocada. – Não é a mãe de Gabe? Você não devia referir-se a ela nesse tom!

- Por que não? – Aurora olhou para mim e disse, bem pausadamente e com a voz cheia de veneno: - Odeio essa mulher.

- Nossa! – respondi, afastando-me alguns passos. Estava chocada com a violência de seus sentimentos.

- ela magoou Gabe e fico feliz por ela estar morta! – A boca de Aurora contraiu-se, e nos cantos se formaram pequenas bolhas de espuma.

Antes que eu pudesse responder qualquer coisa, Isobel apareceu a porta e nos chamou de volta a cozinha.

- A quiche está pronta. Venham logo!

Capítulo Quatorze

Aurora me assustara. Só em filmes de terror eu tinha ouvido uma expressão tão intensa de aversão. Foi chocante encontrar uma criança que odiava tanto uma morta. Talvez Lavinya tivesse enlouquecido. Ouvi dizer que muitos aristocratas enlouquecem, e então ela teria magoado o filho. Não seria fácil tocar no assunto com Gabe.

Sentamo-nos ao redor de uma grande mesa na cozinha. Aurora não parecia perturbada por sua explosão, mas falou pouco enquanto comíamos. Por sorte, eu estava às voltas com um cogumelo imenso, e isso me manteve ocupada. Nem sinal de Gabe.

A porta rangeu e entrou uma figura alta e magra. Usava as calças mais surradas e sujas que eu já vira.

Aurora olhou para ele com ar de reprovação.

- Onde esteve até agora, papai? Jenna veio tomar chá conosco.

Ele piscou para mim e a beijou:

- Sinto muito, Button, mas o carro enguiçou outra vez.

- Que droga! – resmungou Aurora. – E ainda por cima está chovendo.
- Não tenho culpa. Além disso, tive um acesso de câibras pela manhã. Acho que os deuses pensaram que meu andar torto era uma dança da chuva – e começou a rir.

Aurora deu um murro na mesa, o que fez um dos meus cogumelos voar longe.

- Se é esse o caso, agora trate de fazer uma dança do sol para nós!

Sem vacilar um segundo, lorde Netherby pegou uma panela amarela e começou a dançar pela cozinha. Isobel pegou uma lanterna e começou a acendê-la e apagá-la.

- Que brilhe o sol! – cantava ela. Hugh Netherby juntou-se a ela, cantando:

- Que brilhe! Que brilhe! – E todos dançavam pela cozinha.

Era uma “família de doidos” muito engraçada. Lembrei-me de nossa música “Chocolate já!”. Mamãe, Marcus e eu a inventamos e cantávamos sempre que nos sentíamos famintos, cansados ou infelizes. Um trovão ribombou, seguido por uma forte pancada de chuva, que fez um frio gélido atravessar a cozinha.

- Você está fazendo tudo errado – reclamou Aurora.

- Não tem problema – eu disse. – É só fazer a dança ao contrário.

- Grande idéia! – gritou Hugh, girando a panela na direção contrária e cantando:

- Sol o brilhe que!

Por incrível que pareça, a chuva diminuiu um pouco e todos nos alegramos.

Ouvimos o som de um carro estacionando lá fora. Seria Gabe finalmente? Não.

Era a sra. MacLean, da farmácia.

- Vim trazer os remédios – disse ela. Ao me ver ali ficou um pouco confusa e disse:

- E mais algumas coisinhas que você encomendou – colocou a sacola no hall de entrada e saiu rapidamente.

Quando terminamos de comer, Hugh ofereceu-se para fazer um café, que demorou horas para ficar pronto, pois ele resolveu prepará-lo à maneira etíope. Torrou alguns grãos de café em algo que parecia uma lata velha com alça. Todos tivemos de aspirar aquele aroma. Depois, desapareceu por um tempão até voltar com uma estranha garrafa preta e algumas xícaras bem pequenas numa bandeja. Serviu a cada um de nós um líquido grosso e negro que tinha gosto de alcaçuz.

- Cardamomo – disse Isabel. – É bom para a digestão.

O café não era ruim e tomei outra xícara. Aurora pegou um velho jogo de damas pra gente jogar. Passaram-se mais trinta minutos, até que a porta se abriu e Gabe entrou.

Ele não me viu logo de cara. Tirou as botas. Seu cabelo estava molhado e gotas de chuva escorriam-lhe pelo rosto. Ele pegou a sacola de remédios e mal olhou pra mim.

Depois entrou na cozinha, pôs a chaleira no fogo e preparou algo para beber, sempre de costas. O colete que usava estava encharcado. Dava pra sentir o cheiro de fibras de lã e do corpo dele à medida que foi se aquecendo com o calor da cozinha.

- Você está atrasado – disse Isobel em tom de censura. – A comida já esfriou, e temos uma convidada.

Gabe enfiou na boca o último pedaço de quiche e resmungou algo coisa do tipo: “estava ocupado”

Será que se atrasara de propósito, porque sabia que eu estava ali? Engoli o resto do meu café. Alguns grãos grudaram na minha garganta como areia.

Quando ele chegou à porta, seus olhos encontraram os meus:

- Olá – disse, num tom de voz de alguém que nem soubesse meu nome nem estivesse interessado.

Perdi as três partidas seguintes. Não conseguia entender o que estava acontecendo. Sabia que ele preferia manter segredo, mas sua frieza ia muito além disso.

Aurora interrompeu o jogo e perguntou:

- Sarah vai fazer de novo seu jogo de tômbola com poesia no festival?

- Espero que sim – respondi.

- Estou pensando em armar minha barraca de doughnuts. Posso ganhar uma boa grana. – Os olhos de Aurora se iluminaram:

- E Gabe vai tocar.

- Negócios de família – disse Hugh Netherby esfregando as mãos.

- É provável que na época do festival eu já tenha voltado para Londres – falei, lamentando já não ter voltado.

Capítulo Quinze

Minha cabeça fervilhava. Como Gabe se atrevia a me ignorar daquele jeito?

Talvez fosse uma dessas grosserias típicas de aristocratas, mas eu não deixaria barato. Principalmente porque partira de alguém que dizia gostar de mim.

Sarah e eu estávamos na sala de visitas. Eu não parava de olhar para o relógio.

Às cinco para as nove, Sarah disse roendo as unhas:

- Kai sabia o quanto aquele vaso significava pra mim. Chegou até a escrever um poema sobre ele!

Perguntei se ele ganhava algum dinheiro com poemas.

Sarah riu, como se eu fosse uma garotinha de três anos perguntando se a lua era feita de queijo.

- Kai não é materialista. Ele se dedica à arte. A gente sobrevive com pouco. E dá pra ganhar algum no festival.

- Com uma tômbola de poesia?

- Não, a grana melhor vem da barraca de comida. Vou fazer uns enroladinhos de legumes que chamarei de “comidinha para a alma”.

Olhei para o relógio e disse, como quem não quer nada:

- Vou dar uma volta.

Sarah levantou-se:

- Ótima idéia! Vou com você.

- É que tenho um encontro.

- Seria, por acaso, com um dos vizinhos?

Fiz que sim. Quando vi Gabe pela primeira vez, ele estava na casa dos vizinhos. Era uma quase verdade.

- Eu sabia! Mas não chegue tarde. E agasalhe-se bem.

Minha tia era uma romântica incorrigível. “Aprenda com ela, Jenna”, disse a mim mesma. “Não se deixe levar por Gabe.” Talvez fosse muito positivo o fato de Sarah não ter tido filhos. Minha mãe jamais me deixaria por os pés na rua àquela

hora da noite.

Quando me levantei, de repente comecei a me questionar. Em primeiro lugar, o que eu pretendia com aquele encontro? Depois do jeito como ele me tratou, era perfeitamente possível que nem estivesse lá fora, e eu teria de me esconder em algum canto escuro por uma hora ou mais para salvar as aparências antes de voltar. Ou quem sabe ele estaria ali, ansioso por minha chegada, cheio de explicações e desculpas esfarrapadas, tentando me beijar.

Minha cabeça zunia quando saí de casa e fui para o lugar combinado.

Ele estava à minha espera. Estendeu as mãos e sussurrou:

- Sinto muito por meu comportamento hoje à tarde. Sou um fiasco em público.

Caminhamos em silêncio pelo campo aberto, na direção da casa da árvore de Aurora. Então resolvi dizer algumas coisas:

- Sua casa não é exatamente pública. O salão da cidade é. O mercado também.

- Gosto do jeito como sua boca se movimenta quando você diz “pública”.

- Um simples sorriso e um olá teriam sido tão difíceis assim?

- Sim. Quero conhecer você sem qualquer tipo de pressão. E aí, a quiche de cogumelos estava boa? Achei-a um pouco esponjosa.

- Você me lembra um cogumelo silvestre.

- Porque sou selvagem e gostoso?

- Porque ninguém o vê durante o dia, e à noite você surge do nada, seu cogumelo!

Já estávamos rindo, mais descontraídos. É difícil odiar alguém que nos faz rir.

Gabe suspirou:

- Não gosto que papai e Isobel saibam de todas as minhas jogadas.

- Quer dizer que encontrar-se comigo é uma jogada?

Gabe deu uma resposta dolorosa:

- Pode ser.

Sentei na grama.

- Estou vendo como é um saco morar num lugar onde todos sabem o que é que você pretende fazer da sua vida.

- Pensam que sabem – corrigiu Gabe. – Odeio quando essa gente cria hipóteses sobre quem você é.

Lembrei-me de Sarah, do vaso e da rapidez com que ela me julgara. O mesmo acontecera na escola e com a mãe de Mia. Todos jogaram a culpa em mim.

- Deve ser difícil viver em uma cidadezinha assim. Gabe, prometo que nunca vou criar hipóteses a seu respeito.

- Isso é muito importante pra mim, Jenna – a voz dele tremeu quando ele falou.

Olhei para o alto. A noite estava clara e cheia de estrelas, como se alguém tivesse jogado purpurina sobre um fundo azul-marinho.

- Podemos continuar nos encontrando à noite? Ir devagar com as coisas e mantê-las em segredo? Podemos ter um tempo só nosso, Jenna? – disse Gabe baixinho.

Ele estava encostado em uma árvore e olhava as estrelas.

Resolvi ignorar todas as dúvidas que tomavam conta de mim e rasguei mentalmente o interrogatório que pretendia fazer. Gabe era um risco que decidi correr.

- Tudo bem! Teremos um tempo só nosso – respondi.

Gabe gritou de alegria e se pôs a correr em volta da árvore.

- Quer dizer que algum dia você vai ser lorde Netherby? – perguntei, fazendo uma

reverência.

Ele estendeu uma das mãos para me pegar:

- Talvez. E você, gostaria de ser minha lady?

Não deixei que ele me pegasse:

- Pensei que já fosse...

Gabe se aproximou e acariciou meus cabelos:

- Uma lady com cabelos da cor de pêlo de raposa.

- Mas as pessoas matam raposas por aqui, não?

- Só se elas não se comportarem direito.

Ele acariciou meus cabelos novamente. Fiz o mesmo com os dele e saí correndo.

Ele demorou muito a me alcançar e, quando conseguiu estava quase sem respiração.

- Talvez seja uma boa fazer ginástica três vezes por semana – ri enquanto Gabe, sentado num banco, esperava a respiração normalizar.

- Tive um problema de saúde na semana passada. Como você deve saber, nós, aristocratas, somos criaturas frágeis.

Sentei-me ao lado de Gabe. Ele passou o braço pelo meu ombro.

- Sei, sim. Ir à farmácia é coisa de gente comum. A sra. MacLean faz as entregas pessoalmente na sua casa! – brinquei.

Ele não respondeu com nenhuma brincadeira, como pensei que fosse fazer. Senti seu braço ficar tenso, e a atmosfera entre nós mudou.

Depois de um longo e constrangedor silêncio, levantei e disse:

- Acho bom voltar pra casa.

Gabe me puxou para o banco:

- Fique mais um pouco. A noite está tão linda.

Sentei-me de novo. Havia no ar um cheiro fresco e gostoso, como de roupa recém-lavada. Não o cheiro de poluição do ar de Londres.

- Aqui tem muito mais céu – falei. – A gente não se sente tão pequena...

- Platão diz que a astronomia força a alma a olhar para o alto e nos leva de um mundo para outro.

- E eu que pensava que as estrelas fossem coisas pequenas e cintilantes!

- São muito mais que isso. Em primeiro lugar, elas têm cores diferentes.

- Para mim, todas parecem cor de prata.

- Se você olhar pelo telescópio, verá que algumas são cor de laranja, outras amarelas ou vermelhas, dependendo da temperatura de sua superfície.

Gabe olhou para mim:

- Isso está lhe parecendo conversa de nerd? Até para mim soou como coisa de quem gosta de parecer inteligente...

Estendi-lhe a mão:

- Vamos lá, seu molenga. Pegue minha mão e trate de levantar daí.

Fiz força como um desses halterofilistas que levantam caminhões. Ele forçou o corpo para continuar sentado. Quando já estava quase de pé, relaxou e caiu sobre mim. Instintivamente, estendi as mãos e, quando vi, estávamos num abraço desajeitado.

- Desculpe meu movimento desastrado – disse ele.

- Parece uma maria-mole – respondi, feliz com a sensação do rosto dele quase colado ao meu.

O som do bip do relógio de Gabe quebrou o encanto. Numa mudança rápida de sonho para realidade, ele disse:

- Preciso ir. Na mesma hora amanhã?

Fiz que sim e suspirei:

- Já é hora de voltarmos. Até Sarah deve estar achando que já é muito tarde. Era como se estivéssemos sobrevoando a superfície um do outro. Eu tinha a sensação de que estávamos omitindo coisas que gostaríamos de dizer. De repente, me senti envergonhada. Quando Mia ligasse amanhã, eu a colocaria contra a parede para fazer a coisa certa. Se Gabe ficasse sabendo por que eu estava ali, o que pensaria de mim?

Capítulo Dezesseis

Na noite em que Mia disse que me ligaria, fiquei esperando na cabine telefônica, disposta a acertar os ponteiros com ela.

O mercado estava incrivelmente movimentado. Carros e vans circulavam sem parar. Portas batiam o tempo todo, desciam pessoas para fazer compras de última hora e voltar às pressas para casa.

Comprei um saquinho de batatas fritas e uma revista e tentei ficar calma. O céu estava nublado, mas o calor insuportável dava até falta de ar. Prendi meus cabelos num rabo-de-cavalo, mas minha cabeça continuava inquieta.

Para esticar as pernas, fui até o mercado para por no lixo o saquinho vazio. Mia já devia ter ligado...

Havia um grupo de garotos por ali. Identifiquei-os como os escoteiros da barraca de Aurora. Um deles acenou para mim. Eu prometera reservar para ele qualquer revista do Batman que aparecesse na loja.

Hugh Netherby foi o próximo a chegar. Entrou com tudo no estacionamento e saltou de seu velho e acabado Land Rover. Acenou para mim com os dois braços, muito animado. Na verdade, tudo aquilo me fez sentir bem, como se eu já fizesse parte do lugar.

Quinze minutos depois, fui ver como estava o telefone. Aparentemente, não havia problemas.

Soprava uma brisa, mas o calor continuava forte. Gotas de suor desciam pelas minhas costas.

Ai chegou um carro e o motorista, um homem grandalhão com uma camisa espalhafatosa, desceu e dirigiu-se à cabine telefônica.

Para meu espanto, ele falou ao telefone durante doze minutos. E se Mia tivesse ligado? Será que tentaria de novo? Por que eu mesma não liguei para ela? A idéia da mãe dela atender me dava calafrios. E eu nem mesmo sabia o que dizer a Mia. Ela estava com a faca e o queijo na mão. Se nossa amizade significasse algo, ela manteria a promessa que me fizera. Eu manteria a minha. E se ela furasse, como eu poderia revidar? No Maximo, ameça-la de contar a verdade à minha mãe. Mia ficaria furiosa, e tudo sempre piorava quando ela se enfurecia.

Boa parte do tempo que eu passava com Mia era consumido em tentativas de não irritá-la. Naquele momento, eu percebia isso claramente.

O céu escurecia. Até mesmo uma urbanóide como eu podia pressentir que vinha se formando um grande temporal. A atmosfera quente e úmida estava ficando

insuportável. Resolvi esperar mais cinco minutos.

Mia não era totalmente culpada por querer controlar todas as situações. Ela não estava acostumada a ouvir as pessoas lhe dizerem "não". Vivia cercada por pessoas que eram pagas pelos seus pais para dizerem "sim" a todas as suas exigências. Eu também era culpada por ter me submetido a seu controle.

Bem, concerteza eu não lhe diria nada sobre Gabe. Receava que, se falasse qualquer coisa, minha confiança traria má sorte para minha relação. Mia arrumaria um jeito de estragar tudo.

Depois de um relâmpago seguido por um trovão, começou a cair um aguaceiro implacável. Atravessei a estrada e corri para dentro da cabine telefônica. Não iria me abrigar no mercado porque poderia perder a ligação de Mia. E eu queria que ela entendesse, de uma vez por todas, que precisava dizer a verdade.

A chuva fez a temperatura cair no mesmo instante, e comecei a tremer. Uma van branca e barulhenta dobrou a esquina e parou ao lado da cabine. A janela do carro desceu e Charlie pôs a cabeça para fora.

Abri a porta da cabine telefônica:

- Eu estava esperando um telefonema, mas cheguei tarde e perdi a ligação e estou toda ensopada - menti.

Charlie sorriu:

- Quer carona? Vou passar primeiro no salão de festas para deixar algumas coisas lá. Você pode usar meu celular.

Aceitei a oferta, entrei e sentei ao lado dele, tentando não molhar muito o carro.

- Tem algumas roupas lá trás. Você pode vesti-las quando chegarmos ao salão. Gabe sempre esquece algo no carro - disse ele, rindo.

- Talvez ele esteja acostumado a ter criados cuidando de tudo para ele - respondi.

- Não, no caso de Gabe é porque ele é um cabeça-de-vento mesmo.

- Como vocês se conheceram?

- Num pub em Clerkenwell, em Londres. Estávamos assistindo a umas apresentações de música anti-folk e começamos a conversar. Nós dois éramos fanáticos por Lyle Hasslett e sua banda, a Stale Pumpkins, e então decidimos formar nossa própria banda.

- Não conheço a Stale Pumpkins - falei.

- Vou lhe arrumar um cd. Lyle tem uma voz incrível. Tocamos várias vezes com ele. O nome da nossa banda, Goats in a Spin, vem de uma música dele:

I've put up with your screwball comedy and crackpot psychology

So that you would stay with me.

Girl, you got me dancing like a goat in a spin

A goat in a spin¹.

Charlie tinha uma voz suave. Quando acabou de cantar ficou vermelho e disse:

- Garotas são um mistério para mim.

- Gostei da música - respondi num tom o menos misterioso possível.

¹Tolerei sua comédia ridícula e sua psicologia maluca
Para que você ficasse comigo.

Garota, você me fez dançar como um bode desvairado.
Um bode desvairado."

Charlie continuou:

- É por isso que a música *anti-folk* é incrível. O que interessa é a música. Foi Lyle que arrumou uma brecha pra gente tocar no Festival Netherby. Quando Gabe contou que sua família vivia em Netherby, achamos que seria um lugar fantástico para passar todo o verão. Nossos pais gostaram muito da idéia porque eles costumavam vir ao Festival Netherny. O pai de Gabe disse que cuidaria de nós. A *van* entrou no estacionamento vazio do salão de festas.

- Jenna, será que você pode ficar um pouco e me dar uma força? Não estou vendo Freddie em lugar nenhum.

- Tudo bem – respondi. Sarah fora à casa de Julius pesquisar na Internet alguns livros que estavam à venda, o que significava que não voltaria tão cedo. Peguei uma camiseta verde de Gabe e corri para o banheiro.

- Espere aí, em menos de um minuto troco esta blusa molhada pela camiseta de Gabe.

O cheiro de Gabe impregnava a camiseta.

Quase todo o equipamento da banda estava guardado num armário na parte de trás do salão de festas. Charlie já começara a pegar as coisas.

- A que horas começa o ensaio? – perguntei.

- Daqui a pouco mais de uma hora, mas achei melhor chegar mais cedo para testar algumas partes do equipamento.

Depois que ajeitamos tudo, Charlie começou a verificar o sistema de som.

- Quer testar o microfone pra mim, Jenna? – pediu ele do outro lado do salão.

Soprei o microfone algumas vezes e depois repeti aquilo que sempre vi fazerem nesse tipo de coisa: "Testando, testando, um, dois, três..."

Sentia-me estranha segurando um microfone. A tentação de dizer ou cantar algo era enorme. Lembrei-me de que, quando cantava no coral, fizera uma apresentação solo no concerto de Natal do ano anterior. Quando Charlie foi até a *van* pela milésima vez, lembrei uma canção que era uma das preferidas da mamãe, *Because the Night*, da maravilhosa cantora e poeta *punk* Patti Smith. Deixei o acompanhamento por conta da minha imaginação e comecei a cantar. Parecia tão bom quando na ocasião em que eu chorara debaixo na árvore. Soltei a voz e pensei em Gabe.

... Because the night belongs to love... ²

Parei, ri e me curvei diante do público imaginário.

Alguém aplaudiu.

Freddie, Charlie, Gabe e Cleo estavam olhando para mim.

² "... Porque a noite pertence ao amor... "

- E aí, o que você acha de Charlie ter me chamado para participar da banda? – perguntei a Gabe naquela noite. Estávamos no campo, reclinados nas costas um do outro e olhando as estrelas.

- Olhe, Jenna, lá está a Ursa Maior, também conhecida como Grande Concha ou Arado.

- Responda, Gabe – insisti. – Você se incomodaria se eu entrasse para a banda?

- Você tem uma voz incrível – disse ele depois de um longo silêncio.

- Responda à minha pergunta – continuei.

- Vai ser bom para a banda ter mais alguém fazendo *backing vocal*. E no festival sempre há muita gente do meio musical atrás de novos talentos.

- Gabe! – endireitei o corpo e fui bem incisiva: - Quero saber o que “você” acha de eu entrar para a banda.

Ele ergueu os braços como se estivesse se defendendo de algum ataque.

- OK! OK! Só acho meio estranho.

- Por causa da Cleo – senti a boca seca ao dizer isso. Ela se afastou no mesmo instante em que Charlie sugeriu que eu cantasse algumas das músicas que eles pretendiam tocar no festival.

Gabe suspirou:

- Em parte por causa dela, mas principalmente porque, para mim, vai ser muito difícil manter minhas mãos nas baquetas quando você estiver por perto.
- O que há entre você e Cleo? – perguntei.

Gabe sentou-se a meu lado:

- Somos muito bons amigos.
- Vocês já...
- Já *tentamos* ficar juntos, mas não funcionou. Gosto muito dela, mas só como amiga. É meio babaca dizer isso, mas eu e ela estamos mais para irmão e irmã.

Não era isso que eu queria ouvir. Gostaria que ele dissesse que ela não significava nada. Mas ele não era o tipo de garoto que me diria algo só porque eu queria ouvir. Ele estava dizendo a verdade.

- Como vocês se conheceram?

Depois de uma longa pausa, Gabe disse:

- Nossa ligação passa por nossas mães.
- Elas eram grandes amigas? – perguntei, querendo obter mais informações.
- Elas já morreram.

Calei-me. Era a primeira vez que Gabe me falava de sua mãe. Tudo o que eu sabia sobre ela era que fora uma mulher rebelde e que Aurora a odiava.

- Vi uma foto dela. Era belíssima. Seu nome era Lavinya, não?

Gabe arqueou as pernas e abraçou-se a elas.

- Era.

Passei um braço sobre seus ombros, mas ele estava tenso e não demonstrou reação alguma.

- Ela sofreu algum acidente? – perguntei.
- Ela foi morta por um acidente cruel do destino – Gabe suspirou. Depois levantou-se, esticou o corpo como um gato e mudou de assunto.

- É isso, Jenna. E você? Aposto que deixou algum namorado morrendo de saudade em Londres. Sou apenas um lance de verão.
- Um lance? É bem difícil lidar com você!

Gabe riu e disse:

- Agora é a sua vez de me dar uma resposta.
- Tinha um cara, Jackson, e a gente meio que namorava.

Por um instante, fiquei sentada a deixá-lo enciumado. Depois olhei para ele. Será que Gabe já não sofrera o suficiente? Por mais que eu estivesse furiosa com minha mãe, não sei o que faria se algo lhe acontecesse.

- Eu gostava dele. A gente se dava bem. Eu o achava lindo. Não apenas eu, todas as garotas. O fato de ele ficar comigo foi muito bom para meu ego. Ele me fazia dar boas risadas. O problema foi que Mia, minha melhor amiga, também gostava dele.
- Venceu a melhor – disse Gabe.

Balancei a cabeça:

- Você não conhece Mia. Ela é minha melhor amiga, mas tem muitos defeitos. Não admite ficar em segundo plano. Eu a admiro muito por essa atitude, mas as coisas ficaram muito complicadas antes de eu vir para cá.
- Você foi expulsa da escola – disse Gabe calmamente.
- Como é que você ficou sabendo disso?
- Pela rede de fofocas Netherby. Todos aqui queriam conhecer a sobrinha difícil de Sarah. Achavam que você logo formaria uma gangue para aterrorizar as ruas. Ou que, na melhor das hipóteses, transformaria todos os jovens em delinquentes.
- Muito obrigada, tia Sarah – meu rosto e meu pescoço queimavam.
- Não ponha a culpa nela. Talvez ela nem tenha falado nada. O problema é que as pessoas costumam aumentar as histórias por conta própria. O povo de Netherby é famoso por sua poderosa imaginação.

Enterrei a cabeça entre os joelhos, sentindo-me péssima.

- Preciso ir embora. Não suporto a idéia de que todos saibam tudo sobre mim.
- Você não pode ir embora agora, Jenna – disse Gabe.
- Por que não?

Depois de uma longa pausa, ele respondeu:

- Porque agora você faz parte de uma banda.
- Só por isso?
- Você não pode abandonar a Goats in a Spin. A gente está contando com você.

Capítulo dezoito

A gente se encontrava toda noite entre nove e dez horas. Pouca gente circulava naquela hora. Nas duas semanas seguintes, fiquei sabendo que Gabe gostava de banhos quentes e lençóis frios, e que era apaixonado por planetas e estrelas. Estudava agronomia em Londres, mas ia transferir-se para a Escola Comunitária de Netherby. Odiava as pessoas que, por confundirem astronomia com astrologia, lhe faziam perguntas sobre signos. Mostrou-me um caderno de astronomia no

qual registrava todas as suas observações de estrelas.

- Isso sim é coisa de *nerd* – brinquei enquanto folheava o caderno.

Ele me mostrou a língua.

- Isso é organização.
- Você não devia se concentrar em outro tipo de estrelato? – perguntei, devolvendo-lhe o caderno. – Aquele que provém da vendagem de discos e dos prêmios musicais?

Gabe fez que não com a cabeça:

- Esse tipo de expectativa não é *anti-folk*. Não que a gente não queira ter um certo reconhecimento. O gênio dessa história toda é Charlie. Só dou uma força. Conte-lhe que eu adorava banana e torradas com mel e falei do meu ódio irracional de cebolas em conserva: me dava a impressão de estar comendo olhos. Mostre-lhe os postais que Marcus me mandara da Flórida. Confessei minha paixão por desenho animado, falei sobre o prazer que sentia em arrancar pedacinhos das unhas dos pés e sobre meu desejo secreto de esquiar, mas omiti tudo que ocorrera com Mia e Jackson. Conte que teria de procurar uma nova escola dentro de cinco semanas.

Nossos encontros noturnos me deixaram menos ansiosa em relação a Gabe. Eu não precisava me preocupar com minha aparência, se ficava vermelha ou agitava as mãos enquanto falava. Mia sempre me dava conselho sobre essas coisas:

“Cuidado, Jenna, você vive se traindo com essa linguagem corporal”, dizia.

Gabe e eu ficávamos de mãos dadas, éramos muito carinhosos um com o outro e ríamos muito. Eu freqüentemente sentia desejo de beijá-lo. Certa vez, quando estávamos olhando seu caderno de astronomia, tive certeza de que ele ia me beijar. Aproximei meus lábios dos dele, mas só bati minha cabeça na dele e nada mais. Fiquei rindo feito tonta e fazendo piadinhas idiotas sobre ver estrelas por causa do choque de cabeças.

Cleo estava sempre nos bastidores, espreitando. Eu não tirava da cabeça a idéia de que Gabe não fora totalmente franco quanto à amizade dos dois.

Certa noite, quando estávamos apoiados um nas costas do outro na casa da árvore e ouvindo música no mesmo fone de ouvido, Cleo apareceu lá embaixo e o chamou:

- Fique aqui e não diga nada. Vou descer – disse ele baixinho.

Fiz um grande esforço para ouvir a conversa, mas não deu porque eles se afastaram. Só ouvi som das gargalhadas de Cleo. Depois disso, mudamos nosso ponto de encontro.

Contei a ele coisas que não contara a mais ninguém, como o ciúme insano que eu senti quando Marcus nasceu e minha tentativa de dá-lo a uma vizinha. O cachorro dela morrera havia pouco tempo e eu disse que Marcus lhe faria companhia.

Gabe me contou como Aurora trocara um caríssimo retrato de família por uma boneca Barbie.

- Ficou furiosa quando papai a obrigou a desfazer a troca – disse ele, rindo.
- Eu não gostaria de cruzar com Aurora numa hora de mau humor – falei sem pensar.
- Aurora pode ser terrível às vezes, mas geralmente é boa companhia. O que você fez que a aborreceu?
- Eu estava na galeria, olhando para uma foto da qual ela não gosta – respondi

calmamente, enquanto pesava em alguma história que não me pusesse numa fria. No fim das contas, acabei me precipitando e disse:

- Era um retrato de sua m... Um retrato de Lavinya.

- O que mais? O que foi que ela disse? – perguntou Gabe, erguendo a voz.

- Ah... Nada demais. Acho que só estava querendo me impressionar – respondi, mais confusa e perturbada ainda.

- O QUE FOI QUE ELA DISSE? – perguntou ele de novo, ríspidamente.

- Disse que não gostava muito de Lavinya. Achei que era uma questão de ciúme ou coisa parecida.

- E por que teria dito isso? – a voz de Gabe era um misto de mágoa e de raiva.

- Aurora tem uma idéia tola de que sua mãe a magoou – respondi, fazendo um tom de voz normal e lamentando profundamente por não ter ficado calada.

Para piorar as coisas, começou a chover. Gabe pegou uma pedra e a jogou longe.

- Boatos e intrigas podem envenenar uma vida – disse ele. – Minha mãe foi a pessoa mais delicada e gentil deste mundo. E era bonita, Jenna. Não de uma maneira superficial; Era bonita por dentro. Ensinou-me como viver e morrer com dignidade – a voz dele era pura emoção.

Depois sua voz mudou outra vez. E ele me disse ríspidamente:

- Não meta seu nariz na minha vida, Jenna.

E saiu feito um raio.

Corri atrás dele.

- Não se atreva a falar comigo desse jeito e sai correndo – gritei. – Se alguém aqui tem o direito de sair fora, esse alguém sou eu!

Corri também, e aí foi a vez dele vir atrás de mim. Agarrou-me pelo braço e gritou:

- Pare de olhar para mim desse jeito!

- O que você quer dizer com isso? Não dá para entender seu modo de agir, Gabe! Eu não estava olhando para você! Estava me afastando daqui, então me faça o favor de deixar as coisas mais claras! – afastei algumas mechas de cabelo do rosto. A chuva virara um temporal.

Ele pôs sua outra mão no meu ombro como se fosse me sacudir. Curvou o corpo na minha direção como se fosse falar. Preparei-me para mais gritos, mas em vez disso ele me beijou na boca. A primeira tentativa não foi bem-sucedida, e ele me beijou no canto dos lábios. Delicadamente, então, acariciou meu rosto com a mão, e eu virei a cabeça e coleí meus lábios aos dele. Mechas do meu cabelo se misturaram ao beijo. Precisei me segurar em Gabe para não cair. Senti o toque de seu rosto macio e de seu queixo com a barba por fazer. De início, seus lábios pareciam secos e indecisos na busca dos meus. Mas... quando correspondei ao beijo, não pensei em mais nada. Minha cabeça rodava.

Não sei dizer quanto tempo durou nosso beijo. Depois, Gabe me soltou de repente, do mesmo jeito que me agarrara. Pus minha mão sobre seu peito. Ele piscou, deu um sorriso sem jeito e foi embora.

Nenhum de nós disse nada.

Na manhã seguinte, havia uma pequena rosa branca no peitoril de minha janela. À noite, fomos para o campo e só nos separamos ao amanhecer. Fiquei abraçada a Gabe por detrás, com os braços enlaçados a sua cintura e meu rosto reclinado em suas costas. Acompanhei o movimento de inspiração e expiração de seu corpo enquanto ele respirava. Sem dizer palavra.

Nessa noite, tive a certeza de que estava apaixonada.

Capítulo Dezenove

Não me sentia mais acanhada quando estava com Gabe, mas as coisas eram completamente diferentes durante os ensaios da banda. Em primeiro lugar, ele sempre chegava tarde e ficava longe de mim. Freddie estava concentrado demais em si para perceber algo. Se não fosse por Charlie eu teria desistido da banda. Ele era sempre gentil e caloroso, e geralmente me dava carona.

Um dia, ele me convidou para uma *pizza*. Tive de inventar uma desculpa, porque aceitar significaria perder meu encontro com Gabe. Ele ficou confuso, deu os ombros e disse:

- Ok!

Em segundo lugar, eu tinha pela consciência de que Cleo seguia cada movimento meu. Quando gesto de amizade que eu fizesse era sempre rechaçado com um sorriso falso ou um comentário sarcástico. Piores ainda eram as ocasiões em que ela parecia incrivelmente magoada.

Depois de um ensaio em que ficamos sozinhas no salão de festas, tive certeza de que Cleo ia avançar em mim. Por sorte, Charlie chegou para pegar um equipamento, e ela fingiu que estava manuseando uma conta do meu colar.

Quando nos encontramos naquela noite, Gabe não quis falar sobre Cleo. Apenas disse:

- Ela é uma boa amiga e me protege muito.

- Exatamente o contrário do que sente em relação a mim – e contei como ela quase me atacara.

- Ela sabe que estou escondendo algo e não está gostando. Estou até pensando em abrir o jogo. Você se incomodaria?

- Sério? Se ela já me odeia agora, vai querer me matar quando descobrir.

Gabe concordou. Senti uma pontada de ciúme. Quando seria a natureza da amizade entre Gabe e Cleo?

Sarah não questionava minhas saídas noturnas. Chegou a perguntar se eu estava bebendo ou fazendo algo errado. Ao perceber o que perguntara, me pediu para esquecer e, com uma dose de fingimento, disse que tinha certeza absoluta de que eu era digna de toda confiança.

Ela não voltou à história do vaso, mas eu sabia que ela continuava achando que eu estava por trás do sumiço. Fazia um mês que Kai fizera sua visita relâmpago, e ela oscilava entre uma total apatia e um inacreditável otimismo. Ofereceu-se para pagar meu trabalho no sebo, mas não aceitei. Sabia que ela estava dura.

No começo de agosto, mamãe e Marcus retornaram das férias. Voltamos a nos falar. Nossa comunicação era basicamente por *e-mails* e, às vezes, por um ou outro telefonema feito na Sarakai. Sarah não mandara religar o telefone de casa, dizendo ser mais importante o da livraria.

Mamãe e eu chegamos até a fazer a piadinha de sempre. Ela me enviou um *e-mail* dizendo que era muito chato não ter ninguém com quem reclamar ou em quem botar a culpa de tudo o que acontecia. Respondi dizendo que um mês era o tempo normal para os cremes anti-rugas começarem a funcionar. Todas as ruínas que eu lhe provoquei já deviam ter aparecido. Ela me disse que para isso acontecer, precisaria de uma dose tripla de Botox!

Eu estava feliz por ter deixado minha vida para trás. Sentia falta de mamãe e de Marcus, mas era muito bom estar longe de Mia e de Jackson. Descobri que me preocupava cada vez menos com o momento em que Mia resolveria esclarecer as coisas. Começava a acreditar que isso não ia acontecer nunca. Quando seu pai voltasse da viagem de negócios, ela provavelmente inventaria outro motivo para continuar calada.

Naquele momento o verdadeiro centro das minhas atenções era Gabe. Nós nos separávamos todas as noites com um beijo. Ficar com ele, conversar com ele e beijá-lo eram as únicas coisas importantes para mim naqueles dias que antecedia a abertura do Festival Netherby, dali a umas três semanas.

Capítulo Vinte

Alguns dias depois, Gabe estava mais calado do que nunca, mas demorei a perceber. Eu me sentia radiante depois de um dia incrível na livraria. Um turista norte-americano comprou uma primeira edição das obras completas de Dickens pelo preço estipulado.

Quando percebi o silêncio de Gabe, pensei tratar-se do nervosismo que antecedia um corte de cabelo. Sarah saía para uma sessão de leitura de poemas. Na noite anterior, Gabe me pedira para cortar o seu cabelo, e eu lhe disse que passasse em casa que eu cortaria. O problema é que minha experiência nesse ramo se resumia ao corte de cabelo de uma boneca Barbie quando eu tinha oito anos, e de Marcus, quando alguém grudou chiclete na cabeça dele. Mas se até Ava podia cortar cabelo, por que eu não poderia?

Era estranho estar juntos dentro de casa. Decidi cortar o cabelo dele no banheiro. Gabe parecia menor e mais pálido sob a luz artificial. Além disso, havia todos os cosméticos, espelhos, pentes e demais tralhas de Sarah, além dos cremes depiladores, absorventes higiênicos etc., coisas que tornavam a cena um tanto constrangedora.

Eu estava adorando passar as mãos nos cabelos escuros e macios de Gabe.

- Sente e fique quieto! – ordenei. As pernas de Gabe estavam tensas.

- Não sei se essa é uma boa idéia... – disse ele.

- Como você pode duvidar das habilidades de uma mulher que hoje vendeu as obras completas de Dickens? – brinquei, ao mesmo tempo em que segurava firmemente sua cabeça e agitava a tesoura.

- Veja lá o que vai fazer! – disse ele, assustado. – Não se esqueça de que não é para cortar muito – acrescentou.

- Relaxe! – respondi, tensa, já cortando a primeira mecha.

Gabe pediu para ver o quanto eu já cortara. Virou-se para olhar e, num impulso, dei-lhe um beijo. Ele correspondeu ao beijo e virou o corpo como se quisesse mais, mas em seguida se endireitou e voltou à sua posição anterior, o que quase me fez cair.

- Sinto muito, Jenna – disse, enquanto eu tentava me reequilibrar.

- Tubo bem – respondi. Havia uma expressão estranha nos olhos dele. Terminei o corte em silêncio, e ele se levantou. O clima no banheiro estava claustrofóbico.

Afastei-me para Gabe passar; e ele nem olhou para mim.

- Acho melhor ir agora – disse ele, baixinho. – Não vamos nos encontrar nas próximas noites. Tenho coisas pra fazer. Além disso, não sei se devemos nos ver

todas as noites. Vamos dar um tempo?

Minha boca secou e meu rosto se contraiu como sempre acontecia quando eu não queria chorar em trechos muito tristes de filmes.

- Claro – respondi. Era evidente que algo associado a meu beijo o perturbava.

Quando estávamos descendo a escada eu disse:

- Você tem razão. Encontros diários são um exagero.

Da porta, Gabe olhou para mim como se tivesse algo a dizer, esboçou um sorriso triste e falou:

- Isso não tem nada a ver com você, Jenna. O problema é comigo. Estou deprimido, minha cabeça anda péssima.

Fechei a porta e, quando passou a sensação ruim que circulava pelo meu corpo, preparei um chocolate quente e fui me deitar. Tomei o chocolate calmamente, acariciando Tallulah e tentando entender as coisas.

Qual seria o problema com Gabe? *Ele* é que insistira em ficar comigo. Estava tudo confuso. No fundo, eu sabia que estava apaixonada por ele e que Gabe gostava de mim. Isso era evidente. Mas ele andava escondendo algo.

Pensei que eu também escondia dele. Ele nunca me perguntou por que eu fora expulsa da escola. Aceitou-me sem questionar nada. Concluí que seria melhor fazer o mesmo. Pela primeira vez na vida, achei que eu devia agir como uma pessoa sensata.

Capítulo Vinte e Um

Minhas boas intenções de “agir como uma pessoa sensata” não foram além das nove e meia da manhã seguinte. A caminho da livraria, vi Gabe e Cleo juntos, de braços dados, indo para a estação ferroviária. Não consegui ver o rosto de Gabe, mas Cleo estava sorrindo. Eles não me viram.

Quando estavam chegando à estação, Gabe parou e Cleo passou o braço sobre seus ombros. Ela trazia um pequeno buquê daquelas rosas brancas especiais. Era impossível negar que rolava algo entre eles. Senti-me uma perfeita idiota. Devia ter percebido que não tinha condições de competir com Cleo. Eu sempre soube que ela faria tudo para ficar com Gabe. Mas confiei em Gabe e achei que ele confiaria em mim, quando na verdade ele deve ter passado o tempo todo com nós duas. E eu era aquela que deveria ser mantida em total segredo. Meu amor-próprio desmoronou como uma casa num terremoto. Toneladas de raiva enchiam o espaço vazio. Cerrei os dentes e disse, à maneira de Sarah:

- O que estamos precisando aqui é de ação positiva! E para quando? Para JÁ!

Fui à lanchonete, pedi um grande pedaço de bolo e mandei um *e-mail* para Jackson, dizendo que sentia muita falta dele. Depois mandei uma mensagem para Mia, dizendo que lhe dava uma semana para tomar alguma atitude. Caso contrário, eu mesma tomaria.

Ninguém mais controlaria a vida de Jenna Hudson!

Ao sair da lanchonete, dei de cara com Charlie e Freddie.

- Olá, vizinha querida! – disse Freddie, sorrindo.

- Não acha que já é tempo de parar de falar assim comigo? Não seja ridículo! – respondi, secamente.

Freddie olhou para mim, visivelmente magoado; Charlie parecia chocado.

Mas eu ainda não acabara:

- Charlie, se o seu convite ainda está de pé, podemos ir comer *pizza* hoje à noite. Pegue-me em casa às sete.

Afastei-me antes que ele respondesse.

Passei o resto do dia reorganizando os livros na livraria. Fui implacável. Tudo foi posto na mais perfeita ordem alfabética.

Do conforto de sua poltrona, Julius deu uma olhada. Torceu o nariz e disse:

- Nenhum espaço para surpresas? Adoro dar de cara com um livro fora do lugar certo.

- Não gosto de surpresas – resmunguei e prossegui com a arrumação.

Ao chegar em casa, arrumei o meu quarto. Joguei fora a rosa que gabe deixara no peitoril da janela e que eu guardara com todo o cuidado dentro de um livro.

Cheguei a pensar em cortar meu cabelo bem curtinho, mas o máximo que eu fiz foi cortar algumas pontas. A tesoura era uma lembrança dolorosa da noite passada.

Nunca dediquei muito tempo à leitura de poesia na escola, principalmente de poesia antiga, mas estava mergulhando com prazer na coletânea *Vintage Verse*. Eu abria uma página ao acaso e lia o poema várias vezes, até que as palavras se gravassem no meu cérebro. Encontrei um poema que era perfeito para o meu estado de espírito. Era um soneto de William Shakespeare. A repetição dos últimos versos fazia com que eu me sentisse bem melhor.

*Pois julguei-o justo e o considerei brilhante,
Você que é negro como o inferno e obscuro como a noite.*

Arrumei a cama e pus minhas roupas em ordem. Pensei em ordená-las por cores, mas a tarefa era inútil, uma vez que eu só levava cinco camisetas e um casaco.

Acabara de pôr minhas roupas sobre a cama quando Sarah bateu à porta e disse:

- Charlie chegou.

Eu me esquecera completamente de meu convite para uma *pizza*. Desci correndo para dizer que não poderia ir, mas Charlie estava de camisa nova, *jeans* recém-lavados e sem boné. Sarah perguntava a ele sobre meu desempenho na banda. Charlie parecia não saber o que fazer com as mãos; era as punha nos bolsos, ora as cruzava nas costas, ora as deixava balançando na frente do corpo.

Não tive coragem de dizer que cometera um erro. Então saímos e pegamos um ônibus para Netherby.

Eu não estava com muita fome, mas parece que Charlie nem se deu conta disso, pois comia sem parar. Enquanto lhe fazia perguntas sobre música, parecia muito feliz em responder.

- Como está Freddie? – perguntei.

Charlie deu um sorriso amarelo.

- Ficou no quarto dele, pensando na vida.

- Fui um pouco dura com ele.

- Você foi maravilhosa, Jenna. Seus olhos brilharam de um jeito apavorante.

Também me derrubaram, mas ele precisava de um bom susto para refletir melhor,

- Devo um milhão de desculpas a ele. Espero que não o tenha magoado para o resto da vida.

- Não se preocupe...

Eu estava começando a me divertir. Charlie era boa companhia. Recuperei o apetite a ponto de pedir um sorvete. O restaurante era pequeno e todas as mesas estavam ocupadas. Quando passei os olhos pelo lugar, não foi surpresa encontrar vários rostos conhecidos. Estávamos sentados perto do vigário e de Sheila, a guia turística do solar Netherby. Fiquei pensando nas fofocas que meu encontro produziria.

Quando fui me servir de sorvete pela terceira vez, ouvi por acaso alguns trechos da conversa deles.

- Quer dizer, vigário, que na sua opinião devo conversar com lorde Netherby sobre meu pano?

- É uma excelente idéia, Sheila, mas eu esperaria uns dias.

- Mas o festival já está aí, ninguém mais conseguirá falar com ele.

O vigário começou a sussurrar, o que me deixou mais curiosa ainda:

- A questão é delicada, mas acho que posso contar com a sua descrição, Sheila. Ela disse algo que não consegui entender.

- Hoje é aniversário da morte prematura de sua primeira esposa, então não considero o momento apropriado para você discutir a abertura de um salão de chá no solar Netherby.

- Ah, mas claro.

Claro para mim também.

Capítulo Vinte e Dois

Acordei cedo na manhã seguinte. Deliciada, Tallulah piscou e ronronou para mim quando eu enchi seu pratinho de ração para ver se ela parava de miar e, assim, não acordava Sarah, enquanto eu saía de fininho.

Fazia uma bela manhã e soprava uma leve brisa. O canto dos pássaros enchia o ar. Eu também me sentia muito alegre. Atravessei o campo aberto como qualquer outro morador e tomei rumo ao solar Netherby.

Não sabia bem o que podia acontecer, mas tinha certeza de que precisava ver Gabe. Não queria pôr um fim definitivo ao nosso namoro. Agora que eu sabia do aniversário de morte da mãe dele, precisava entender o que se passava com ele. Não conseguia imaginar como seria minha vida sem mamãe.

Ao chegar à entrada, ensaiei o que ia dizer. Minha primeira idéia era fingir que tinha encontrado um livro do interesse de Gabe. Depois pensei num disco raro na qual gostaria de ouvir a opinião dele. Ou talvez dissesse que queria conversar sobre a banda... Estava tão mergulhada em meus pensamentos que nem me dei conta do som de um cortador de grama e do cheiro de relva recém-cortada.

Olhei para a esquerda e vi, do outro lado da cerca, uma cabeça cujos cabelos escuros conhecia muito bem... Gabe estava manuseando um velho cortador de gramas ao redor de uma grande lápide. Usava sua calça *jeans* mais surrada e um velho avental. Sua barba estava muito crescida.

- Olá – disse. Caminhei até a lápide e, limpando a pedra com as mãos, li a inscrição que nela havia.

Gabe desligou o cortador e limpou o suor da testa com a mão. Olhou discretamente para mim.

- Então é este o monumento de Sptimus Netherby e seu amado Brutus? –

perguntei, lembrando-me na ocasião em que nos encontramos na longa galeria. Gabe concordou com um aceno de cabeça e veio em minha direção.

- Não vou ficar muito tempo. Só queria dizer que... – comecei, mas não encontrava as palavras certas. – Você deve sentir muito a falta de sua mãe... não sei bem o que dizer.

Gabe passou o dedo na inscrição: *À memória de um amigo querido que esteve a meu lado nas horas boas e nas difíceis, cuja lealdade nunca me faltou e do qual sinto uma enorme saudade.*

Nossos dedos se tocaram sobre a lápide. Prendi o meu ao dele. Ele se afastou com lágrimas nos olhos.

- Septimus podia escrever com todo esse sentimento sobre seu cão. Gostaria de saber como ele se sentiria se tivesse amado outro ser humano – disse Gabe.

- Ou se tivesse sido amado – acrescentei.

- Esses dois últimos dias foram muito difíceis para mim, Jenna. Eu deveria estar preparado à medida que os anos passam, mas não estou. Sempre me surpreendo com a força dos meus pensamentos. Mamãe passou por muitas situações difíceis. Internações... e eu me preparava para o pior. Mas nunca acontecia nada, ela sempre se recuperava. Então, quando fazia um belo domingo e mamãe não estava se sentindo mal, ela partiu enquanto eu fazia compras. É isso que eu não consigo superar. O modo como ela me deixou, Jenna. Simplesmente não suporto estar perto de alguém e, de repente, ver tudo desmoronar.

Passei meus braços sobre os ombros e o abracei. Eu me sentia mais próxima dele do que nunca. Depois de algum tempo, eu disse:

- Por que não tiramos o dia para nós? Vamos dar um belo passei. Deixo um bilhete para Sarah e preparo bons sanduíches.

- Eu adoraria.

Depois desse dia, voltamos a nos ver todas as noites.

Capítulo Vinte e Três

Eu estava descobrindo muitas coisas sobre mim mesma. Quem diria que eu acabaria me transformando numa negociante de mão-cheia? Quando as pessoas compravam livros para revender ou queriam um desconto, a barganha comigo não era das mais fáceis. Julius me chamava de “carne de pescoço”, e eu recebia isso como um elogio.

Eu também estava lendo muito mais. Encontrara alguns velhos romances e romances *cult* que fazia mais sentido quando o lia de trás para a frente. Tentei aprender russo sozinha, mas a fita cassete estava num estado deplorável.

Um dia, Ava me perguntou:

- Você não sente falta de Londres? Quando eu tinha quinze anos, sonhava em ser uma garota urbana sofisticada.

Pela primeira vez em muito tempo, pensei na minha vida em Londres:

- Sinto falta de percorrer lojas de roupas, de fazer lanches rápidos e de estar no meio de uma multidão de desconhecidos.

- Netherby tem seus confortos e consolações – disse Ava, com um sorriso significativo.

Era reconfortante estar ali. Sarah morreria de desgosto e Tallulah viraria pele e

osso sem minhas idas ao mercado para renovar se estoque de ração. A livraria entraria em total decadência. E eu estava cantando de novo. E havia Gabe. À medida que minha relação com Gabe se aprofundava, o mesmo acontecia com meu interesse pela coletânea *Vintage Verse*. Eu adorava alguns versos de Arthur Symons.

*Assim como um perfume deve permanecer
Nos lugares em que foi espargido,
Também a tua lembrança,
Para sempre mantida em meu cérebro,
Nunca me deixará: tudo pode passar,
Mas tu ficarás.*

Eu nunca percebera como a poesia era capaz de expressar nossos sentimentos quando as palavras parecem insuficientes ou banais. Havia também o velho livro de citações. Apaixonei-me por ele e o mantinha sempre ao meu lado, no balcão. Claro que “a música tem efeitos que acalmam o peito mais sofrido” continuava sendo a minha favorita.

Eu gostava de conviver com Ava. Ela estava me ensinando a cortar cabelo e a fazer o coque bufante, sua marca registrada. E também me ensinou a fazer pompons. Isso me deu uma idéia fantástica para fazer uma obra de arte. Eu iria encher o escritório da profª Kelly de pompons! No fundo, não voltaria para lá nem amarrada. Mamãe dera a entender, em seus *e-mails*, que tinha algumas opções de escolas para mim, mas nem perguntei quais eram. Eu ainda não me sentia preparada. Tinha algumas idéias e queria ver em que pé as coisas ficariam com Gabe.

Numa manhã de terça-feira em que eu lia tranquilamente minha coletânea de versos, a campainha tocou. Continuei lendo. Estava concentrada num poema de Bem Jonson, principalmente nestes versos:

*Juntemos nossos lábios e tentemos...
Sorver a respiração um do outro,
E enquanto nossas perplexas línguas se confundem...*

Alguém tossiu. Olhei e vi que era Cleo.

Em pânico, olhar para o livro para ter tempo de pensar em algo.

Talvez ela só estivesse ali à procura de um livro...

- Quero falar com você – disse ela, e sua voz era tão cortante quando uma lâmina de aço.

- O que mais tem por aqui são palavras – respondi, tentando fazê-la rir. Se eu conseguisse fazê-la sorrir, talvez ela não tentasse me matar. Agarrei-me à lombada de meu livro de poesia.

- Pare de incomodar Gabe – disse ela com voz gelada.

Engoli em seco e vasculhei desesperadamente meu cérebro, em busca de algo para dizer. Incomodar? Ele não parecia nem um pouco incomodado.

Mas Cleo não estava com disposição para uma discussão profunda. Dobrou-se sobre o balcão, agarrou-me pelo colarinho e disse:

- Deixe-o em paz.

- Ei – respondi francamente, pois seus dedos pareciam ter poderes sobre-humanos, e perde a estabilidade do corpo. A rua estava deserta. Onde se enfiava todos aqueles olhares bisbilhoteiros quando mais precisava deles? Respirei fundo e tentei recuperar parte do meu espírito combativo.

- Não seria o caso de ele decidir?

Cleo franziu a testa.

- Ele não precisa de você galinhando por aí. Já percebi muito bem como olha para ele.

O veneno que ela punha n o “você” era apavorante. Eu era a escória do mundo, o ser mais repugnante e malcheiroso do planeta.

Fiz força para olhar nos olhos dela. Seus lábios estavam esticados num sorriso de escárnio, mas os olhos tinham um quê de susto, como se ela estivesse com medo. De repente, senti um pouco de pena dela.

Resolvi tentar uma abordagem mais afável e racional.

- Sei que você e Gabe são amigos e não estou a fim de estragar nada.

Cleo me fulminou:

- Você não tem noção da extensão de nossa amizade.

- Tem razão. Não tenho como saber o que é crescer sem mãe.

Cleo interrompeu o que dizia e assumiu um tom decididamente irado.

-Foi Gabe que lhe disse isso? Ele não tinha esse direito. Você está bagunçando totalmente a cabeça dele. Dando um jeitinho de entrar para a banda e de ficar perto dele! Trate de cair fora, garota. No longo prazo, você está perdendo seu tempo.

- O tempo é meu - respondi rispidamente mas, por dentro, encolhi-me de medo. A situação estava caminhando para vias de fato, e não havia nada que eu pudesse fazer ou dizer para pôr fim àquilo.

- Gabe e eu temos uma ligação especial, que vocês jamais terão!

Fui literalmente salva pelo gongo quando Ava entrou. Ela usava um avental de plástico cor-de-rosa brilhante e trazia um grande desentupidor de pia.

- Pia entupida. Achei melhor passar por aqui para resolver o problema, Jenna.

Ela girava o desentupidor ameaçadoramente no ar e voltou-se para Cleo:

- Tudo bem na lanchonete? Canos entupidos podem provocar uma tragédia. Para não falar no cheiro.

Num gesto teatral. Ava fez que cheirava o ar:

- Sinto um cheiro levemente desagradável aqui.

Clei nos fuzilou com os olhos e se mandou.

Ava aproximou-se de mim, pôs o desentupidor no balcão e cochichou:

- Muito cuidado com essa aí. Ela tem garras e dentes afiados.

- O que foi que fiz a ela? - perguntei.

Ava balançou a cabeça e disse, com outro gesto teatral:

- Você é jovem, linda, com um passado nebuloso... uma perfeita concorrente. Isso não me convenceu. Cleo tinha medo de algo que ia além da rivalidade pelo amor de Gabe.

Capítulo Vinte e Quatro

E se eu e Gabe não tivéssemos guardado bem nosso segredo? Alguém poderia

nos ter visto subindo na casa da árvore ou andando pelo campo. Cleo estava claramente desconfiada. Ela aparecera na casa da árvore outras vezes, obrigando Gabe a separar-se de mim. Ava estava me deixando louca com suas piscadelas significativas a cada oportunidade. Mas o que significava isso? O que haveria em mim que deixava os garotos com vergonha de ser vistos comigo? Jackson sempre dava um jeito de se esquivar. Podia passar horas estudando comigo, mas nunca sabia ao certo se estaria disponível quando eu sugeria que saíssemos juntos. Outras vezes, ele me convidava para um café e, quando eu chegava, descobria que o convite fora estendido a Mia e a mais meia dúzia de amigos. Com Jackson, sempre senti que precisava impressionar para ser notada.

Gabe podia ser melancólico. Teimoso e totalmente paranóico com a possibilidade de sermos descobertos, mas quando estávamos a sós, era tudo maravilhoso! Eu sentia que podia ser eu mesma. No fundo, talvez, ele tivesse vergonha de ser visto com uma delinquente. Gostasse ou não, ele tinha uma posição na comunidade, era o filho de lorde Netherby.

Quando ao meu passado nebuloso, já era hora de encarar os fatos. Mia não faria nada por mim. Nossa amizade nunca existira. Éramos colegas, não amigas verdadeiras. O fato de ser sua colega me facilitara as coisas na escola. Só isso. Quando menos eu demorasse a encarar esse triste fato, mais rapidamente poderia seguir em frente e fazer amizades verdadeiras.

Eu tinha duas escolhas: tentar resolver a situação pessoalmente ou calar-me e conviver com a minha péssima reputação. Isso me levou a pensar em como é fácil uma pessoa levar um rótulo ruim. E como é difícil apagar esse rótulo depois que os outros já formaram opinião a seu respeito.

Eu já ia fechar a livraria quando tocou a campainha e Freddie e Charlie chegaram.

- Notícias arrasadoras! – disse Freddie – A banda Stale Pumpkins desistiu de participar do festival. Vamos tocar no lugar deles.

- Isso é bom? – perguntei.

- Gatos gostam de peixe? – perguntou Charlie.

- Macacos gostam de... – Freddie ia dizer.

- Tudo bem, tudo bem, já entendi – interrompi.

Charlie prosseguiu.

- Isso vai significar um monte de ensaios a mais. O único problema é que não poderemos ensaiar no salão de festas da cidade, que está totalmente lotado com outras bandas que virão para o festival.

Os dois olharam para mim como dois cachorrinhos sem dono, até que me toquei e disse:

- Vai ficar um pouco apertado, mas tenho certeza de que Sarah não vai se importar se ensaiarmos aqui. Basta racharmos a conta de luz. Além do mais, Freddie, estou em dívida com você por ter sido tão grosseira outro dia.

Eu mal acabara de falar quando Charlie saltou sobre o meu balcão e me deu um beijo estalado. Depois, ficou mais vermelho que um pimentão.

- Vamos nessa, manos – disse Freddie, agitando os braços como se estivesse dançando e gritando: - Uau, mas que idéia fantástica.

Charlie o arrastou para fora da livraria.

Enquanto eu refletia sobre a notícia, o telefone tocou. Atendia ou não? Não estava a fim de conversar sobre livros. Usei o tom de voz mais esnobe que eu consegui:

- Sarakai Livros, em que posso ajudar?

- Acho que quem deve fazer essa pergunta sou eu.

- Mia, é você?

- Não, é o corpo dela “falando”.

- Como você conseguiu este número? – perguntei.

- Dei um jeitinho, querida. Ouça bem, pois não posso falar muito. Estou ligando para lhe dizer que...

- Que você se entendeu com a escola. Sabia que faria isso. E o que eles disseram? – eu estava cada vez mais ansiosa.

Fez-se um longo silêncio do outro lado da linha.

- É sobre as férias de verão. Não há ninguém na escola no momento. Estou ligando para dizer que recebi seu *e-mail*. Um pouco ameaçador para o meu gosto... Mas eu e Jackson iremos visitá-la. Já compramos ingressos para o Festival Netherby.

- Pensei que você estivesse proibida de sair comigo – minha boca ficou seca.

Mia riu:

- Justin nos levará de carro se racharmos a gasolina e comprarmos um ingresso para ele. Mamãe não fez nenhuma associação entre você e Netherby.

- Fico emocionado com tanto empenho em me ver – respondi sarcasticamente.

- Levaremos uma barraca. Acho que vai ser muito divertido.

- Estarei trabalhando. Eu e Sarah vamos montar uma barraca de lanches – expliquei. A idéia de ver Mia e Jackson em Netherby me irritava. Os dois faziam parte do meu mundo em Londres. Não tinha nada a ver com Netherby. Eu era outra pessoa ali e não queria que eles viessem estragar as coisas.

Mia continuou falando:

- Quero saber tudo sobre o seu garoto misterioso. Ou ele não passou de um produto de seu cérebro alucinado?

Por que fui mencionar minha história com Gabe no primeiro *e-mail* que lhe mandei? Agira como uma idiota tentando impressionar Mia. Não suportava a idéia de ela se meter no meu relacionamento com Gabe.

- O nome dele é Charlie. Ele é um barato.

- Quero conhecê-lo – disse Mia, e depois sua voz mudou: - Sim, Rebecca, acho que você vai acabar aprendendo a usar o apóstrofo.

A mãe dela devia ter chegado. Desliguei o telefone.

Depois da ligação de Mia, sentia-me insegura. Precisava mudar de cenário. Tinham me falado de uma lanchonete muito legal em Netherby e achei que, depois do trabalho, aquele seria o momento ideal de conhecê-la.

Netherby era uma versão reduzida de Greater Netherby. O comércio principalmente de antiguidade e brechós. Pensei que a Sarakai Livros estaria muito melhor ali.

Todas as vitrines estavam cheias de pôsteres anunciando o festival. Em uma pequena loja de antiguidades havia um que se lia: *Boicote o Festival Netherby! Mantenha os delinquentes longe de nossa cidade!*

Nem todos achavam o festival uma boa idéia. Enquanto eu olhava para o pôster, algo chamou minha atenção. Era difícil deixar de ver um vaso tão grande e espalhafatoso como aquele. O preciso pedido também era de tirar o fôlego.

Esfreguei os olhos e olhei novamente.

Ainda estava lá.

Capítulo Vinte e Cinco

- O que você acha melhor: magoar uma pessoa sem rodeios, dando-lhe uma péssima notícia, ou simplesmente esperar que ela a descubra? – perguntei a Gabe um pouco mais tarde, naquele mesmo dia. Estávamos sentados lado a lado na casa da árvore.

- Se você está pensando em se livrar de mim, prefiro saber já – ele jogou uma cereja estragada pela janela.

Falei-lhe do vaso que vira na loja, da desconfiança de Sarah e de minhas suspeitas de que Kai o roubara.

- Kai pode ser falsamente gentil com as mulheres que adoram seus poemas, mas não acredito que seja um ladrão. Ele não precisa desses expedientes, já que sua coleção de discos vale uma grana preta.

Quase sufoquei com um caroço de cereja:

- Você está me dizendo que aquela caixa cheia de discos velhos vale um bom dinheiro?

- Milhares de libras. Mas não acredito que ele pretenda vendê-los. Para ele, são como filhos.

- E por que os deixou?

- Provavelmente porque acha que aqui é o lugar mais segura quando ele viaja no verão.

- Enquanto isso, Sarah tem de cuidar da loja sozinha... Ela se recusa a ver os defeitos de Kai – respondi.

- Só não entendi por que Sarah acha que você tem algo a ver com o desaparecimento do vaso.

- Porque sou uma garota má, com uma terrível reputação – respondi secamente. E então aconteceu uma coisa estranha. Sem nenhum grande motivo aparente, explodi em soluços. Fui invadida por uma erupção vulcânica de lágrimas quentes e sentidas.

Gabe me deixou chorar. Depois me disse:

- Confie em mim! Vamos falar sobre isso?

Encostei a cabeça no peito dele, aspirei seu perfume e fiquei pensando. Eu gostaria de contar a ele...

- Não é que não confie em você. Embora eu só o conheça a poucas semanas, algo em você me leva a confiar. Você é íntegro. Mas nem sempre se abre comigo, uma posição que respeito totalmente porque nossas situações são meio parecidas, e sei o quando você odeia que as pessoas fiquem fazendo hipóteses sobre a sua vida... E eu gostaria de lhe dizer, mas... Ah, meu Deus, estou gaguejando feito uma débil mental.

- E daí? – disse Gabe. – Além de mim, não há ninguém num raio de quilômetros.

- Aí é que está o problema. Preocupo-me com o que você possa pensar. Não quero ficar diminuída a seus olhos – respondi, minha voz quase sumindo.

- E o que leva a pensar que seria assim? – perguntou Gabe, olhando-me nos olhos.

Baixei os olhos e disse:

- Porque todas as vezes que me permito pensar no que fiz sinto-me tão mal que não consigo respirar.
- Eu jamais pensaria mal de você, Jenna. As pessoas cometem erros, depois se arrependem... Às vezes, a gente precisa aprender a conviver com esses erros, aprender *com* eles.
- Às vezes, os erros que cometemos podem magoar as pessoas. Mamãe estava louca para me matricular na Coot's Hill. É uma pedreira ser aceita nessa escola, especialmente quem não é gênio ou coisa parecida. Ela teve de gastar muito dinheiro para comprar uma casa perto da escola, tudo para que eu pudesse ter alguma chance. Fui aceita por causa da casa e de meu talento musical.
- Não sabia que você tocava.
- Todo clarinete e tocava no coral da escola.
- Você é um poço de surpresas, Jenna. Não a imagino cantando num coral...
- Nem todas as surpresas são agradáveis... – tentei rir, mas meu rosto ficou tenso. Percebi que estava diante da oportunidade de lavar minha alma. Descobrir quais eram os verdadeiros sentimentos de Gabe. Fazê-lo saber do que eu era capaz e, depois disso, ver se ele ainda gostava de mim.
- Odiei a escola desde o primeiro dia. O clima era muito competitivo. A vida era muito dura na sétima série. Eu não conhecia ninguém, pois estávamos morando naquela área havia pouco tempo. Quando comecei a oitava série, Mia veio morar na casa em frente à nossa e seus pais a matricularam na mesma escola. Ela não era tímida e me ajudou muito em minha adaptação.
- É importante ter alguém que nos proteja – disse Gabe.
- Em abril, no fim do último semestre, Jackson chegou. Ele estudara comigo no curso primário. E foi assim que, pela primeira vez, eu senti que tinha um grupo de amigos. Começamos a criar confusão. Batemos de frente com a nova professora de francês, prof^a Rose, que tinha uma língua ferina e um jeito de olhar com desprezo para qualquer aluno que cometesse um erro. Até Rebecca Worth, uma CDF total, penava com ela. E olha que ela tem dois cérebros. Eu gostava de francês, mas comecei a perder o interesse e, por fim, tornei-me muito insegura nessa matéria – olhei para Gabe. Ele sorriu. Minha garganta estava seca. Eu sentia náuseas.
- A prof^a Rose organizou uma viagem à França. O plano era partir bem cedinho, passar o dia em Calais e voltar de balsa ao entardecer. Mia, Jackson e eu ficamos bagunçando antes de entrar no ônibus, até que a prof^a Rose teve um ataque e disse que estava cheia de nossas grosserias, e que não se responsabilizaria por nós naquela viagem. Mandou-nos à sala da diretora. O que nos irritou foi que não estávamos nos comportando mal, mas ela ameaçou não devolver o dinheiro da passagem. Os outros professores consideraram a reação dela exagerada, mas não disseram nada. Quando o ônibus partiu, voltamos para a sala de aula. Estávamos furiosos. Eu vinha sonhando com aquela viagem fazia anos. Infernizei mamãe para arrumar o dinheiro e agora ia perder a viagem. E a verdade é que nosso comportamento não tinha sido nem melhor nem pior do que costumava ser. Olhei para Gabe para avaliar a reação dele. Ele estava sentado, com a cabeça entre as mãos.
- Talvez se sentisse constrangido demais olhando para mim.
- Em vez de ir para a sala da direção, demos um jeito de entrar na sala da prof^a

Rose e tomamos uma xícara de seu café francês especial. Depois, Jackson desenhou um bigode em um de seus pôsteres. Mia encontrou uma bolsa na gaveta de uma escrivaninha, era uma coisa ridícula, cor-de-rosa e fofa, e ficamos um tempão fazendo poses com ela, imitando o jeito grotesco da profª Rose. Ríamos histericamente. Não consigo me lembrar das seqüências exatas dos fatos a seguir, mas um de nós olhou dentro da bolsa e encontrou um cartão de crédito. Então saímos da escola pelo estacionamento. A maioria das pessoas pensava que estávamos viajando. Tomamos um ônibus para o West End. Jackson disse que conhecia uma loja de eletroeletrônicos em que os vendedores nunca faziam perguntas. Sabíamos que o que fazíamos não era certo, mas estávamos tentados a prosseguir, lembrando que, afinal de contas, o dinheiro que gastávamos era nosso. Estávamos certos de que, uma vez que a profª Rose ia ficar com o dinheiro da nossa viagem, tínhamos o direito de ficar com o dinheiro dela.

Meu coração batia com força enquanto eu ia me lembrando daqueles momentos. Gabe percebeu que eu estava perturbada.

- Não precisa me contar mais nada – disse.

Mas eu precisava continuar. Se parasse ali, provavelmente não teria mais coragem de voltar a tocar no assunto.

- Mia entrou na loja. Jackson e eu ficamos olhando pela vitrine. Meu coração disparava, e tudo parecia girar num turbilhão. Eu não parava de dizer a mim mesma que alguém ia desconfiar e pegar Mia em flagrante. Mas o caixa nem se deu ao trabalho de conferir a assinatura... tudo muito fácil. Mia saiu da loja com um pacote. Trazia uma câmera digital. Quando vi a máquina, comecei a surtar e não parava de dizer: “Precisamos devolver isso! Volte lá e devolva...”, até que Mia me deu um tapa. Uma de suas unhas pegou em minha presilha e ela gritou: “Você quebrou minha unha!”. Isso pareceu aborrecê-la mais do que qualquer coisa. Jackson riu, mas, percebendo que eu estava em pânico, disse que devolveríamos a câmera mais tarde e a loja retornaria o débito no cartão. E aí ninguém ficaria sabendo de nada.

Isso fez com que eu me sentisse um pouco melhor. Tiramos várias fotos e entramos numa *lan house* para mandá-las para o computador de Mia. Depois fomos tomar sorvete. Mia ofereceu-se para devolver a câmera e mandou que eu e Jackson esperássemos no café. “Foi loucura”, Jackson não parava de dizer. Acho que estava começando a se sentir mal com aquilo. Eu me sentia agoniada. Mia voltou dez minutos depois. Pediu para eu ficar com o cartão de crédito. Guardei-o no meu bolso. “Livre-se dele”, disse Mia. “Ou será que eu tenho de fazer tudo?” “Ficamos andando até o fim de horário de aulas. Eu sabia que tínhamos cometido um erro terrível. Era impossível jogar o cartão fora. Eu queria devolver aquilo da melhor maneira possível, colocando o cartão novamente na bolsa da profª Rose. Afinal, a câmera não fora devolvida? Isso significava que não tínhamos gastado nem um centavo do cartão. A profª Rose pensaria que a loja tinha feito alguma confusão. Fim de papo.

“Voltei à sala da professora sem que ninguém notasse e localizei a bolsa, mas ao abri-la fui vista por uma das faxineiras. Ela contou a um professor, e me pegaram. Desde o início, não falei nada. Não ia dedar Mia e Jackson. Mamãe foi chamada, e eu fui suspensa enquanto investigavam o caso. Mia deu um jeito de ir a minha casa naquela noite. Estava muito nervosa. Não entendi por quê. ‘Você devolveu a

câmera, não devolveu?', perguntei.

"Ela não me respondeu; em vez disso, começou a me atacar: 'Como é que você se deixou pegar com o cartão? Que estúpida! O que estava pretendendo ao tentar devolvê-lo?', e assim por diante. Disse que não se importa em confessar o que fizera, mas que devíamos manter Jackson fora daquilo porque ele já tivera problemas na outra escola, da qual fora expulso. A mãe dele disse que o mandaria para uma escola na Nigéria se ele arrumasse nova confusão.

Então concordei em poupar Jackson. E, como ele se manteve distante de mim na escola, imaginei que nosso relacionamento estava terminado. Isso me deixou muito magoada. Mia, por sua vez, era só sorrisos, e insistia para eu continuar calada.

"Ela queria que eu esperasse seu pai voltar de uma viagem de negócio aos Estados Unidos, para admitir o que fizera. A mãe dela pode ser tenebrosa. Ela disse que o pai ficaria do seu lado, e que era perito em resolver suas encrencas, porque também viveu se metendo em confusões em seus tempos de estudante. Além disso, doava uma fortuna à escola. Em resumo, Mia prometeu que confessaria sua parte na culpa qual ele voltasse de viagem.

"Foi assim que assumi toda a culpa. Admiti ter pego o cartão de crédito e feito compras com ele. Respondi a todas as perguntas que me fizeram. Estava apavorada e, ao mesmo tempo, aliviada. Ter sido pega ajudava a aliviar a ansiedade e o sentimento de culpa. E eu tinha certeza de que, assim que Mia confessasse sua parte na culpa, eu deixaria de me sentir tão isolada.

"O dinheiro não foi creditado no cartão. Mamãe precisou restituí-lo. Mia mentiu quando disse que devolvera a câmera. A profª Kelly quis chamar a polícia, mas a profª Rose não. Eu disse que comprara uma câmera, mas que a joguei fora porque entrei em pânico. Ela ficou olhando para mim e disse que, já que eu era tão fraca e me deixava levar facilmente, tinha tido o castigo que merecia. Acho que ela sabia que Mia e Jackson estavam envolvidos, mas não disse uma palavra. E assim vim parar aqui."

Enfie a cabeça entre os joelhos e aguardei a resposta de Gabe. Minha cabeça ia explodir de aflição, minhas mãos tremiam. Eu não imaginava a reação que poderia esperar dele. Decepção, horror, repugnância, vergonha talvez. Eu esperava tudo, menos o que aconteceu.

Olhei para Gabe e vi um sorrisinho maroto em seus lábios. Ele estava segurando para não cair na risada!

Corri, enfurecida.

Capítulo 26

- Pare, Jenna! – disse Gabe, correndo atrás de mim.

- Conte-lhe meu segredo e tudo o que você faz é rir de mim?! – gritei enquanto ele tentava me segurar pelo braço. Empurrei-o.

- Sinto muito, eu não estava rindo de você. Estava aliviado. Estava morrendo de medo de que você fosse me contar algo terrível. Seu erro pode ser facilmente concertado.

- Como assim?

- Você não matou ninguém. Algo assim não teria conserto, não é? Mas o que você fez não é tão mau assim. Você tem como sair dessa. Quem agiu muito mal foram esses que você chama de "amigos".

- Mia disse que esclareceria tudo assim que seu pai voltasse da viagem aos estados unidos – respondi.

- E você acredita? Você foi enganada por Mia e Jackson. Gabe me pegou pelo braço, mas o afastei.

- Impossível, eles não fariam isso. São meus amigos – insisti, sem muita convicção. Uma coisa era suspeitar que talvez não fossem tão amigos assim... mas admitir minhas suspeitas era bem diferente.

- Parece que foi exatamente o que fizeram. Mostraram quem são.

- Não vou arrumar encrenca para Mia e Jackson. Jackson seria expulso.

- Ele não é nenhuma criança deveria assumir a responsabilidade do que fez. Ele tinha plena consciência do que estava acontecendo, não tinha? Já que corria o risco de a mãe mandá-lo para longe, não devia ter sido tão irresponsável. Deve estar feliz da vida, pois quem acabou sendo posta fora de casa foi você. Tapei os ouvidos com as mãos.

- Pare com isso! Você é a primeira pessoa em quem tive a confiança de contar essa historia. Acho que eu não devia ter feito isso. Não seja cruel.

- Não acredito que Mia e Jackson sejam seus amigos de verdade. Ou que Mia vá se abrir com a família. A não ser que chova canivete! Acredite, Jenna, não estou sendo cruel. Posso até parecer, mas tenho meus motivos. Ele sorriu, e algo se rompeu dentro de mim. Fiquei furiosa.

- Você é cruel porque já nasceu assim – berrei. – Quem você pensa que é? A perfeição em pessoa? Pois saiba que está muito longe disso. Você é temperamental e impossível e sua obsessão por privacidade me deixa louca! Você acha que é tão especial a ponto de todo mundo se interessar pela sua vida? O fato de Cleo beijar o chão em que você pisa não significa que todos façam o mesmo. Você não é diferente de mim só porque é um aristocrata. O sangue que corre nas suas veias é igual ao que corre nas minhas!

- Nasci HIV-positivo, Jenna – disse Gabe.

- O quê? – gaguejei, muito chocada para pensar claramente e com muito medo do que viria.

- Sinto muito. Não devia ter lhe contado isso tão abruptamente. Gabe começou a andar para lá para cá.

- Na verdade, eu não devia ter lhe contado absolutamente nada. Foi um erro enorme. A bem da verdade, foi péssimo. Esqueça o que ouviu. Apague de sua memória... O que estou dizendo? Não dá pra esquecer, dá?

- Gabe.

Foi só o que consegui dizer. Meu cérebro fervilhava. Não era possível que Gabe fosse HIV-positivo. A Aids é uma doença terrível... Ah, meu Deus, será que Gabe ia morrer logo?

Milhares de pensamentos terríveis me atormentavam. Uma sensação de mal-estar começou pelo estômago e se espalhou pelo resto do corpo. Senti que precisava desesperadamente de um banho.

Gabe ficou agitado.

- Jenna, você não pode contar a ninguém – disse ele, olhando-me assustado nos olhos. – Isso é importante. Você tem de me prometer que não contará isso a ninguém. Nem a Sarah, nem á sua mãe, nem a qualquer um de seus amigos. A ninguém.

Eu ainda estava em estado de choque e não conseguia falar. Fiz apenas um sinal de “tudo bem” com a cabeça.

- Jure, por favor, jure – havia desespero em sua voz. Ele me agarrou pelo braço e apontou para o céu. O Jure pela vida de sua família que não contará anda a ninguém.

- Por tudo o que é mais sagrado, prometo não contar absolutamente nada – tentei usar um tom de voz convincente, mas estava apavorada. Tinha pirado com a confissão de Gabe, mas também estava com muito medo de tê-lo magoado. Ou de tê-lo perdido. Ele continuava muito nervoso, andando em círculos.

- Agora preciso ir. Fiquei muito tempo aqui, e já passou da hora de tomar meus remédios.

Segurei a mão de Gabe, ignorando o que uma parte de mim insistia em pensar: “Não é arriscado tocar nele?”

Afastei esses temores da minha cabeça e apertei fortemente a mão dele.

Capítulo 27

Meu corpo emudeceu sob o peso da revelação de Gabe. Naquela noite, dormi profundamente. Meu cérebro me fez dormir com medo de pensar.

Assim que abri os olhos, senti o abalo. Meu coração disparou. A princípio, pensei que Gabe estivesse fazendo uma brincadeira cruel comigo. Ou seja, talvez, eu não tivesse ouvido direito o que ele falou. Que ele só dissesse que tinha medo de ser HIV-positivo. Ele disse que tinha nascido HIV-positivo, mas talvez tivesse superado o problema àquela altura. Bebês são imunes a certas doenças, não é verdade? Talvez ele fosse um desses hipocondríacos que vivem pedindo atenção... enfiei a cabeça sob os cobertores.

Eu nem sabia direito o que significava ser HIV-positivo. Sabia que o HIV era um vírus que se difundia quando as pessoas faziam sexo inseguro ou compartilhavam seringas. Havia comprimidos que resolviam o problema, não é? A doença não significava que você precisasse ter uma morte horrível.

Lamentei não ter prestado mais atenção às aulas de educação sexual na escola.

Não que Coot's Hill aprofundasse as discussões quando o assunto era sexo.

Alguns pais e certas autoridades governamentais se mostravam avessos, inclusive, às poucas informações passadas aos alunos. Eu também me desinteressava quando via reportagens sobre o assunto. Era tudo meio confuso. Algumas pessoas diziam que era uma epidemia na África, e outras, no mundo ocidental, acreditavam que a doença só afetava os gays. Muita gente reclamava do custo dos medicamentos. Até assisti a um programa sobre pessoas com Aids na Inglaterra, mas tratava-se basicamente de usuários de drogas injetáveis. Esse tipo de coisa acontecia com os outros, não com o filho de lorde Netherby. Não com Gabe.

Sentei na cama. De que maneira a doença podia estar afetando Gabe? Ele não parecia doente. Depois, outro pensamento veio me perturbar. Eu o beijei. Eu também estaria infectada? Pega-se Aids pela troca de fluidos corporais, não é verdade? Eu talvez tivesse algum corte na boca, ou uma afta.

Saltei da cama e corri para o banheiro, onde comecei a sentir uma incontrolável ânsia de vômito.

Sarah me ouviu e subiu com uma xícara de chá que me serviu na cama.

- Talvez sejam os seus nervos, já que você vai se apresentar no festival – disse

ela. – fico sempre nauseada antes de ler meus poemas em saraus.

Fiz que sim. Sarah mexeu os dedos com pequenos movimentos nervosos, como se seus inúmeros anéis ainda estivessem ali, antes de continuar?

- Eu deixaria você ficar na cama, mas se tiver em condições, gostaria que abrisse a livraria. Com o início do festival daqui a alguns dias, aquele lugar vai estar cheio, e tenho uma chance de ganhar uma boa grana. Preciso passar no banco para ver se consigo um empréstimo. Está a fim?

Disse que sim. Trabalhar na livraria desligaria minha cabeça daquelas coisas todas durante algum tempo.

Gabe me esperava em frente da casa. Parecia arrasado, com jeito de quem não dormiu. Veio correndo em minha direção.

-Jenna, sinto muito. Não foi legal da minha parte falar daquele jeito, de repente e sem pensar.

Acariciei seu braço. Ele estava trêmulo.

- Gabe - eu disse. Foi só o que consegui dizer. Qualquer outra coisa soaria inútil ou irremediável.

- Você me odeia? - os olhos dele brilhavam de medo.

Fiz que não.

Talvez odeie o mundo ou um vírus estúpido, mas não você.

Ele me entregou uma carta. Suas mãos estavam frias.

- Leia quando estiver sozinha. Preciso ir a Londres conversar com meu grupo de apoio.

- Mas o ensaio vai ser esta noite... - respondi. - Não se esqueça que você faz parte de uma banda. Não vá prejudicar a Goat in a Spin.

Eu não suportava a idéia de vê-lo partir naquele momento.

- Posso ir com você?

- Não Jenna, não pode. Vou tentar voltar a tempo... Mas com certeza voltarei para o dia da nossa apresentação.

Pareceu que ia me beijar, mas mudou de idéia quando percebeu que fiquei tensa. Seus olhos revelaram uma grande mágoa por isso. Segurei fortemente a carta dele.

Senti um vazio no estômago quando o vi se afastar e tentei imaginar como seria terrível atravessa aquele dia.

Por sorte, Julius estava na livraria.

Com a correria do festival, pensei em dar uma ajuda. Descobri alguns livros antigos de paganismo e religiões alternativas. É o tipo de coisa que sempre vende bem nessa semana.

Naquele dia, gostei de suas piadas sem graça e tentei compartilhar seu entusiasmo por livros. Cheguei até mesmo a sintonizar a rádio 4.

- As coisas estão melhorando - disse ele com uma piscadela.

Minha verdadeira atenção estava voltada para a carta de Gabe dobrada no bolso do meu casaco. Morria de medo de lê-la, principalmente se houvesse outras pessoas por perto. Ficava apavorada ao pensar que seu conteúdo poderia me abalar. Mas não parava de enfiar a mão no bolso para sentir a carta ali.

Charlie e Freddie apareceram para conhecer o espaço antes do ensaio da noite.

Não consegui lhes dizer que Gabe talvez não estivesse presente.

A manhã foi avançando, a livraria foi ficando cada vez mais cheia, o que só fez aumentar minha solidão. Sarah não apareceu. Isso me deixava um pouco aliviada, pois eu poderia me sentir tentada a quebrar minha promessa e contar tudo a ela. Toquei a carta novamente para me lembrar de que devia ser forte e manter a promessa.

Às três horas, Julius saiu para tomar um "lanchinho". Ava trouxe-me um sanduíche e café com leite para eu "me manter de pé". Também ficou de olho nos clientes enquanto eu comia. Eu nem tinha percebido como era tarde e como estava faminta.

Não sei se era uma calma natural ou se a presença de Ava afugentava os clientes por algum tempo, mas o fato é que a livraria retomou a tranquilidade habitual. Ava voltou para o salão para fazer uma permanente; fiquei praticamente sozinha. Só havia um cliente vasculhando as estantes.

A única coisa sensata que Sarah fizera na livraria fora colocar um grande espelho de onde se via quase todo o espaço da casa. O cliente solitário era uma garota alta com longos cabelos desgrenhados. Ela me lembrava vagamente algum conhecido. Se eu não estivesse tão preocupada com a carta de Gabe, teria me esforçado para me lembrar de onde a vira.

Ela ficou horas consultando a minúscula seção de saúde e bem-estar. Finalmente, aproximou-se do balcão e perguntou:

- Esses discos estão à venda?

Ergui os olhos do meu livro e respondi que não.

Ela deu um sorriso de satisfação como se eu tivesse dado exatamente a resposta que ela queria ouvir. De onde eu a conhecia? Ela virou-se para ir embora.

- Mas o livro está à venda - falei bem alto ao perceber uma saliência em sua blusa. A garota ficou vermelha e tirou o livro.

- Desculpe - disse baixinho.

O título do livro era *A gravidez perfeita*. Percebi que por baixo de sua malha havia outra saliência, só que não era nenhum livro.

- Está em oferta, só cinco libras - insisti com um sorriso, ignorando o preço real do livro, que custava dez libras. Imaginei que aquela garota estava precisando do máximo de ajuda possível.

Ela me devolveu o sorriso, mas saiu da loja sem levar o livro.

Capítulo 28

Ali pelas 4 horas, Sarah chegou toda apressada à Sarakai. Não havia nenhum cliente, mas ela não parava de se desculpar. Julius disse que fecharia o caixa, para que eu pudesse ir para casa preparar-me para o ensaio de logo mais, à noite.

O mais estranho foi que, assim que me vi livre para ler a carta de Gabe, comecei a enrolar e a fazer outras coisas. Primeiro, brinquei com Tallulah e enchi seu pratinho de ração. Depois fui preparar um chá para me acalmar um pouco.

Aí resolvi tomar um banho bem demorado e me trocar.

Quando já não havia mais desculpa possível, me deitei na cama e abri o envelope.

Jenna,

O que dizer? Sinto-me tão mal por ter lhe dado aquela notícia de maneira tão

rude. Por favor, acredite quando digo que não pretendia lhe contar daquele jeito confuso. Eu sabia que acabaria lhe contando algum dia. Parte de mim já queria fazer isso há muito tempo. Na verdade, estou até um pouco aliviado, porque agora você já pode me deixar, e eu já posso começar a esquecê-la.

Mas acho que você merece saber um pouco mais sobre mim. Por isso estou escrevendo para lhe contar alguns fatos da minha vida que normalmente não conto a ninguém.

Eu, Gabriel Hugh Lawrence Netherby, nasci há 17 anos. Minha mãe abandonara meu pai depois de uma discussão estúpida. Além de muito bonita, minha mãe era também obstinada e impulsiva.

Ela não sabia na época, mas não estava só.

Fugiu para viver com amigos no Quênia. Meses depois, quando percebeu que estava grávida, era tarde demais para voltar para casa. Ela era uma dessas mulheres cuja gravidez não aparece muito e atribuiu os sintomas ao fato de estar vivendo num país estrangeiro. Houve complicações durante a gravidez e ela precisou receber uma transfusão de sangue. O sangue estava contaminado, e nós dois contraímos HIV. Isso aconteceu numa época em que ainda não se fazia exames de sangue dos doadores.

Alguns meses depois do meu nascimento, mamãe planejava voltar para Londres para reatar com papai e apresentar-lhe seu filho e herdeiro.

Quando chegou a Londres, fez alguns exames de rotina e descobriu que estava infectada. Não consigo imaginar o que ela deve ter sentido. A maioria dos pais costuma se culpar pelas coisas que acontecem a seus filhos. Mamãe ficou arrasada quando soube que eu também tinha o vírus. Sentiu-se culpada.

Não reatou com papai, muito embora ainda o amasse. Divorciou-se dele para protegê-lo e proteger o nome Netherby, e não revelou minha existência durante muito tempo. Permaneceu em Londres.

Quando eu tinha 9 anos, comecei a fazer muitas perguntas para saber por que ia ao hospital fazer exames de sangue e por que tomava tantos remédios. Ela me disse que havia uns bichinhos muito maus vivendo no meu sangue e que as pílulas que eu tomava os faziam dormir. Se acordassem, eles me fariam mal. Aos poucos, nos anos seguintes, comecei a entender melhor. Mamãe ficava doente ou passava muitos dias tão cansada que nem conseguia sair da cama. Tomava uma infinidade de remédios.

Certo dia, lhe perguntei se eu ia morrer.

Mamãe acariciou-me e disse?

- Gabriel, todos nós vamos morrer um dia.

Senti uma calafrio ao recordar o dia da festa campestre. Gabe me disse aquelas mesmas palavras enquanto admirávamos o retrato de Eveline Netherby. E eu brincava com ele, dizendo que jamais morreria. Engoli em seco e continuei a ler. O dia dela chegou alguns anos depois, quando eu tinha 11 anos. Minha bela e corajosa mãe! Não sei como exprimir a falta que ela me faz.

Pouco antes do funeral, papai ficou sabendo por que ela não voltara para ele. No começo foi difícil, porque ele, no fundo, ainda sentia a dor do abandono. Papai se casara de novo, e tinha um bebê. Até onde sabia, Aurora era sua filha única.

Tantos anos passados, e ele nada sabia ao meu respeito. Quando soube da minha existência agiu como um homem honrado e me reconheceu.

As coisas não correram muito bem no começo. Eu me comportava de um modo muito rebelde e estava triste devido à falta de mamãe, e ele não conseguia encarar minha doença. Então fui viver com parentes em Londres.

Para mim, na época, Cleo e sua mãe eram o que mais se aproximava de uma família. Nossas mães tinham sido grandes amigas. Cleo sempre cuidou de mim e me amou daquele jeito impulsivo. Prometi a mamãe que eu sempre tomaria conta dela.

Papai e Isabel não se esqueceram de mim nem me viam como um caso irrecuperável. Continuaram convidando-me a vir visitá-los e também iam me visitar em Londres. Conheci minha irmãzinha Aurora, de quem logo passei a gostar.

Minha saúde é parte fundamental da minha vida. Às vezes, enlouqueço ao pensar nela. Outras vezes, fico desolado ao ver crianças com câncer que recebem uma infinidade de atenção, apoio e solidariedade(coisa que sem dúvida merecem), enquanto sei que essas mesmas pessoas solidárias me tratariam como se eu tivesse a peste ou coisa parecida. Na verdade, é assim que se referiam à Aids até pouco tempo: a peste. Muita gente considerava o HIV um castigo divino. Aham que os portadores do vírus merecem a doença. Desprezam-nos e têm muito medo de qualquer contato conosco. Tudo o que vêem ao olhar para nós é uma infecção. Esquecem-se de que temos sentimentos.

No momento, estou bem, porque minha terapia combinada (o coquetel de remédios que tomo todos os dias) está dando bons resultados. Sou muito feliz por tê-la conhecido,Jenna. Aquelas noites que passamos juntos significaram muito para mim. Consigo relaxar e ser eu mesmo quando estou com você, inclusive enquanto precisei manter esse segredo sombrio.

Sempre fugi das relações amorosas. Mas jamais me arrependerei do tempo que passamos juntos. Além de Cleo, você é a única garota pela qual me permiti ter sentimentos. Há algo de especial em você. Não espero nada em troca.

Estarei em Londres quando você ler esta carta. Preciso ver algumas pessoas de meu grupo de apoio. Quero conversar com elas sobre vários assuntos, e preciso estar num lugar onde eu me sinta seguro,onde ninguém me julgue nem sinta pena de mim.

Tentarei não perder o último ensaio, mas, se perdê-lo, diga ao pessoal da banda que estarei de volta para o festival. E conversaremos.

Não sei em que você está pensando no momento, mas, de qualquer modo, o melhor talvez seja não nos relacionarmos mais do jeito que vínhamos fazendo.

Espero continuar sendo seu amigo. Ou que, pelo menos, você não me veja com maus olhos.

Tudo o que lhe peço é que não conte o meu problema a ninguém. As pessoas podem ser ignorantes e cruéis e, se a notícia se espalhar, tanto eu quanto minha família poderemos sair muito magoados dessa história toda.

Por favor, rasgue esta carta depois de lê-la.

*Com amor,
Gabriel.*

- Que cheiro é esse? - perguntou Sarah assim que estrou em casa.

- Um incenso que acendi - respondi, enquanto as palavras de Gabe ondulavam e queimavam num pequeno recipiente de porcelana.

Capítulo Vinte e Nove.

Eu precisava deixar um pouco aquela casa. Sarah voltara do trabalho e foi diretamente para a cozinha testar as receitas de “comidinhas para a alma” que pretendia vender no festival. Saí sem rumo. Só queria andar um pouco. Cheguei à estradinha e atravessei o campo. Nem reparei na paisagem, pois estava preocupada demais com a carta de Gabe. Quando prestei atenção às coisas que me cercavam, comecei a ver Gabe por toda parte.. encostado no muro de pedra, olhando para mim e sorrindo ou dando voltas em um tronco. Para mim, ele fazia parte da paisagem de Netherby, tanto quanto árvores e a relva. Em primeiro lugar, por que Gabe tinha que estar com esse HIV? Por que justamente a mãe dele teve de receber a transfusão de sangue contaminado? Gabe poderia ter filhos? Pensi nos retratos de sua família, que remontavam a tantas gerações. Tudo se acabaria com ele? Havia possibilidade de Gabe não estar mais entre nós em poucos anos, e teríamos desperdiçado um tempo precioso não desfrutando dele como deveríamos.

Se sua doença fosse outra, eu ainda poderia suportar. Não apenas eu, mas a comunidade inteira. Levantariam fundos, fariam bolos, organizariam passeios para conseguir dinheiro para pesquisas. Astros da musica pop cantariam em concertos beneficentes para ele. Mas, se a comunidade soubesse da Aids, começaria a fazer fofocas, ficaria com medo e manteria suas crianças longe dele. As pessoas ficariam constrangidas e sem jeito na presença de Gabe.

Começou a chover, mas eu pouco me importava. Na verdade, fiquei contente. o tempo chuvoso era semelhante ao meu estado de espírito. O mundo era um lugar podre. Que chovesse, então! Não abotoei meu casaco, deixando a chuva me encharcar.

No começo, eu pensei que houvesse algo de errado comigo. Faltava algo. Eu nem consegui chorar. Mas depois me dei conta de que chorar significaria desistir, e que, se eu desistisse, teria de admitir que estava chorando tanto por mim quanto por Gabe, e por todas aquelas coisas que talvez nunca tivéssemos e que certamente enriqueceriam a vida das outras pessoas.

De qualquer modo, de que adiantava chorar quando todas as lágrimas do mundo não mudariam a situação?

A chuva começou a cair mais forte, obrigando-me a procurar abrigo. Fiquei sob uma árvore por muito tempo, as gotas escorrendo pelo meu rosto.

Era um daqueles dias em que chove e faz sol ao mesmo tempo. Os raios de sol iluminavam as gotas de chuva. Um pica-au veio pousar na árvore e começou a agitar as asas acima da minha cabeça, fazendo com que caíssem mais gotas ainda. Depois, tão rapidamente quanto começara, a chuva parou e o sol voltou a brilhar. O ar tinha um aroma de limpeza e frescor. Percebi que junto aos meus pés havia uma moita de delicadas flores azuis. Pareciam mais vivas e frescas depois de toda aquela chuva.

Eu tinha plena consciência de beleza do momento.

Pela primeira vez, desde que Gabe se abrisse comigo, eu pensava com clareza. O que estava fazendo? De que adiantaria, para mim e para ele, ficar percorrendo campos, como coadjuvantes de o Morro dos Ventos Uivantes? Eu precisava ser forte por Gabriel. Ele confiava em mim e em troca dessa confiança só esperava que eu guardasse seu segredo. Gabe se preparara para a rejeição e me dera passe livre para cair fora. Ele não escrevera na carta que estava pronto para me esquecer? Algo em mim mudara. Por que eu me apegara tanto a Mia e Jackson? Como Gabe disse, eles não estavam nem aí comigo. Sua única preocupação era arranjar encrenca e depois pular fora sem se lixar para as consequências. Eu fora muito fraca. Estava tão desesperada pela amizade dos dois, que simplesmente aceitei tudo o que me impuseram. Agora, eu tinha um verdadeiro segredo para guardar. Estaria à altura de minha promessa? Não diria nada nem a minha mãe? Seria muito bom conversar sobre Gabe com alguém que entendesse de HIV. Comecei a suar com o calor do sol evaporando a água da chuva do meu casaco. Atravessei o campo. Perdera a noção do tempo, mas resolvi ir à cidade e encontrar alguma companhia, qualquer companhia.

Estava subindo a rua principal quando a vi olhando para mim de dentro da lanchonete. Um encontro violento com Cleo era a última coisa de que eu precisava no momento. Baixei a cabeça e segui em frente.

Acabara de passar pela lanchonete quando ela me chamou pelo nome.

- Escute aqui, não estou a fim de... – comecei a dizer, mas em seguida olhei para seu rosto e parei. Ela não parecia irritada.

- Dê a volta e me encontre nos fundos. Preciso falar com você – apontou para uma passagem estreita na lateral da lanchonete.

Ainda meio desconfiada, acompanhei Cleo até um canto onde havia uma porta pintada em cores berrantes.

Ela tirou a chave do bolso.

- Entre um pouco. Você está ensopada.

- A chuva me pegou desprevenida – respondi.

O apartamento dela era pequeno, mas aconchegante. Ela me jogou uma toalha e comecei a enxugar os cabelos.

- Vou fazer um chá – disse ela, dirigindo-se a uma cozinha minúscula.

- Não vão sentir sua falta na lanchonete?

- Estou em horário de folga. Além disso, precisamos conversar.

Ela voltou pouco depois e colocou duas grandes xícaras sobre a mesa.

O chá estava quente demais, e então o soprei para me manter ocupada. Não queria falar naquele exato momento.

Cleo acomodou-se no sofá.

- Gabe me falou da carta.

Olhei para ela, preocupada. Seria aquilo uma espécie de teste?

Respondi com um aceno, indicando que sabia do que se tratava.

- Sei de tudo sobre o Gabe – disse ela.

Concordei novamente e continuei calada. Por que eu sentia que ela estava me preparando uma armadilha? Será que eu nunca deixaria de sentir esse medo

terrível de revelar o segredo de Gabe sempre que o nome dele surgisse numa conversa?

- Por alguma razão muito louca, ele resolveu confiar em você.

Levantei-me

- Preciso ir embora.

- Sinto muito, Jenna. Se Gabriel foi honesto com você, preciso lhe dizer algo.

Gabriel e eu temos uma ligação forte.

- Ele já me falou a respeito. Você também.

Não queria que ela tentasse me provocar ciúmes novamente.

- Sei muito bem que ele não lhe contaria tudo.

- Sei que vocês saíram juntos por algum tempo.

Quando eu disse isso, tive um pensamento horrível. E se Gabe tivesse infectado Cleo?

- Eu também sou HIV positiva.

Foi como se alguém desligasse uma tomada no meu cérebro. Perdi os sentidos e fui ao chão.

- Quanto tempo fiquei desmaiada? – perguntei quando voltei a mim. Cleo pusera um travesseiro sob minha cabeça e um cobertor sobre meu corpo.

Ela sorriu.

- Achei que você ficaria surpresa, não que desmaiaria.

Sentei-me. Cleo pegou uma almofada do sofá e sentou-se a meu lado.

- Ouça o que eu tenho a lhe dizer, Jenna. Não gosto de você, mas se Gabe decidiu que você é uma pessoa de confiança, farei o mesmo. Mas se você aprontar com ele ou magoá-lo de alguma forma, eu cobrarei pessoalmente isso. Mesmo que seja a última coisa que eu faça na vida.

Ela me olhou duramente. Não havia dúvida de que dizia a verdade.

- Nós nos conhecemos quando eu tinha onze anos e Gabe, nove. Nosso primeiro encontro aconteceu num hospital. Nós dois estávamos começando saber, a verdade sobre os tais bichinhos no sangue, ou que tínhamos a mesma doença de nossas mães.

Gabe me contara que os dois eram órfãos. Só não disse que as mães dos dois morreram em consequência da mesma doença.

- Gabe salvou minha vida. Ele me pôe pra cima. Nós cuidamos um do outro.

Sabemos o que o outro está sentindo sem precisar dizer nada. E nesse momento ele está muito perturbado por sua causa.

Engoli em seco. Minha garganta parecia obstruída. Cleo e eu nunca seríamos amigas, mas talvez pudéssemos aprender a nos tolerar.

- Como você está se sentindo? – perguntou Cleo, afastando um fio do cabelo da minha testa.

- Como se estivesse num universo paralelo que se parece com a Terra, mas muito diferente dela.

Cleo sorriu novamente.

- Na maior parte do tempo, eu me sinto como a portadora de um segredo profundo e sombrio. Observo todo mundo. Não confio em ninguém. A escola é um pesadelo. Nunca digo nada a ninguém. Tenho de ouvir a todos aqueles comentários ignorantes sobre a Aids e não posso dizer nada para não chamar a

atenção. Certa vez, cometi o erro de dizer que ser HIV-positivo não era o mesmo que Aids. Alguém me perguntou: “Como é que você sabe tudo isso?”, e virei o centro das atenções... nós nos sentimos muito isolados. Mamãe não podia acreditar que era tão terrível assim porque estive na escola durante o auge da conscientização sobre a Aids. A descoberta era recente, e as pessoas estavam recebendo montanhas de informações. Minha escola não nos dizia muita coisa devido ao fato de ser religiosa. Hoje em dia, fica a critério de cada escola decidir o que ensinar nas aulas de educação sexual. Foi assim que aprendi a ficar de boca calada mesmo quando ouvia as coisas mais absurdas.

- Tudo parecia tão terrível...

- Bem-vinda ao meu mundo, Jenna. Só havia um lugar capaz de impedir que minha cabeça pirasse de vez: um clube especial para a juventude em Londres, que eu e Gabe freqüentávamos. É o único lugar onde podemos ser verdadeiramente nós mesmos, sem ninguém nos julgar.

Pensei no que Gabe dissera na carta sobre a possibilidade de relaxamento que tinha quando estava comigo. Senti uma sensação boa, como se eu fosse alguém especial.

- Não farei nada que possa magoar Gabe – respondi.

- É melhor mesmo.

Os olhos de Cleo brilharam ameaçadoramente.

- Gabe e eu passamos por muita coisa juntos. Agora é melhor eu voltar ao trabalho. Minha hora de folga já terminou. Nos vemos hoje à noite no ensaio. E não conte nada a ninguém!

- Fique tranqüila – respondi.

Capítulo trinta

Era fim de tarde e a rua principal fervilhava de gente falando sobre o festival. Pelo canto dos olhos, vi alguém que me pareceu ser Mia, mas foi só um alarme falso.

Encontrá-la naquele momento era a última coisa que eu queria.

Na verdade, eu estava a fim de trabalhar um pouco na livraria. Ainda faltavam muitas horas para o ensaio, e eu precisava me ocupar. As revelações sobre Gabe, e depois sobre Cleo, piraram minha cabeça. Eu pensava em quantos outros garotos não seriam HIV-positivos e nos problemas que estariam tendo. Também me dei conta de que não sabia quase nada sobre o assunto.

Minha cabeça estava cheia de perguntas. Qual era a diferença entre HIV e Aids?

Cleo me disse que eram coisas diferentes. O que acontecia se Gabe se cortasse e eu entrasse em contato com o sangue dele? Eu sabia que beijá-lo não tinha problema, mas será que ele poderia fazer amor?

Senti-me boba por ter tido ciúme da amizade entre Gabe e Cleo. Havia partes da vida de Gabe que só Cleo podia entender, e eu seria sempre uma espectadora.

Não foi à toa que Gabe riu muito da confusão estúpida em que me meti com Mia e Jackson. Ele certamente trocaria meus problemas pelo dele sem pestanejar.

A caminho da livraria, comecei a me sentir mais forte. “Posso e vou lidar com isso”, disse a mim mesma.

Sabia que Gabe não faria nada que me expusesse a risco. Precisava parar de pensar em mim mesma. Onde ele estaria naquele momento? Como estaria se

sentindo? Gostaria de afagar seus cabelos e apertar sua mão para que eles soubesse que estava tudo bem. Eu não abriria mão de meu namoro.

Quando entrei na livraria, Julius me olhou com cara de poucos amigos e levantou as sobrancelhas, fazendo-me um sinal que eu ainda tentava decifrar quando vi o vaso sobre o balcão. Por trás dele, sentada, de cara feia, roendo as unhas, estava tia Sarah.

-Então você o achou – falei.

Sarah me fulminou.

- É só isso que você tem a dizer? Bem, pelo menos não está fingindo surpresa!
- Não – respondi. Eu ia lhe contar, mas aconteceram coisas que me fizeram esquecer.

Sarah balançou a cabeça e se pôs a gritar:

- Você é mesmo incrível! Como pode ser tão fria diante de uma coisa dessas?! Você sabia o quanto esse vaso significa para mim.

Levantei a voz no mesmo tom:

- Sinto muito, eu deveria ter lhe contado antes.
- Por que fez isso, Jenna? Depois de tudo o que fiz por você! Você parece não estar nem aí! Isso a fez sentir algum tipo de emoção? Eu lhe teria dado todo o dinheiro que tivesse...
- Tia Sarah, pode parar! Não roubei seu maldito vaso! Eu o vi ontem na vitrine e ia lhe contar. Tinha certeza de que se tratava do mesmo vaso. Quer dizer, imagino que neste lugar não existam tantos vasos horrorosos iguais a esse.
- NÃO ME VENHA COM PIADINHAS! – berrou Sarah.
- Vou dar uma volta! – disse Julius, a caminho da porta.
- FIQUE AQUI! – ordenou Sarah. Julius encolheu-se todo. Sarah voltou-se para mim. Seu rosto estava lívido.
- Julius vai nos levar ao antiquário e você vai se desculpar com Angie, a proprietária, por ter lhe vendido um vaso que não lhe pertencia. Quem o comprou foi a assistente dela, que está trabalhando esta tarde. Lucy vai reconhecer você, e então Angie talvez queira chamar a polícia, e eu não vou mover uma palha para evitar que ela o faça. Angie não quer que se espalhe nenhum boato de que seu antiquário vende peças roubadas. Trate de ir se preparando para enfrentar as consequências de seus atos.
- Por que você está tão convencida de que fui eu? – perguntei, com ódio.
- Lucy diz que comprou o vaso de uma garota de cabelos longos e castanhos, com sotaque londrino – Sarah estava vestindo o casaco. – Não vou fazer como minha irmã e varrer toda a sujeira para baixo do tapete. Desta vez, você vai ter de encarar a situação.
- Muito bem – falei. Eu sabia que, no fim das contas, não seria eu que sairia magoada da história. Quer dizer que Kai andava mandando sua nova namorada encarregar-se de alguns servicinhos. Ele a mandara vender o vaso de Sarah e verificar se sua preciosa coleção de discos estava intacta.

No carro, tentei ser mais delicada:

- Por favor, Sarah, acredite, não fui eu.

Ela aumentou o volume do rádio do carro para abafar minhas palavras.

Tentei novamente quando já estávamos chegando ao antiquário.

- Não precisamos fazer isso – pedi.

Sarah me ignorou e entrou quase marchando na loja. Por uma fração de segundo, pensei em assumir a culpa pela venda do vaso, para impedir que ela descobrisse a dolorosa verdade daquela maneira. “Encarar a verdade não será exatamente o que ela imagina”, pensei ao entrar no antiquário.

Angie era uma mulher alta e bem vestida. Ela e Sarah se beijaram. Angie foi muito simpática com Sarah, mas olhou para mim como se eu fosse um traste qualquer. De uma porta nos fundos da loja surgiu uma garota carregando uma pesada bandeja de chá. Lucy olhou-me de cima a baixo:

- O cabelo tem o mesmo comprimento, mas a garota que me vendeu o vaso tinha cabelo castanho-escuro, e não castanho avermelhado.
- Tem certeza? A cor do cabelo pode mudar conforme a luz – insistiu Angie.

Tive a impressão de que ela ficou decepcionada ao perceber que eu não era a tal garota.

Angie serviu o chá. Lucy estendeu-me uma xícara de porcelana muito delicada, olhou-me de novo e disse:

- Ah! Esqueci de dizer que havia um homem esperando por ela num carro. Ele tinha cabelos pretos, longos e ondulados. Era meio parecido com um velho roqueiro.

Sarah retraiu o corpo como se alguém a tivesse chutado, mas recuperou-se em seguida.

- Kai deve ter pegado o vaso e se esqueceu de me dizer – ela engoliu o chá quente de um só gole e levantou-se para sair.

Angie olhou para Lucy de cara feia:

- Você nunca me disse que havia um homem com ela.
- A senhora não perguntou – respondeu Lucy com ar desafiador. Tive a impressão de que a assistente não estava satisfeita com seu trabalho.

Sarah fingiu que nada daquilo tinha importância.

- Talvez seja mais uma das excentricidades de Kai. Em geral, esse tipo de coisa significa que ele está passando por uma excelente fase criativa.

Meus olhos se encheram de espanto. A caminho da porta do antiquário, virei-me, olhei para elas e disse:

- Aceito os humildes pedidos de desculpas de todas vocês.

Lucy deu uma risadinha e disse:

- Não poderia ter sido você, pois a garota que vendeu o vaso estava grávida. Opa, acho que também me “esqueci” de mencionar isso!

Capítulo 31

Seria aquilo a paz e a tranquilidade do interior que todo mundo vivia elogiando? Aquele lugar era cheio de surpresas. Em comparação com aquilo tudo, viver em Londres era como viver numa clínica de repouso. Fiquei imaginando qual seria a impressão de Jackson e Mia.

Eu gostaria que eles não viessem. Não estava nem um pouco a fim de ficar ouvindo os dois dando risadinhas irônicas de tudo e de todos. Quem sabe o primo de Rebecca desse um furo e pulasse fora no último minuto?

Dessa vez, Sarah não foi para a cama chorar. Gostaria que chorasse, surtasse ou dissesse qualquer coisa, mas ela apenas se sentou na sala. Seu rosto parecia pedra. Eu não conseguia imaginar o que ela estaria sentindo. Não tivera filhos porque Kai não os queria. Agora, ele a estava trocando por uma mulher mais jovem que ia ter um filho dele. Quão dolorosa seria uma coisa dessas! Além do mais, ele a estava roubando! Cerrei os punhos só de pensar naquele sujeito. Até Tallulah estava assustada. Corria pela casa feito louca.

A chuva passou e o sol voltou a brilhar, deixando pequenas ondulações avermelhadas no céu. O episódio do vaso me distraíra de meus problemas por algum tempo, mas já estava na hora do ensaio. Fiquei pensando no que os outros diriam se Gabe não estivesse lá e eu precisasse dar uma explicação. Ou a explicação caberia a Cleo?

Servi chá a Sarah.

- O ensaio não vai demorar muito. Quando voltar, vou lhe trazer batatas fritas. Você vai ficar bem?

Sarah não se moveu. Era um alívio sair de casa por algum tempo.

Charlie e Freddie já estavam descarregando a *van* quando cheguei à livraria.

Freddie deu um sorriso meio irônico.

- Jenna, a última da galer... Ah... o que quero dizer é que você é a última do grupo a chegar. Mas não se preocupe, porque Julius nos deixou entrar.

Charlie reclamou:

- Não sei o que é pior: *gíria de hip hop* ou frases que nunca terminam. Vamos começar daqui a alguns minutos.

Olhei ao redor.

- Todos a bordo?

Ele fez que sim. Isso significava que Gabe finalmente voltara do seu encontro em Londres.

- Cleo está se trocando. Gabe está ajudando Julius com o equipamento fotográfico. Pediram fotos nossas.

- E é Julius que vai tirá-las? - perguntei, preparando-me para dar e cara com Gabe. Eu não sabia como agir. Se eu adotasse um comportamento frio, ele pensaria que estava tudo acabado entre nós e, se fosse uito amável, os outros poderiam ficar desconfiados.

Charlie se aproximou.

- Tudo legal com você, Jenna? Você não se incomoda que Julius tira algumas fotos, certo? Ele fo incrível nos velhos tempos, quando forografava astros e estrelas do *roch* e modelos.

- Por que não estou surpresa? - sussurei, olhando para meu *jeans* amarrotado e para a mancha de comida na minha camiseta. Se eu me mostrasse irritada, isso disfarçaria minha reação ao fato de ver Gabe novamente.

- Estou vestida para um ensaio, não para uma sessão de fotos - respondi. As pessoas que pensassem que sou fútil e banal.

Cleo apareceu de vestido preto, um pequeno chapéu de caubói e uma corrente no pescoço. Estava irada!

- Você está muito bem - disse Gabe com uma voz tão tranqüila que me assustou. Depois acrescentou, sussurando:

- Antecipei minha volta de Londres. Fiz o que tinha de fazer e decidi levar minha

vida adiante.

Cleo estava se comportando de um jeito maníaco e parecia determinada a monopolizar a atenção de Gabe. Pela primeira vez, isso não me causou problema. Gabe e Cleo precisavam um do outro.

Porém, quando fui tomar água, ele se aproximou e perguntou baixinho:

- Leu a minha carta?

Fiz que sim.

- Vamos nos encontrar hoje à noite no mesmo lugar, uma hora mais tarde.

Concordei. Eu estava prestes a tocá-lo, mas ele se afastou de propósito. Depois, tudo virou uma loucura, enquanto Julius instalava seu equipamento fotográfico.

- Ajam com naturalidade - disse ele enquanto ligava um refletor que nos deixou momentaneamente cegos.

Cleo agarrou-se a Gabe, Freddie fez poses estranhas, Charlie parecia assustado, e eu tentei desaparecer em segundo plano.

Por trás da câmera, Julius transformou-se num monstro que gritava coisas estranha para nós, desde "*fromage*, meus amores, digam *fromage!*" até "amem a câmera, apaixone-se pela câmera - e agora odeiem a câmera, odeiem a câmera". Ava chegou muito bem vestida, mas enfeitada demais, com um *top* reluzente e quilos de maquiagem. Fez uma cena ridícula, fingindo surpresa por estarmos sendo fotografados e fingiu também que relutava em vir juntar-se a nós.

Deu tempo de repassar toda a sequência do repertório e tentamos tocar todas as canções, mas tínhamos consumido toda a nossa energia posando para Julius.

Quando nos preparávamos para sair, Charlie deu a cada um os crachás para o festival. Eram pulseiras de plástico.

- Não vão perdê-las, pois sem elas não entram - disse ele. - Além disso, teremos um espaço só para nós na área dos músicos, perto do palco, onde podemos acampar e usar o espaço para guardar nossas roupas e equipamentos.

- Não tenho barraca - respondi.

- O vigário vai nos emprestar uma. Dormiremos juntos nela - disse Freddie. - Para que todos os fãs e penetras possam vir festejar conosco depois do *show*. Como só vamos tocar no sábado, podemos passar a sexta-feira nos preparando e ouvindo as outras bandas, ou fazendo qualquer outra coisa.

- Deve estar sonhando, Freddie. Não vamos compartilhar uma barraca com vocês, não é verdade, Gabe? - perguntou Cleo.

Mas Gabe não estava ouvindo. Ele olhou para o relógio, vestiu rapidamente o casaco e saiu. Dessa vez, pelo menos, fez um breve aceno de despedida. Cleo o seguiu imediatamente.

Charlie suspirou:

- Sou vocalista. Eu é que deveria ser desagradável e temperamental.

Passei a mão pelos cabelos dele:

- Não se preocupe, vamos sair para comer.

Eu agora entendia as mudanças de humor de Gabe.

Charlie e eu voltamos juntos para casa, parando no caminho para comprar as fritas que eu prometera a Sarah. Charlie estava estranhamente quieto, e eu também pouco falava. Imaginei que ele estivesse nervoso com o festival, e eu sentia a cabeça atordoada ao pensar em Gabe e no que diríamos um ao outro.

Metade de mim estava agitada. A outra, apavorada. A qualquer momento eu podia

travar.

Então eu disse:

- Você sabe, é como se diz em teatro: mau ensaio geral, maravilhoso espetáculo!

Charlie deu um sorriso forçado:

- É muito bom ter você cantando na banda. Será que podemos sair juntos quando voltarmos de Londres?

Levei um susto. Charlie me convidou para sair? Ele percebeu e retraiu.

- Quando digo sair junto quero dizer ouvir algumas outras bandas de anti-folk, para que você possa conhecê-las melhor. E talvez comer uma pizza depois do *show*.

- Seria ótimo - respondi. Eu não queria ferir os sentimentos dele, e então acrescentei:

- Espero que a gente saia muitas vezes, Charlie. Você tem sido um grande amigo aqui em Netherby. Não quero perdê-lo de vista.

Ele entrou rapidamente em casa.

Sarah ainda estava sentada na sala.

- Eu trouxe fritas - disse, já abrindo a embalagem. Comprara também uma torta de peixe para Tallulah, e coloquei-a no pratinho dela.

- Não estou com fome - disse Sarah.

Em desespero, comecei a falar confusamente sobre as fotos, o ensaio... qualquer coisa que pudesse pôr fim ao terrível silêncio.

- Sua barraca de comida já está pronta? Posso ajudá-la. E a tômbola?

Sarah endireitou o corpo na poltrona e disse:

- Kai vai estar no festival, e então esclarecemos esse mal-entendido. Preciso deixar tudo pronto. Não há tempo a perder.

Em seguida começou a andar freneticamente pela sala. Não sei o que era pior, se aquela atividade histérica ou a mobilidade total.

Subi para o meu quarto. Precisava pegar as minhas coisas para o festival. Eu não tinha pensado o que usar no palco. Cleo certamente já estava com tudo pronto.

Ela me parecera extremamente atenta a cada movimento de Gabe. Não desgrudou os olhos dele só um minuto. Peguei meu walkman e toquei alguns CDs no volume máximo, para encobrir a barulheira que vinha lá de baixo.

E pensar que, poucas semanas atrás, ali estava eu me achando muito adulta porque Mia era minha melhor amiga e Jackson gostava de mim, me achando o máximo por tê-los mantido fora da encenação na escola, mesmo tendo sido expulsa por causa disso. Agora, tudo me parecia tão infantil! Gabe estava coberto de razão ao rir de mim.

Então me ocorreu que eu precisava muito de Gabe. Que a presença dele na minha vida era valiosa. Quantos lados de minha personalidade ele conseguia ver! Lembrei-me de todos aqueles "nossos momentos" juntos. Durante algum tempo, eu tinha parado de pensar em Gabe como uma pessoa e permitido que alguns vírus em seu corpo afetassem os meus sentimentos por ele! Mas ele era muito mais que isso. Prometi a mim mesma que, assim que o encontrasse, iria dizer-lhe tudo que ele significava pra mim.

Desci para ver como Sarah estava antes de sair para o festival. Quando desliguei a música, ouvi muitas risadas. Minha primeira impressão foi que Sarah tinha enlouquecido, mas logo em seguida ouvi vozes conhecidas.

- Mamãe! - gritei. Nunca fiquei tão feliz ao vê-la. Até Marcus viera.

- Minha querida cantora de banheiro, assim que soube que você ia se apresentar no festival, vi que não podia perder seu espetáculo!

- Tempo perdido, porque os ingressos estão esgotados faz séculos - respondi.

- Nada disso, Sarah me mandou alguns.

- Eu sempre mando alguns ingressos para sua mãe. Razões sentimentais - disse Sarah com um suspiro.

- Estivemos no primeiro Festival Netherby quando éramos adolescentes - explicou mamãe.

- E nos apaixonamos pelo mesmo garoto - acrescentou Sarah, rindo muito. Mamãe riu também.

- Nós o seguimos pelo campo durante horas.

- Que coisa esquisita! - falei, enquanto Marcus não parava de pular no sofá gritando:

- Vocês se beijaram? Vocês se beijaram?

- Teria sido o máximo! - disse mamãe.

- Por favor, não faça isso - respondi sombriamente.

- Marcus, você pode me ajudar com a tómbola de poesias - disse Sarah, que parecia ter voltado ao normal.

Marcus franziu a testa:

- O que é isso? Pelo nome, parece coisa bem estranha.

- É o maior barato. As pessoas comprem um tíquete e, se tirarem um bilhete de rifa terminado em zero ou cinco, ganham um dos meus poemas.

- Vai sobrar algum pra mim? - perguntou Marcus.

- Nem pensar - disse mamãe.

- Dou-lhe algum dinheiro para cuidar da barraca - disse Sarah.

- Quero minha parte em dinheiro, não em poemas - respondeu Marcus, e demos boas risadas.

- Quer dizer que a minha cantora de banheiro agora faz backing vocal numa banda? - perguntou mamãe, dando-me um tapinha no joelho.

- Não só backing vocal. Vou cantar uma música sozinha: Because the night!

- Minha música favorita! - exclamou mamãe.

- Só que em versão anti-folk - expliquei.

- Mas que ótimo! - disse ela, com cara de quem não estava entendendo nada.

- É um tipo de música alternativa à música pop, que se tornou comercial demais. Com exceção dessa música que eu vou cantar, todas as outras foram compostas pela banda.

Mamãe levantou-se e perguntou:

- Sarah, aquela minha velha mala ainda está por aí?

- Acho que sim... - disse Sarah. Mas ela não sabia direito no que mais Kai andara mexendo.

Mamãe me levou para cima, enquanto Sarah e Marcus preparavam chocolate quente. No depósito ela puxou uma mala muito velha e empoeirada que estava sob uma pilha de caixas de papelão.

Assim que nos acomodamos, ela me disse:

- Agora me conte tudo.

Entrei em pânico. O que ela estaria sabendo?

Mas era pura paranóia. Claro que mamãe não sabia nada a respeito de Gabe.

Será que é assim que ficam as pessoas que têm de guardar um segredo?

- Convém lembrar, minha filha, que Sarah é minha irmã. Ela parece estar em péssimo estado. O que foi que Kai fez dessa vez?

Foi um alívio contar a mamãe algumas coisas que vinham me aborrecendo. Omiti o fato de Sarah ter me acusado do roubo do vaso, mas contei sobre a namorada grávida de Kai.

Mamãe pouco disse, mas percebi que estava furiosa.

- Muito bem, então é isso - ela pegou um pacote embrulhado em papel celofane e o estendeu pra mim.

Dentro, havia uma camiseta. Era de algodão bem fino, e na frentet havia uma foto meio desbotada da Patti Smith.

- Comprei-a num brechó no Camden Market há cerca de vinte anos. Foi usada por ela em seu primeiro concerto em Londres, na década de 1970. Agora é sua vez de usá-la.

Perfeito!

- Muito obrigada, mamãe!

Gabe ia adorar, pensei. De repente, olhei para o relógio. Já eram dez e vinte. Eu demoraria pelo menos dez minutos para chegar à casa da árvore. Será que Gabe estaria à minha espera?

- Esqueci uma coisa para o concerto! - gritei enquanto descia a escada pulando os degraus de dois em dois.

Antes que alguém pudesse me deter, eu já estava a caminho.

capítulo trinta e dois

Tarde demais. Quando cheguei à árvore, nem sinal de Gabe.

- Você bem que podia ter me dado uma chance! - gritei para o espaço vazio.

Quando voltei, vi que havia um pedaço de papel preso por uma pedra no muro em frente ao chalé, onde Gabe costumava sentar. Era uma página arrancada de seu caderno de astronomia. Na página em branco estava escrito:

Entendo, e você deve estar certa em terminar tudo agora.

Para nós, é difícil demais continuar juntos.

Obrigado pelo que houve de bom.

Com amor,

Gabe

Dei meia-volta e desci a colina correndo. Eu precisava encontrar Gabe e explicar que só me atrasara devido à chegada de mamãe, que não estava rompendo com ele.

Corri o mais rápido que pude até o solar Netherby, mas a estrada que levava à casa estava cercada, e seguranças com ar de poucos amigos montavam guarda na parte externa. O festival transformara aquele lugar tranquilo em uma cidade tumultuada.

Eu precisava dizer a Gabe que ele estava enganado. Não haveria tempo para conversar quando já estivéssemos com a banda no festival. O sino da igreja repicou onze badaladas. Eu precisava encontrá-lo, e logo!

Enquanto eu tentava passar pelos carros, a janela de um carro velho e surrado se abriu e uma voz gritou:

- Jenna!

“Essa não!”, pensei. Será que essa noite vai piorar?

Dentro do carro, Mia, Jackson e Rebecca.

Mia gritou:

- Conseguimos! Levamos duas horas pra chegar aqui!

Rebecca disse:

- O carro quebrou e tivemos de ficar horas esperando ajuda.

Jackson esticou a mão e tocou meu braço:

- Que bom vê-la de novo, Jenna. Muito obrigado pelo e-mail.

Rebecca parecia um pouco mal-humorada, mas disse:

- Ficamos sabendo que você arrumou trabalho numa barraca de comida! Deve ser muito divertido!

Só que o tom em que falou na verdade significava: “Eu preferiria ter todos os meus dentes arrancados a alicate”.

Como eu não queria que me aporrinhassem com a história de minha apresentação no festival, deixei que aqueles esnobes descobrissem por si próprios na hora do show.

- Já encontrou outra escola? – perguntou Rebecca, que estava evidentemente a fim de me provocar o quanto pudesse.

Jackson parecia constrangido, Mia olhava de lado.

O irmão de Rebecca, Justin, que dirigia o carro, esticou o corpo para me ver melhor, e disse:

- Ora, vejam, quer dizer que esta é a garota que foi às compras como cartão de créditos da professora... Que loucura!

- Estamos loucos para conhecer Charlie – disse Mia.

- Charlie é apenas um amigo – respondi secamente. Mia tinha o dom de me irritar, de me deixar vulnerável. Antes eu parecia insignificante. Mia nunca mais controlaria minha vida.

Jackson sorriu. Era o único que parecia feliz em me ver.

- encontraremos você lá – disse Mia.

- Não se eu encontrar vocês primeiro – respondi. Todos riram, mas eu estava falando sério. O encontro com eles me fez sentir mal, triste. Era como se a amizade deles fosse um par de sapatos que já não servissem mais.

Mamãe estava tão ocupada com as novidades de Sarah que nem percebeu a hora que eu cheguei. Ela até me emprestou o celular para eu ligar para o solar Netherby. Dei a desculpa de que precisava fazer uns ajustes de última hora. O telefone só dava sinal de ocupado.

Minha cabeça girava. Gabe estava pensando que eu romperia com ele. Ele devia me achar fútil e vazia por desistir tão facilmente assim. E Cleo seria a primeira a apoiar a idéia.

Mamãe estava preocupada demais com Sarah para perceber minha angústia.

Além do mais, ela atribuiria minha inquietação a minha apresentação do dia seguinte.

Quando fui deitar, o sino da igreja badalava meia-noite. Meu corpo ficou tenso.

Tudo parecia perdido.

Marcus estava deitado num colchão no chão do meu quarto. Também não conseguia dormir.

- Sentimos sua falta na Flórida – disse ele. – Mamãe até chorou por você não estar conosco.

- Também senti saudades de vocês – respondi. – Mas os postais que me mandaram me fizeram sentir como se eu estivesse lá.

- Isso na sua mão é uma carta de amor? – perguntou Marcus em tom de provocação.

Eu me esquecera de que ainda estava segurando o bilhete de Gabe.

- Algo assim – respondi baixinho.

Fechei os olhos e tentei dormir. No dia seguinte, eu tentaria resolver toda a confusão.

Todos tivemos de levantar cedo porque Sarah já começara a preparar suas “comidinhas para a alma”. Ela parecia bem mais disposta. Parece que ela e mamãe vararam a noite conversando. Marcus estava pintando um cartaz para a tômbola de poesia.

- Leve roupas bem quentes se não quiser congelar na barraca – disse mamãe.

- Não quando se vai dormir com três garotos suados e uma garota – respondi.

Mamãe levantou uma sobrancelha:

- Não sei se estou totalmente de acordo com isso...

Mas Sarah disse:

- Já esqueceu que uma vez dormimos numa barraca com seis garotos? Na maior inocência?

Mamãe suspirou:

- Estávamos em segurança justamente porque eram muitos...

- Os garotos daqui são legais – disse Sarah. – Um deles é filho do lorde Netherby.

- E Cleo vai estar lá também – acrescentei. – Ela cuidará de mim.

Mamãe levantou a outra sobrancelha. Senti-me um pouco reconfortada por saber que pelo menos veria Gabe mais tarde.

- Acho que quem ganhou o coração de Jenna foi Charlie – disse Sarah com um sorriso.

Eu e mamãe fingimos enfiar o dedo na garganta.

- Somos todos amigos – insisti.

- Mas é evidente que tanto Charlie quanto Freddie estão caidinhos por você – continuou Sarah.

- Evidente pra quem? – perguntei.

- Para qualquer um que tenha olhos pra ver. O único que não se interessa por você é Gabriel.

- Você é tão esperta... – falei. – Como sabe disso?

- Minha intuição poética – disse Sarah com um sorriso forçado.

Capítulo Trinta e Três

As pulseiras de plástico que Charlie nos deu funcionaram como um talismã. O portão se abriu assim que eu mostrei a minha. Eu estava louca pra ver Gabe.

Como ele não tinha celular, liguei novamente para o solar Netherby, mas o telefone de lá continuava dando sinal de ocupado. Parecia que o mundo inteiro queria falar com lorde Netherby sobre o festival.

Todos os caminhos que levavam a Netherby estavam demarcados por cercas metálicas, e havia seguranças carrancudos e uniformizados por toda a parte. A manhã dava claros sinais de que o dia seria quentíssimo. O céu estava azul, brilhante e sem nuvens. Todos os campos encontravam-se cheios de barracas. Ouviam-se gritos e xingamentos dos operários que erguiam o palco principal. Eu devia estar eufórica por fazer parte daquilo, mas em vez disso me sentia minúscula e infeliz. Parecia que eu e Gabe tínhamos o mundo contra nós. Naquela altura, ele já se convencera de que eu romperia com ele. Ele já estava certo de que eu o deixara.

- Dentre todos os campos deste mundo você tinha de andar justamente pelo meu! E aí, velha amiga?

- Julius! – exclamei, feliz por encontrar um rosto conhecido.

- Consegui localiza-la no meio de todo esse bando de desocupados – disse ele, apontando para vários grupos que já estavam se instalando nas mediações. – Estou com as fotos aqui. Troquei umas idéias com o fotógrafo de casamentos de Netherby ele me deixou usar a câmera escura ontem à noite.

Estendeu-me um envelope pardo com muitas fotos em preto e branco.

- Ainda estou em forma, não acha? – perguntou Julius.

- As fotos estão maravilhosas! – respondi. Uma delas, em particular, chamou minha atenção. Eu estava de pé num canto do balcão, Charlie e Ava dançavam no centro, Freddie fazia pose e Cleo estava bem ao lado de Gabe. O engraçado de tudo isso era que Gabe olhava pra mim, e eu, do balcão, olhava pra ele.

Julius pigarreou:

- Dizem que uma imagem vale mais que mil palavras.

Devolvi a foto.

- Sou um velho tolo que já passou muitos anos no doce traiçoeiro caminho dos prazeres, mas juro que acredito no amor – disse Julius.

Eu esperava que ele viesse com algum trocadilho ridículo, mas dessa vez ele se calou. Disse apenas:

- Vou levar essas fotos ao departamento de publicidade, que em tempos normais é a cozinha do solar Netherby.

- Poderia me fazer uma grande favor? – pedi.

Julio fez que sim.

- Diga a Gabe que preciso vê-lo imediatamente.

- Seu desejo é uma ordem – Julio fez uma reverencia, e eu lhe dei um braço.

Sentei-me debaixo de uma árvore na extremidade do campo e esperei.

O sol ia alto no céu. Fechei os olhos e, por alguns minutos, refiz minha trajetória de vida.

Em meu primeiro devaneio, a profª Rose levava seu cartão de crédito com ela naquele dia todos nós fomos pegos em sua sala nos mandaram para a diretoria, onde Mia foi tão grosseira com a diretora que foi expulsa e saiu da escola aos berros e dando pontapés.

Meu segundo devaneio dizia respeito à descoberta de uma vacina contra o HIV. A isso se seguiu um sonho fantástico sobre o sucesso estrondoso da banda Goats in

a Spin. Imaginei Londres tomada pelas fotos de Julius, entrevistas coletivas muito loucas em todas as revistas de música indie.

- Jenna?

Entreabri os olhos e vi Jackson sentado ao meu lado.

- Como vão as coisas? – perguntou.

- Como você me encontrou?

Ele sorriu e disse:

- Você brilha na multidão, Jenna.

Jackson não perdera o charme nesse tempo que não nos vimos.

Sorri, endireitei o corpo e comecei a olhar ao redor ansiosamente.

- Onde está o seu fã-club? Ou serão seus guarda-costas? – perguntei.

- É disso que gosto em você, Jenna. Além de ser uma pessoa incrível, tem um grande senso de humor.

Abanei o ar.

- Todo esse calor e ainda nem é meio-dia.

- Escute, Jenna. Sinto muito pelo que aconteceu. Foi fantástico você não ter dedurado a gente. Eu faria o mesmo por você se as nossas posições fossem invertidas.

Sorri meio sem graça:

- Aí esta sua oportunidade, Jackson. Se você realmente parar e pensar, verá que “as circunstâncias” estão de fato invertidas. Estou levando toda a culpa. Minha reputação está em farrapos, e você poderia me tirar dessa com meia dúzia de palavras.

Ele olhou para mim com seus grandes e profundos olhos castanhos, e por um segundo eu pensei que gostaria de amá-lo. Lembrei-me de como me senti quando ele me beijou pela primeira vez. Recordei o quanto nos divertimos andando pela cidade, fazendo brincadeiras tolas e rindo muito. Jackson era uma companhia divertida. Se eu reatasse com Jackson, as coisas poderiam voltar a ser o que eram. Minha vida seria muito mais fácil se eu ainda o amasse, se não tivesse me apaixonado por Gabe.

Depois pensei nas outras ocasiões em que as coisas não tinham sido tão boas e disse:

- O problema, Jackson, é que se os papéis estivessem invertidos, eu não esperaria que você assumisse a minha culpa. Isso não seria correto. Mesmo morrendo de medo, eu teria assumido minha responsabilidade. Minha consciência me obrigaria a isso.

Jackson aproximou-se. Respirei fundo. Ele continuava lindo!

- As coisas não são simples assim, Jenna. Tive problemas em outra escola.

Também fiquei com uma reputação muito ruim. Ao menor indício de novas encrencas, minha mãe deixou claro que eu seria imediatamente mandado para uma escola na Nigéria.

- Se tivéssemos ficado juntos e explicado as coisas, talvez ela não fizesse isso.

Tenho certeza de que sua mãe valoriza a honestidade. Além do mais, você e Mia não prometeram esclarecer as coisas no momento certo?

Jackson fez que sim.

- Mas o momento certo nunca vai chegar, não é?

Jackson estava visivelmente incomodado.

- Jenna, quer parar de me por contra a parede? As coisas não ficaram tão difíceis pra você, ficaram?

Pensei em minha vida em Netherby: Gabe, a banda e o trabalho na livraria... e sorri.

- Na verdade, ficou bem melhor do que antes.

- Então vamos nos beijar e fazer as pazes. Sem rancores? – ele me tomou pelo braço e aconchegou-se todo em mim.

Num primeiro impulso, afastei-me, mas Jackson riu e me puxou com mais força ainda.

Que mal poderia fazer um simples beijo de adeus?

Capítulo Trinta e Quatro

Não se dizer há quanto tempo Gabe estava ali parado, mas a julgar pela expressão de seu rosto, tempo suficiente para chegar à conclusão errada.

- Julius disse que você queria me ver – disse ele. – Mas não posso demorar.

Charlie precisa de ajuda. É este o seu amigo de Londres?

Não gostei do modo como ele enfatizou a palavra “amigo”, como se significasse muito mais que isso.

- Este é Jackson. Ele chegou com Mia e alguns colegas – expliquei.

Virei-me para Jackson:

- Este é Gabe. Participamos da banda que vai tocar amanhã.

Jackson ficou surpreso:

- Minha garota numa banda! Jenna, você é uma caixa de surpresas – disse isso e me abraçou.

- Não sou sua garota – respondi rispidamente, afastando-o de mim. Mas já era tarde. Gabe estava indo para o outro lado do campo.

Jackson riu e me abraçou novamente, mas desta vez deixei claro que o queria longe de mim. Queria mantê-lo a distância porque sua proximidade era perigosa. O olhar de Gabe deixara isso bem claro. Agora, eu tinha ainda mais explicações a dar. Por que fui ceder àquela aproximação com Jackson?

Ao longe, vi Aurora correndo em nossa direção. Ela passou primeiro por Gabe, que se virou e apontou em nossa direção. Gabe ficou parado e Aurora continuou correndo.

Quase sem fôlego, ela disse:

- Jenna, venha depressa! Sarah está precisando de ajuda! Corra!

Sem ser chamado, Jackson também saiu correndo comigo.

Aurora pegou Gabe pelo braço quando passou por ele.

Meu primeiro pensamento foi: Kai aparecera e as coisas tinham ficado pretas.

Quando cheguei, porém, vi um monte de gente ao redor de uma árvore, olhando para cima. Marcus, embaixo da árvore segurava seu casaco aberto.

- É Tallulah. Ela nos seguiu até aqui, assustou-se com a multidão e subiu na árvore em pânico.

Olhei para cima e lá estava Tallulah, bem no topo de um grande carvalho, equilibrando-se num galho fino demais para o seu peso.

- Preciso tirá-la daí antes que um desastre aconteça – choramingava Sarah.

- Tudo aquilo que sobe, desce – disse Jackson, bem-humorado.

- Seu namorado tem razão – disse Gabe grosseiramente.

Suspirei, impotente. Gabe deveria confiar mais em mim em vez de pensar sempre no pior. Eu confiava nele e tolerei a presença de Cleo agarrada a ele. Ele não deveria ter chegado a conclusões tão rápidas quando me viu com Jackson. E deveria ter esperado por mim naquela noite em que marcamos encontro na casa da árvore. Agora, estávamos ambos magoados.

Tive um estalo e me pus imediatamente em ação.

- Por que ficam todos aí parados? Vou subir lá e pegar a gata.

- Vou ser seu amparo – disse Marcus, abrindo mais ainda seu casaco.

- Vou ajudar – disse Aurora, tirando sua malha de lã e segurando-a bem aberta ao lado de Marcus.

Jackson riu novamente e disse:

- Isso é loucura, cara.

Mas eu não estava ouvindo. Continuei subindo e procurando neutralizar uma voz que martelava na minha cabeça, perguntando sem parar: “E agora, o que vai fazer?”, enquanto eu subia mais e mais, tentando alcançar o galho de Tallulah.

Escoreguei algumas vezes, quebrei alguns galhos, mas pelo menos eu estava no alto, como se tivesse deixado meus problemas pra trás por algum tempo.

Se imaginei que Tallulah me agradeceria por aquele ato de heroísmo, me enganei redondamente. A primeira coisa que ela fez foi rosnar e me arranhar. Depois, encolheu-se toda como se estivesse preparando um salto mortal.

“Gatos não são suicidas”, pensei e comecei a falar com ela com a mesma vozinha patética que Sarah costuma usar.

Ela pareceu acalmar-se. Passou para uma parte mais grossa do galho e fechou os olhos. Tentei ignorar a dor do arranhão.

- Continue falando com ela – disse Gabe. Ele subira pelo outro lado e estava bem atrás de Tallulah.

- Gabe, não sei o que fazer agora. Estou apavorada – falei baixinho.

Ele sorriu.

- Eu também, mas temos de dar a impressão de que sabemos o que estamos fazendo. Não podemos decepcionar nosso público.

Engoli seco, olhei para as pessoas lá embaixo e tentei controlar a vertigem que sentia.

Uma multidão se formara, e reconheci algumas vozes no meio de toda aquela confusão. Ali também estavam Charlie, Freddie e Mia.

- Acho que vou vomitar – disse.

- Calma, tudo vai ficar bem.

- E se só piorei as coisas? E se assustei Tallulah e ela resolver pular? Que horror!

- Não perca a calma, Jenna. Não há tempo para sentir medo – respondeu Gabe tirando a camiseta.

- Acho que um striptease não vai ajudar... – disse, tentando me concentrar naquele lindo peito para ver se me acalmava um pouco.

Gabe fez que não ouviu e disse, bem sério:

- Vou contar até três e agarrá-la por trás com a camiseta, para impedir que ela use as garras. Continue falando com ela.

Fiz outra vez aquela vozinha patética.

- E aí, gatinha nojenta, seu monte de sarna, o que lhe deu na cabeça? Quer ficar morando na árvore, belezinha?

Gabe agarrou-a. depois de dar uns trancos, ela se acalmou e permitiu que ele a enrolasse na camiseta. Ele então desceu, segurando-a firme.

Os dois olharam para mim, ainda me equilibrando lá em cima. Tallulah piscou e Gabe disse:

- Vamos, Jenna, você consegue!

Ele não esperou minha resposta e se afastou. Todos aqueles sentimentos de medo por Tallulah e de raiva do mundo se evaporaram. Estava perdida mais uma chance de poder ficar com Gabe. Agora eu não passava de uma geléia oscilante, presa em cima de uma árvore e com um grande público de olho em minha humilhação. Ouvi Mia dizendo:

- Ela não consegue descer sozinha.

Rebecca não parava de rir.

Aquilo me irritou tanto que serviu de estímulo. Escorreguei pelo tronco e acabei caindo com um baque surdo no chão. Mia correu para me abraçar.

- Que gesto de heroísmo, amiga! – disse ela num misto de surpresa e incredulidade.

- Tudo bem com você, Jenna? – perguntou Charlie preocupado.

- Tudo bem, Charlie - respondi. Gabe e os outros já tinham se perdido na multidão.

- Você é louca de arriscar seu pescoço por uma gata idiota - disse Jackson.

- E ainda por cima chamada Tallulah! Que nome é esse! - acrescentou Rebecca.

- Charlie! Prazer em conhecê-lo. Jenna me contou tudo sobre vocês - disse Mia, piscando sem parar para um confuso Charlie, que certamente não entendeu nada.

- Entrou algum cisco em seu olho? - ele perguntou a Mia, tirando do bolso um lenço amarrotado.

De repente vi mamãe parada atrás deles.

- Onde está Tallulah? - perguntei.

- Sarah e Aurora a levaram para o solar. Gabe acha que eles têm um cesto para gatos no porão.

Lembrei-me de Curio, o gatinho que vivia na casa da árvore. O que teria acontecido com ele?

Mamãe e eu saímos dali.

Depois de verificar se eu estava bem, ela disse:

- Que idéia foi essa de convidar Mia para o festival?

- Eu não a convidei, mamãe!

O que havia de errado comigo que todo mundo sempre chegava à conclusão errada?

Capítulo Trinta e cinco

Atravessei o campo correndo. Na entrada do solar Netherby, não foi fácil convencer os guardas a me deixar passar.

- O acesso ao solar é proibido - disse-me um guarda enorme, de braços cruzados.

- Estou no grupo que acabou de entrar com a gata - insisti, mostrando os arranhões no meu braço.

Eles telefonaram para o solar e finalmente me deixaram entrar.

Todos se encontravam reunidos em volta da mesa da cozinha. Na extremidade da

mesa, estava o mais belo cesto para gatos que eu já vira. Era uma versão em miniatura do solar Netherby, em vime. Tallulah miou pra mim.

- Alguém aqui teve muita sorte - falei, brincando com o que acontecera com a gata.

- Jenna, você foi tão corajosa! Venha sentar-se aqui - Aurora indicou-me uma cadeira a seu lado na mesa. - Você está ferida como Gabe?

Gabe estava sentado na outra extremidade da mesa. Trocara de camiseta, e Isobel fazia curativo nos arranhões de seus braços.

- Isso vai doer, Gabe.

Olhei para o anti-séptico e estremeci. Sabia que Gabe não podia correr o risco de pegar uma infecção. Olhei para Gabe, mas ele desviou o olhar.

Marcus não parava de falar:

- Tenho certeza de que meu casaco agüentaria o peso de Tallulah se ela tivesse resolvido pular - dizia ele.

- Por que pular quando se pode descer no colo de alguém? - disse, desesperada para atrair o olhar de Gabe. Ele parecia decidido a *não* olhar para mim. Eu precisava fazer algo. Deixara passar um monte de oportunidades de esclarecer as coisas. E não estava disposta a deixar passar mais uma.

- Ontem à noite eu queria muito ver a Cassiopéia, mas o céu estava nublado demais. E cheguei um pouco atrasada. Mamãe e Marcus apareceram de repente - comentei.

- Nunca me passaria pela cabeça que você gosta de ver estrelas - disse Isobel, surpresa.

- Comecei a me interessar por elas neste verão. Li alguns livros sobre isso - respondi. Gabe continuava com o olhar distante.

- Ela chegou em casa com uma carta de amor - disse Marcus, intrometendo-se na conversa.

- Eram anotações de astronomia, seu bobo - respondi.

Gabe continuou fazendo de conta que eu não existia.

Aurora pôs uma grande xícara à minha frente.

- Tome um pouco de chocolate quente. Gente corajosa merece.

Tentei identificar o conteúdo pelo cheiro.

- Hum, tem um cheirinho de laranja - tomei um gole.

- Mamãe pôs um pouco de rum - disse Aurora sentando-se novamente ao meu lado.

- Licor, Aurora, licor de laranja. Francamente, não sei com quem ela aprende essas coisas - Isobel balançou a cabeça em sinal de desaprovação.

- Com a senhora, mamãe - disse Aurora.

- Está delicioso - falei, esvaziando a xícara.

Sarah se levantou:

- Preciso voltar para a minha barraca.

- Vou levar Tallulah para casa - ofereci. Precisava de um descanso. Deixara meus sentimentos bem claros e não sabia qual seria a reação de Gabe. Agora que ele tivera tempo para refletir, era bem possível que mudasse de idéia a meu respeito!

- Gabe pode levá-la de carro. Isso vai poupar algum tempo. E na volta ele pode pegar algumas coisas para mim na marcearia. Estou muito ocupada para ir lá - disse Isobel.

Bem! Estava ali a chance de saber o que ele pensava.

Nós também vamos - disse Aurora, levantando-se e dando uma cutucada em Marcus.

- Você fica. Você vai dar uma entrevista àquele horroroso programa infantil - disse Isobel.

- Qual programa? - quis saber Marcus.

- Hard Cheese - respondeu Aurora.

- Você vai ser entrevistada por Kelly e Leroy? - perguntou Marcus arregalando os olhos.

Aurora fez que sim:

- Se quiser, pode ir comigo.

Gabe estava vestindo o casaco e pegando as chaves do carro.

- É melhor nos apressarmos. O trânsito está infernal.

Peguei o cesto para gatos, mas no mesmo instante me lembrei de algo.

- Espere um pouco - pedi, e perguntei a Aurora: - Você não vai precisar deste cesto para o seu gato?

Isobel deu a lista de compras a Gabe.

-Aurora não tem gato.

Gabe miou.

Ah, meu Deus! Quase perdi o fôlego. Não havia gato nenhum! Que coisa mais embaraçosa!

Esperei entrar no carro para comentar a história:

- De todas as coisas desagradáveis, a pior de todas é se fingir de gato.

Gabe riu.

- A mais *gentil* de todas, você quer dizer. Ninguém gosta de ser pego chorando.

- Como você é bonzinho - respondi, torcendo o nariz.

- Além do mais, se você soubesse que eu a vira se esvair em lágrimas, eu nunca teria tido uma chance com você. As primeiras impressões são fundamentais.

- Lembro-me muito bem da primeira vez em que o vi.

- Na livraria?

- Nada disso. Você estava com bem pouca roupa quando o vi pela primeira vez.

Foi a vez de ele ficar vermelho.

- Agora ficou envergonhado? - brinquei.

- Você está inventando isso - Gabe entrou com o carro na estrada que levava à casa de Sarah.

- Talvez sim, talvez não - respondi.

Tallulah miou e arranhou o cesto.

- Ela sabe que chegou em casa.

Gabe abriu a porta do velho Land Rover.

Enquanto eu tentava sair do carro com o cesto, ele me pegou pelo braço e me fez parar. Cheguei bem perto dele e beijei seu rosto. Ele enrolou uma mecha do meu cabelo entre os dedos e ficou brincando delicadamente com ela.

Deixamos Tallulah em casa com bastante ração.

- Não precisamos voltar agora - disse Gabe. - Isobel pode esperar pelas compras.

Direi que pegamos o congestionamento do festival. Temos algumas coisas a resolver.

- Vai ser estranho ficar juntos à luz do dia - disse com um sorriso irônico.

Tiramos algumas coisas do sofá e nos sentamos.

- É tão calmo aqui - comentei, esticando as pernas.

- Com o som do festival parecendo um eco distante levado pelo vento, é como estar a salvo dentro de casa com uma tempestade caindo lá fora.

Gabe deitou-se ao meu lado e disse:

- Quanto à noite passada... foi como se eu tivesse ficado séculos ali, à sua espera.

Eu quis chegar atrasado de propósito, pois queria encontrá-la esperando por mim.

Mas como você não chegou, uma parte de mim ficou aliviada. Convenci-me de que minha vida já é complicada demais sem um relacionamento sério.

Saí do sofá e fui para o tapete, ele fez o mesmo. Nossos braços se tocaram, e ele prosseguiu:

- Então escrevi o bilhete e fui embora rapidinho. Não dava pra tirar você da cabeça tão depressa assim. E eu ia encontrá-la na manhã seguinte...

- Jackson não é meu namorado - disse.

- Vocês pareciam tão à vontade...

- Tanto quanto você e Cleo - respondi.

- Como diria Julius, *touché*!

- Jackson é um gato e pode ser muito charmoso, mas não cheira bem.

- O quê?

- Ele não tem cheiro de limão misturado com terra molhada.

- Que nojo!

- É o cheiro que você tem pra mim, e que adoro - disse. - Adoro cheirar o seu rosto.

Gabe sentou-se e pôs o rosto bem perto do meu.

- Então cheire.

- Só se você me disser qual é o meu cheiro.

Ele fez como se estivesse fungando meu rosto e meu cabelo.

- Hortelã fresca com um toque de jasmim.

Cheirou mais um pouco e disse:

- Bem, pode ser só suor.

- Pare com isso - disse, rindo.

Gabe fez cara de amuado.

- Foi você que começou com essa história de cheiro!

- Como estava em Londres? - perguntei.

Foi como se alguém tivesse ligado uma tomada dentro dele. Seu rosto ficou sem expressão, e ele caiu de costas no tapete.

- O que houve? - perguntei.

- Nada - disse ele - e tudo...

E começou a chorar. Não com soluços altos, mas com lágrimas que desciam suavemente pelo rosto, executando uma dança delicada e lenta.

Ficamos em silêncio por um longo tempo, e eu disse:

- Miau!

Gabe sorriu e, enxugando as lágrimas, disse:

- Quando eu era pequeno, costumava pensar que fora raptado por ETs, que tinham feito uma réplica do meu corpo e devolvido um Gabe ligeiramente defeituoso à Terra. Meu verdadeiro corpo ficava num tanque de flutuação cheio de uma resina macia e semitransparente que o mantinha aquecido e seguro. Meu

verdadeiro eu estava esperando que os extraterrestres fossem derrotados. Meu eu replicado seria então forçado a permanecer no tanque. Eu não queria que ele fosse morto. Éramos todos vítimas do plano diabólico dos ETs. Eu passava quase todo o tempo fazendo desenhos de alienígenas e naves espaciais. Lia todos os livros que encontrava sobre esses assuntos. Imagino que eles me ajudaram a aceitar as coisas como elas são.

Acaricieei os braços dele.

- Sinto muito.

- Jenna, não quero que sinta pena de mim.

Gabe afastou o braço, mas peguei-o de novo e disse:

- O que você espera que eu faça? Sinto muito que esse tipo de coisa tenha lhe acontecido. Não vou mentir. Sinto muito por mim mesma, inclusive, o que é patético. Sinto muito por mim mesma, e estou apavorada.

- Não tenha medo - disse Gabe delicadamente.

- Como não? Há uma infinidade de coisas que nos assustam. Temos medo de altura e de cobras por um motivo: podem nos matar. Não estou apavorada com você, mas tenho um medo terrível do vírus que você traz dentro de si!

- Sei que os riscos são reais, mas eu nunca a exporia a perigo algum. Na verdade, você é que representa um grande risco para mim.

- Como assim?

- Meu sistema imunológico está muito comprometido. Os germes dos quais você se livraria facilmente são letais para mim. Muita gente pensa que o HIV pode ser curado com remédios. Na verdade, pode ser *controlado* com medicação, mas não existe cura. O vírus pode ser nocauteado, mas não há como matá-lo. Se deixo de tomar meus remédios por uma hora, tudo se descontrola. O vírus desperta, e preciso recomeçar toda a luta. Isso significa mais visitas ao hospital e mais exames.

Acaricieei seus cabelos. Dessa vez ele não se afastou de mim.

Eu lhe disse:

- Quando somos crianças, achamos que tudo tem solução. Um brinquedo quebrado tem conserto. Alguém acende uma luz e nosso medo do escuro desaparece. Crescer talvez signifique tomar consciência de que a vida não é bem assim. Acho que, no fundo, eu sempre soube que Mia jamais diria a verdade. Que a nossa amizade não era tão profundo quanto eu acredito que as amizades verdadeiras devem ser. E sei que o HIV não vai desaparecer só porque eu gostaria que isso acontecesse. Os contos de fadas mentem. Nem sempre temos como ser salvos.

- Ah, então você está dizendo que eu não sou o seu príncipe encantado, e que você não vai se jogar aos meus pés?

- Fique sabendo, meu querido, que já vai longe o tempo em que as garotas se jogavam aos pés de seus príncipes – respondi, rindo.

Gabe deixou-se cair sobre mim e fomos parar no tapete. Nenhum de nós fez um movimento sequer. Simplesmente ficamos ali bem juntinhos por muito tempo.

- Estou faminto – disse Gabe, levantando-se.

- É porque você chorou – respondi.

Ele me abraçou.

- Saía por aí dizendo que me viu chorar e verá o que acontece.

- Não se preocupe. Vou acrescentar mais esse fato à lista de segredos eternos. Abracei Gabe com força. Podia sentir seu coração batendo bem junto ao meu.

- Jasmim, com certeza! – disse ele, fingindo que fungava meu rosto novamente. Depois, foi comigo para a cozinha.

Estávamos lidando com a situação brincando, e parecia funcionar bem.

- Comidinha de gourmet – disse ele, voltando para o quintal com seu prato na mão.

- Nouvelle cuisine.

Estávamos dividindo três torradas com um pouco de atum e uma fatia de abacaxi.

- Quando você volta para Londres? – perguntou Gabe.

- Não sei direito. Provavelmente no começo de setembro. Por quê?

- Eu pretendo ficar aqui por algum tempo. Vou estudar na escola comunitária.

- Uma vantagem de Mia continuar mentindo é que ainda estou sem escola. Pelo menos, não há nada definitivo. Sarah ainda não me mandou ir embora. Tenho certeza de que ela me deixaria ficar. E eu também poderia me matricular na escola comunitária.

- Seria ótimo!

Ele falou de um jeito que parecia totalmente sincero.

- Quais são os planos de Cleo?

- Ela ainda não sabe direito o que vai fazer. Mora com uma prima em Londres durante o período letivo, mas a convivência entre as duas parece que não vai nada bem. Talvez ela venha pra cá também. O que você acha?

- Sem problemas.

O que mais poderia dizer? Eu não podia interferir no assunto deles. Tinha de aceitar as coisas de modo como elas são.

- Nem acredito que vamos nos apresentar no festival amanhã. Nunca pensei em fazer uma coisa dessas antes. Espero não ficar dura feito pedra ao ficar de cara com o público.

- O truque é não levar nada muito a sério. Relaxe e entre no clima.

Levantei-me.

- Mamãe me deu de presente uma camiseta incrível. Vou pegá-la.

Corri para o meu quarto e vesti a camiseta. Estava me olhando no espelho para ver se ficava bem em mim quando os pêlos da minha nuca se arrepiaram. Alguém estava me observando.

Só existia uma pessoa capaz de me fazer sentir tanto calafrio.

- Kai! – exclamei, sem me virar.

Capítulo Trinta e Seis

- Não posso viver longe de você, Jenna- disse Kai, entrando no quarto. – Aliás, bela camiseta. Essas camisetas clássicas valem uma boa grana.

Encostei-me à cômoda e disse:

- A essa altura você certamente já levou tudo de valor que havia por aqui. Aquele vaso também deve ter rendido uma boa grana.

- Deixe de ser chata, Jenna. Essas coisas não passam de bens materiais. No câmputo geral, elas não têm a menor importância. Estou passando por grandes

mudanças de vida.

Ouvi o som de uma van estacionando diante da casa. Kai olhou pela janela.

- Deve ser Emma. Acho que vocês já se conhecem.
- Desde o dia em que você a mandou à livraria verificar sua coleção de discos – respondi. Pensei em Sarah e no quanto ela se sacrificara por ele – Como pôde agir assim?

- Você vai entender quando crescer. Adultos seguem outras regras.

- Do meu ponto de vista, não me parecem coisas de adulto.

Gabe subiu as escadas correndo.

- Tudo bem, Jenna? – perguntou assim que percebeu a situação.

Kai fingiu surpresa:

- Parece que não sou o único a ter um encontro secreto nesta casa.

- Não julgue os outros por si. Trouxemos Tallulah para casa. Ela se perdeu no espaço do festival e teve problemas – expliquei.

- Quer dizer que demora uma hora pra pôr uma gata dentro de casa? É o tempo em que estou aqui, esperando que vocês se retirem – Kai disse isso com um sorriso desagradável.

Alguém bateu à porta.

- Vocês bem que podiam nos ajudar a pôr alguns móveis na van – disse ele.

- Sarah está sabendo disso? – perguntei, Coloquei-me ao lado de Gabe e, juntos, obstruímos a passagem pela porta.

- Estou pegando meus pertences aqui, e depois farei o mesmo na livraria.

Eu e Gabe nos olhamos. Tínhamos que fazer algo para deter aquele sujeito.

- Estávamos a fim de lhe contar... – comecei.

- Mas, infelizmente, você não estava aqui – completou Gabe.

Os olhos de Kai brilharam em pânico.

- O quê? Aconteceu algo com minha coleção de discos?

- Não..., isto é, não com a coleção inteira - disse Gabe, lançando-me um olhar significativo.

- Alguns álbuns ainda ficaram na loja, mas alguns já se foram – falei lentamente – Quando você mandou Emma bisbilhotar na livraria, senti que precisava fazer algo.

- Quais não estão mais lá? – perguntou ele, vermelho de ódio.

Emma continuava batendo na porta.

- O que você disse? – perguntei, fingindo que não tinha entendido direito.

- O que vocês fizeram com os meus discos? – gritou Kai, agarrando Gabe pela camiseta.

- Deixe-o em paz! – gritei, puxando-o pelo braço.

Emma começou a chamar:

- Sou eu, Kai, abra a porta!

Kai baixou a voz:

- Muito bem, crianças, vocês já se divertiram bastante. Emma não está em condições de passar por esse tipo de coisa.

Em total silêncio, nós três nos voltamos e fomos para o andar de baixo.

Emma parecia muito surpresa e disse:

- Ah, pensamos que vocês estariam ocupados com o festival – ela piscava como se fosse um animal sonolento.

Gabe olhou fixamente para ela:

- O que seria muito conveniente para vocês virem aqui roubar as coisas de Sarah. Emma virou-se para Kai e o puxou:

- Você disse que as coisas eram suas!

- E são – disse ele nervosamente.

Estávamos todos comprimidos na ante-sala, mas ninguém se mexia.

Emma puxava a manga da camisa de Kai como uma criança insistente:

- Você disse que era tudo seu, e que Sarah aprovaria nossa relação. Disse até que ela nos deixaria morar nesse Chalé. Era tudo mentira?

- Fique quita – disse Kai meio grosseiramente.

- Não há mais espaço nessa hospedaria desde que vim pra cá – falei.

- Agora que estamos um pouco mais calmos, voltemos ao assunto dos meus discos – disse Kai.

- Não pensamos neles como bens materiais – comecei.

- Pensamos neles como uma apólice de seguros – acrescentou Gabe.

- Contra quem? – Kai estava ficando irritado.

- Contra qualquer outra coisa que desaparecer dessa casa ou da livraria.

Kai coçou o queixo:

- Quero saber quais discos não estão mais lá. Talvez seja alguns fáceis de substituir.

Gabe riu e balançou a cabeça:

- Velvet Fogg... muito difícil de encontrar. Leafhound... praticamente impossível.

O rosto de Kai começou a ficar vermelho.

- E onde estão esses discos?

- Muito bem guardados – respondi.

Capítulo Trinta e Sete

Depois que Kai e Emma se foram, Gabe e eu pegamos o Land Rover e fomos para a livraria.

- Que bela dupla formamos! – disse Gabe, rindo.

- Fomos totalmente convincentes – concordei.

- Foi como se a gente estivesse lendo os pensamentos um do outro, como se soubéssemos exatamente o que fazer para confundir a cabeça de Kai.

Saltei do carro e abri a livraria.

- Os nomes daqueles dois discos caíram como uma luva.

Como não tínhamos muito tempo, corremos até a caixa de discos de Kai, e Gabe pegou os raros.

- Onde vamos escondê-los?

- É bem provável que ele venha dar uma olhada.

- Olá! – gritou Ava do salão de beleza.

Eu e Gabe nos entreolhamos e sorrimos.

Quando voltamos para o festival, já estava escurecendo. Depois de sair da livraria, tivemos de fazer as compras na mercearia. Por sorte, Isobel ficara ocupada com um jornalista e não reclamou na nossa demora. Depois, tivemos que garantir a Sarah que Tallulah estava ótima e que tínhamos deixado um monte de ração para ela. Como eu não queria aborrecê-la, não mencionei o incidente com Kai e Emma.

Mamãe, Marcus e Aurora estavam vendo um espetáculo de marionetes na tenda do teatro. Charlie e Freddie arrastaram Gabe para discutirem a instalação de seus instrumentos de percussão.

Decidi dar uma olhada no festival. Àquela altura, todos os três campos onde se podia acampar, estavam cheios de barracas e trailers. Havia muita gente sentada, comendo, bebendo. Uma mulher ainda jovem e um velho começaram a tocar violino. As pessoas começaram a cantar e a dançar. A noite estava linda.

De repente, me vi sorrindo sem motivo. Pela primeira vez na vida, eu me sentia fazendo parte de algo e sabia que as pessoas que eu considerava legais gostavam de mim pelo que eu era. Eu não era mais um rosto na multidão, nem estava em primeiro plano por tabela. Eu aprendera a lidar com as coisas.

O fato de estar em Netherby, com Gabe, fizera de mim uma pessoa confiante. Ter ficado com Jackson foi muito divertido, mas era como se eu caminhasse sobre areia movediça. Além disso, eu jamais voltaria a respeitá-lo depois que não ficou ao meu lado.

Senti fome e me deixei levar pelos cheiros que vinham do campo principal, onde ficavam todas as barracas de alimentos e a maior tenda de apresentações.

Coloquei meu capuz. Soprava uma leve brisa e, além disso, Eu não queria que Sarah me visse. Eu não conseguiria engolir mais uma de suas “comidinhas para a alma”.

Mas eu nem precisava me preocupar, porque ela estava ocupadíssima, conversando com um grupo de amigos. Era bom vê-la rir novamente. Segui o cheiro delicioso de alho frito que vinha da banca da fazenda Netherby, onde vendiam hambúrgueres orgânicos. Comprei um bem grande e sentei no gramado para devorá-lo.

Quando eu estava engolindo o último pedaço, vi Mia e seu bando perto da barraca de variedades. Mia estava à frente, com pose de estrela de cinema. Olhei para o outro lado. Havia pouco tempo, eu os estaria seguindo e me sentindo muito feliz por ter Mia como amiga. Eles davam risadas altas, de chamar a atenção mesmo, uma coisa completamente deslocada no festival. Justin parecia pouco à vontade e logo se afastou.

Mia me arrumara grandes problemas nos últimos tempos, mas Gabe tinha razão quando dizia que eu os superaria. Nada do que acontecera era irremediável. Além disso, se eu não tivesse me metido em encencas não teria vindo para Netherby. Limpei a boca. Aquela experiência me ensinara muitas coisas. Eu jamais voltaria a fazer o papel de uma assistente pessoal em uma amizade. A partir de agora, qualquer amizade pra mim só teria sentido em igualdade de condições. Era isso ou nada. Eu não aceitaria mais fazer de conta que coisas desagradáveis não existiam, nem admitiria manter uma amizade só para não me sentir sozinha. Ser amigo significava compartilhar coisas nas quais se acredita, e não fazer o papel de quem só está ali para satisfazer as vontades de uma ou mais pessoas. E, se você não consegue perdoar as fraquezas dos seus amigos, é melhor ficar sem eles.

Mia e sua gangue estavam agora na banca de roupas, e riam de todas as peças. Jackson pegou um boia de plumas e fez pose. Sem querer, vi-me sorrindo para ele. Jackson sempre me fazia rir. Depois, passaram para uma banda de bijuterias. Se eu não estivesse de olho neles, não teria acreditado. Aliás, quase não

acreditei. Num movimento rápido, Mia pegou um colar e começou a examiná-lo, ao mesmo tempo, com a outra mão, enfiou um anel na bolsa de Rebecca. Depois saíram rapidamente, Mia e Rebecca abraçadas uma à outra, às gargalhadas. Assustado, Jackson as seguia.

Mas a alegria das duas durou pouco, porque foram rapidamente cercadas por um homem e uma mulher, que mostraram as duas algo que parecia um passe de ônibus. Rebecca e Mia ficaram imóveis. Mia estendeu sua bolsa para ser examinada. Mostrou inclusive a carteira, que devia estar cheia de dinheiro. Todos olharam para elas, constrangidos, quando foram levadas pelos policiais à paisana.

As pessoas começaram a discutir o que aconteceria com elas.

- Quem deve decidir se vão ou não fazer uma acusação formal é lorde Netherby.
- É só uma garotada.
- Mas tinham dinheiro. E o dono da banca, não conta?
- Mesmo que não sejam detidos, devem ser imediatamente expulsos do festival.

Fiquei perambulando por ali, muito confusa. As lembranças do incidente com o cartão de crédito voltaram com tudo. O modo como Mia me pedira para não dizer nada. Eu pensava que o roubo do cartão era um fato isolado. Que todos nós tínhamos nos deixado levar por um gesto infeliz. Jamais me passaria pela cabeça que Mia transformaria aquilo num hábito. E ela não precisava de dinheiro. Como eu podia ter andado com ela?

Uma buzina altíssima soou bem no meu ouvido. Era um palhaço com pernas de pau.

- Olá! – gritou ele, buzinando outra vez no meu ouvido.

Fingi que achava graça e saí dali o mais rápido que pude.

Sem perceber, cheguei à área onde ficava o teatro. À minha frente, ficava uma pequena barraca listrada. Ouviam-se muitas risadas e palmas lá dentro. Enfiei a cabeça e deparei com uma cena muito agradável. A tendinha estava cheia de gente que assistia um espetáculo de marionetes. Bem na frente estava Aurora, sentada ao lado de mamãe. Marcus dormia no colo dela. Mamãe o embalava enquanto se divertia com o espetáculo. Não dava para entender como Marcus podia dormir com todo aquele barulho.

Fui tomada por uma grande onda de afeto. Sabia que decepcionara mamãe, mas agora era hora de consertar meu erro. O verão estava praticamente no fim; era preciso fazer planos. Eu tinha traçado um rumo para a minha vida. Resolvi que iria estudar em Netherby, onde me esforçaria muito e reconquistaria a confiança de mamãe.

Pensei em mim com Gabe, os dois sentados em uma lanchonete estudando. Iríamos ao observatório em Greenwich e ficaríamos com um pé no Hemisfério oriental e outro no Hemisfério Ocidental, como todas as outras pessoas. Eu queria fazer muitas coisas com ele.

Quando estava voltando para a nossa parte do campo, passei por uma “Zona alternativa”. Havia uma grande fogueira no centro, e as pessoas ao redor tocavam tambor e cantavam.

Levada pelo calor do fogo, me aproximei. Sentei o mais perto possível da fogueira, em uma pedra lisa, procurando não chamar a atenção.

Nada de especial parecia estar acontecendo. Algumas pessoas faziam massagens. Uma mulher lançava pedras no chão, como se fossem dados, e conversava com alguém. Imaginei que fosse uma quiromante.

-Saía imediatamente do meu lugar! – disse uma voz a meu lado. Quando olhei, vi uma mulher muito alta, com uma longa capa de lã.

- Desculpe – disse, levantando-me. – Não sabia que o lugar era seu.

- Pode ficar – respondeu ela, e depois deu um risinho estranho. – Não se importe comigo. Meu nome é Cassiopéia, Cassie para os íntimos, e não passo de uma velha ranzinza.

Sentou-se ao meu lado. O ar ficou impregnado de seu perfume fortíssimo. Eu estava desesperada para sair dali, mas não queria magoá-la.

- Como a constelação – disse, pensando que Gabe se orgulharia de mim pela lembrança.

- Espero que você tenha vindo para o círculo de cura. Já deveria ter começado, mas tudo sempre atrasa um pouco. A menos que, para você, seja coisa de hippies – disse ela dando outro risinho.

- Não, não vim para o círculo de cura. Estava andando a esmo.

- Então você foi convocada – disse, virando-se para mim e olhando-me bem de perto – Você tem uma alma bela e forte – deu um tapinha na pedra em que eu estava sentada. – Você veio curar alguém que ama.

Uma imagem de Gabe passou pela minha cabeça.

Cassie acenou com a cabeça como se confirmasse meus pensamentos.

- O garoto. Posso sentir o sofrimento dele.

Senti um calafrio. Tinha certeza de que ela fez uma suposição e acertou em cheio. De qualquer modo, aquilo me deixou meio maluca. Olhei para os lados para ver se achava alguma rota de fuga, mas havia muito mais gente àquela altura, e eu estava presa ali.

O jeito foi ficar. Afinal. Que mal poderia me fazer um círculo de cura?

Capítulo Trinta e Oito

Todos tivemos de levantar e formar um círculo ao redor da fogueira. Devia haver umas cem pessoas ali. Cassie lançou incenso ao fogo. Uma pessoa começou a percutir o tambor lentamente, com uma batida triste, enquanto alguém nos disse para encararmos todos os sofrimentos que havia em nossas vidas. Pensei nos vírus no sangue de Gabe e comecei a andar em volta do círculo, pisando neles e gritando para que desaparecessem.

Alguém começou a tocar uma flauta, outra pessoa fez soar uns sinos indianos e, cada vez que o ritmo mudava, éramos incentivados a abraçar a dor e a banhá-la em uma luz dourada. Estendi a mão e imaginei que um vírus tivesse pousado sobre ela. Envolvi-o em uma luz dourada que era viscosa como mel. O vírus gostou disso e ali ficou, congelado no mel, que começava a endurecer. Agora, preso, já não podia mais fazer mal a ninguém.

Depois, todos giraram ao redor do círculo. Era como uma dança country que vai se tornando cada vez mais frenética. Comecei a girar com os outros.

Alguém me deu um tapinha no ombro e disse com voz majestosa:

- Posso ter a honra da próxima dança?

Na hora, pensei que fosse Julius, mas não era.

Era Gabe.

- Não imaginava que você fazia o gênero hippie – disse ele com um sorriso. Olhei pra ver se Cleo estava por perto. Ela certamente viria com uma de suas ironias. Mas Gabe estava sozinho.

- Senti sua falta – disse ele, dando-me um beijo na testa. Depois, fez uma careta: - Epa, você está toda suada e com um gosto estranho.

Caí na risada.

- Deve ser incenso.

Ele passou um braço pelo meu ombro e disse:

- Vamos indo, tenho uma surpresa pra você.

Fiquei imóvel e fingi que não pretendia arredar pé dali.

- Quem disse que pretendo sair do círculo de cura?

- Ah, é disso que se trata? Bem, acho que você já pode sair. Já parece bem curada. Achei que poderíamos ficar algum tempo sozinhos antes das coisas pegarem fogo de vez.

Quando eu estava saindo do campo, Cassie correu até mim, pôs algo na minha mão e me deu um abraço, dizendo:

- Seja forte, Jenna.

Coloquei a pedra no bolso do meu casaco e sorri pra ela.

Capítulo Trinta e Nove

Saímos do campo onde acontecia o festival e fomos para a parte de trás do Solar Netherby. Gabe tapou meus olhos com as mãos e me levou por um caminho.

Escorreguei na grama molhada, mas ele me segurou.

- Surpresa! – disse ele.

Era incrível. Havia uma gruta banhada por luzes verdes e cor-de-rosa. A água jorrava da boca de uma estátua de Netuno.

- Um dos privilégios de ser filho de um lorde é ter acesso a um lugar como este – disse ele.

Eu fiquei ali parada, boquiaberta, enquanto Gabe prosseguia.

- Meu próximo truque... – abriu os braços como se fosse um desses mágicos baratos e correu em direção ao templo grego. Segundos depois, tudo estava iluminado por luzes de decoração de Natal.

- O Natal chegou bem antes – comentei, rindo, enquanto me sentava ao lado de Gabe em um tapete de lã escocesa cheio de almofadas. Ao lado dele estava seu telescópio e um velho cesto de vime.

- Gostaria de ficar um tempo a sós com você, tudo bem?

- Tudo bem. Que boa surpresa! E não precisamos nos preocupar com atrasos.

Todos sabem que vou passar a noite na barraca com o pessoal da banda – respondi.

- Acho melhor apagar as luzes agora.- Gabe começou a acender várias velas.

- Se eu não economizar, papai vai engrossar comigo quando chegar a conta de luz.

Sorri quando Gabe abriu a cesta e dela tirou uma garrafa.

- Mais um dos privilégios de ser filho de um lorde.

- Champanhe? – perguntei.

- Digamos que sim, só que de pêssego e sem álcool. Foi o que encontrei de melhor, mas podemos fingir que é outra coisa. – Gabe abriu a garrafa, pegou dois copos antigos e nos serviu.

- Não temos champanhe em casa, papai é a pessoa mais pobre que eu conheço. Dinheiro é um eterno problema para nós. A manutenção de Netherby custa uma fortuna, e além disso ele dá a maior parte dos lucros dos festivais a obras de caridade.

- O mesmo acontece em casa. Mamãe precisou comprar uma casa muito cara para eu poder freqüentar uma boa escola e conviver com crianças motivadas e bem ajustadas que só pensavam em me excluir.

O que me fez pensar em...

Aproveitei e contei tudo sobre o roubo de Mia na banca de bijuterias.

- O que será que está acontecendo com eles neste momento?

Gabe esticou o corpo do tapete.

- Fácil. Estão lá em casa. Rebecca chorando feito um bebê. Mia insistindo em se fazer de inocente. O dono da barraca ficou contente de reaver suas coisas. A polícia está ocupada com outro problema. Então papai telefonou para os pais deles e, com sua melhor voz “lorde Netherby”, pediu que viessem imediatamente buscar seus filhos. Eles vão passar a noite trancados no quarto de hóspedes. Suspirei, irritada.

- Quer dizer que nada de polícia? Isso quer dizer que Mia não vai parar por aí. Ela consegue dobrar os pais sem o menor esforço.

- Eu não teria tanta certeza. Gente como ela acaba sendo pega.

- Não, não acaba. Quando é que Kai vai ter o que merece? Não é justo... – comentei, fechando a cara. – E não me venha dizer que a vida não é justa.

- Você gostaria de estar no lugar de Kai ou de Mia por um só segundo? – perguntou Gabe, com ar muito sério. – Suportaria o vazio moral deles?

- Talvez fosse divertido. Escreveria poemas melhores e seria muito mais legal com Sarah do que o verdadeiro Kai. Seria divertido saquear o guarda-roupa dela. Mas espere... eles estariam no meu corpo ao mesmo tempo. Não, de jeito nenhum. Eu não suportaria ser Mia nem por um segundo.

- Ter força interior é a melhor defesa contra esse tipo de gente – disse Gabe.

- Foi o que a velha dama hippie me disse. Ela me pediu para ser forte. Gostaria de não ter cedido à vontade de Mia tantas vezes, só para ter uma vida calma. Mas Sarah ama Kai, ama esse sujeito de verdade.

- Mas ele não retribui todo esse amor, retribui? – disse Gabe.

- Talvez ela apenas precise dele – acrescentei, à medida que uma imagem de Cleo formava em minha cabeça. Eu sabia que Cleo precisava desesperadamente da amizade de Gabe.

- Ele a despreza, mas ao mesmo tempo precisa dela. Isso não é amor.

- Ele tem Emma e um bebê a caminho – comentei.

- Já imaginou como alguém com esse caráter vai se sair nesse teste?

Terminei de beber e estendi os braços:

- Mas não é que você e eu somos maduros e sábios? Ah, se as pessoas nos ouvissem.

Gabe riu.

-Vamos dar uma espiada numa coisa velha e sábia.

Pegou o telescópio e posicionou-o na direção norte. Olhei para cima. Respirei fundo, enchi os pulmões de um ar delicioso e mergulhei na observação da paisagem celeste. Coloquei uma das mãos nas costas de Gabe e continuei a olhar para o alto.

Senti algo que nunca sentira antes. Era um sentimento muito além da felicidade e muito próximo da tristeza. Um sentimento tão poderoso que teria que passar logo, do contrário eu explodiria. Eu me sentia assim porque estava com Gabe.

O que eu estava vivendo não era um conto de fadas, era algo muito mais precioso. Gabe me dera a opção de acabar nosso namoro, mas ainda assim era apavorante eu ter decidido continuar. Confiara em meus sentimentos, e me sentira orgulhosa de mim mesma. Porque a escolha era difícil, e porque tínhamos nos mostrado à altura dela, estávamos tendo ali aquele momento perfeito, assim como havia tantos outros ainda por vir.

A gente se compreendia e se gostava muito. Eu sabia que teríamos força para apoiar um ao outro. Queria saber mais sobre ele. Queria muito compartilhar outras experiências com ele. Gabe tirou os olhos do telescópio.

- Um céu noturno perfeito. Dá até pra ver Cassiopéia.

Senti um calafrio ao me lembrar do encontro com Cassie, e de como ela me pedira pra ser forte.

Olhei no telescópio e segui as instruções de Gabe.

- Já está vendo? É um grupo muito fácil de localizar. Tem cinco estrelas principais que formam a letra W.

- Achei!

- E eu achei você, Jenna. Você não imagina quanto isso significa pra mim.

Gabe pegou minha mão. Afastei-a e disse:

- Seu manteiga derretida.

Ficamos muito tempo ali, deitados e abraçados, sem dizer nada. Aspirei o cheiro maravilhoso de Gabe e descansei minha cabeça em seu peito, sentindo seu coração bater. Minha garganta estava seca, todos os meus sentidos e sentimentos em sua máxima intensidade. Enfiei a mão por baixo da camisa dele e senti sua pele. Era macia e calorosa.

Em seguida, tive um acesso de riso.

- O que foi? – disse Gabe, assustado.

- Estava me lembrando da primeira vez em que o vi. Você estava sentado numa espreguiçadeira na casa de Charlie, passando a mão no peito, exatamente como estou fazendo agora. Eu não conseguia tirar os olhos de você. Parece engraçado que tanta coisa tenha acontecido desde aquele dia.

- Você é louca, Jenna. O grande amor da minha vida.

Gabe disse essas palavras tão baixinho que quase pensei ter ouvido seus pensamentos. O peso daquelas palavras, que aparentemente não passavam de um clichê, pairava no ar com tanta força que quase dava para senti-las como uma presença física. Ele já escrevera que me amava, mas era a primeira vez que dizia isso em alto e bom som. Pensei em dizer-lhe o mesmo, mas me contive. Não havia pressa. Haveria muito tempo para eu lhe dizer como me sentia. Iríamos freqüentar a mesma escola.

Naquele momento, bastava estarmos juntos, quase adormecendo em um templo

grego, admirando as estrelas.

Capítulo Quarenta

Na manhã seguinte, fui acordada pelos gritos de uma gralha. Nem sinal de Gabe, a não ser um bilhete dizendo que ele tinha ido preparar nosso café. Acho que nunca tinha acordado tão cedo. Vesti meu casaco e levantei para me aquecer. Todo meu corpo parecia carregado de eletricidade.

Para mim, era um novo dia e um recomeço. Algo dentro de mim mudara. Era como se eu visse as coisas claramente pela primeira vez em toda a minha vida. Tinha plena consciência de minha história com Mia e Jackson e sabia onde queria estar: com Gabe. Ao enfiar as mãos no bolso para me aquecer, senti o volume da pedra que ganhara de Cassie. Ao olhar para ela a luz do dia, vi que era um pedaço de âmbar com um pequeno inseto preso no interior. Passei a mão nela e a recoloquei no bolso.

Gabe voltou com uma velha garrafa térmica e duas xícaras com algumas rachaduras.

- As coisas estão pegando fogo em casa – disse Gabe. – Mia e Rebecca ficaram no quarto de hóspedes. Os pais de Rebecca chegaram e estão furiosos.

Dei de ombros.

- Não tenho o menor interesse nesse assunto.

Gabe serviu o café.

- Mesmo que seu nome tenha sido mencionado?

- Dessa vez, não podem me culpar – respondi.

- Rebecca contou à mãe dela de que modo o anel parou em sua bolsa e disse: “É isso que deve ter acontecido com a pobre Jenna”.

- Não preciso da piedade dela! – respondi rispidamente. – E se Rebecca contar o que aconteceu, vão acreditar nela. Afinal, sua mãe é presidente do conselho escolar. Foi ela quem recomendou que eu recomeçasse a minha vida em outro lugar.

Gabe pos a mão em meu ombro e perguntou:

- Quer dizer que não lhe interessa saber o que aconteceu quando a mãe de Mia chegou?

Meus ouvidos se aguçaram. Apertei minha xícara e pedi que ele me contasse tudo.

Antes que ele dissesse uma palavra, ouvimos o barulho de alguém se aproximando e Aurora surgindo do meio dos arbustos:

- Você perdeu um puta arranca-rabo!

- Modos, Aurora! – dissemos, eu e Gabe ao mesmo tempo.

Ela se enfiou entre nós e começou a contar:

- Depois que você saiu de fininho com a garrafa, as coisas começaram a ficar parecidas com filmes de tribunal. Ao ver os pais, ela se derreteu em lágrimas e começou a se fazer de vítima – os olhos de Aurora brilhavam.

Gabe e eu trocamos um sorriso.

- A mãe de Rebecca disse que a filha dela nunca se metera em confusões antes de fazer amizade com Mia. Mia respondeu que não tinham achado nada com ela: “Exatamente como da última vez, não havia nada comigo”.

- A mãe de Rebecca ficou branca de raiva e disse "Essas suas histórias não tem nada de verdadeiras. A verdade mesmo é que você sempre se faz de esperta para sair impunemente das coisas que apronta". Mia deu uma risadinha irônica, no que foi seguida pelo pai. E isso foi demais para nosso pai, Gabe.

Aurora levantou e começou a imitar lorde Netherby:

- Sua atitude é desprezível e explica a conduta imoral de sua filha. Eu disse à polícia que não pretendia dar queixa, mas mudei de idéia. Há uma testemunha do roubo. Tenho certeza que o vendedor não se recusará a depor, afirmando que viu uma garota colocar o anel na bolsa da outra. Gostaria de acrescentar que Jenna Hudson é amiga pessoal desta família, e que a considero uma garota excelente. Também estou pensando em escrever para a escola dela pedindo para reabrir o caso. Tenho influência. Deve haver câmeras ocultas instaladas na área da loja.

- Essa era minha idéia! – exclamou Gabe. – Papai e Isobel ouviram falar de sua expulsão e esclareci tudo a eles. Espero que você não se importe.

Então Gabe vinha pensando em arrumar algum jeito de me ajudar! Se fosse Jackson, jamais perderia seu tempo comigo. Gabe não era pessoa de fugir de um problema.

- Ainda não acabei! Quando ouviram isso, Mia começou a choramingar: "Eu não tinha a intenção de fazer isso. Não consegui evitar. Ninguém me impediu de agir. Jenna e Jackson me incentivaram". O pai de Mia se ofereceu para pagar todos os prejuízos, mas papai disse que era uma questão de princípio, e que, a não ser que Mia confessasse formalmente à escola que usara o cartão de crédito, ele faria uma acusação formal.

Aurora gritava de alegria. Gabe sorria.

E eu sentia um vazio por dentro. Eu não esperava semanas para que isso acontecesse?

Enquanto pegava minhas coisas e ajudava Gabe a botar tudo em ordem, Aurora perguntou:

- Como está Marcus hoje? Ele não estava se sentindo muito bem ontem.

- Talvez ele só esteja muito agitado – respondi. Nada iria estragar meu dia.

Pelo menos, era o que eu pensava.

Embora ainda fosse muito cedo, já havia fila para usar os chuveiros e banheiros. Algumas pessoas ainda tocavam seus instrumentos. Um helicóptero sobrevoava o campo trazendo uma das bandas.

E eu ia fazer parte de tudo aquilo! Até meu último dia de vida poderia contar que participei do festival Netherby!

Sarah dissera que eu poderia usar o banheiro de seu trailer a qualquer momento, e então fui até lá e bati à porta. Ninguém respondeu. Bati novamente e aguicei os ouvidos. Achei que tinha ouvido um soluço.

- Tudo bem com você, Sarah? – perguntei, já entrando.

Havia alguém sentado do lado dela. Assim que entrei, ouvi:

- Kai sente muito por ter magoado sua linda mulher de olhos tristes.

Ele acariciava os cabelos de Sarah e ela permitia. Os dois olharam para mim:

- Só vim tomar um banho, porque você disse que eu podia vir.

Sarah olhou-me demoradamente. Seus olhos brilhavam por trás das lágrimas.

- Jenna! Você vai ser a primeira a ouvir nossa novidade.

- Tem certeza, Sarah? – Kai não parecia muito sincero.
 - Quero que o mundo saiba que estamos juntos de novo – Sarah dependurou-se no pescoço dele. – A vida tem sido um inferno sem você, Kai.
- Kai olhou para os próprios pés e resmungou:
- Eu e Sarah voltamos. Vou reassumir meu trabalho na livraria e também volto a morar no Chalé.
 - E Emma? – perguntei. As palavras escaparam antes que o bom senso pudesse irrompê-las.
- Os olhos de Sarah perderam o brilho.
- Não vamos dar importância aos erros do passado. Estamos vivendo um recomeço, e não haverá culpa de nenhum dos lados.
- Kai a abraçou.
- Esta é a minha bela dama! Estive encantado por uma sereia que envenenou meu corpo, mas meu coração sempre foi fiel a você.
- Era nojento demais. Quanto me virei pra sair, disse com toda a ironia:
- E o bebê, também é um erro ao qual você não vai atribuir importância nenhuma? Saí e bati a porta com força.

Capítulo Quarenta e Um

Saí do *trailer* pisando duro, cega de raiva. Como Sarah podia ser tão estúpida a ponto de cair outra vez na conversa de Kai? Como podia tratar a questão do bebê como “coisa sem importância”?

Só fui ver Ava quando já era bem tarde e trombei com ela.

- Sinto muito, não queria derrubá-la.

Ela ajeitou o penteado meio desfeito.

- Tudo bem, querida. Estou levando um pedaço de bolo de limão para Julius.

Como você sabe, ele se esquece de comer.

Mas ficou me examinando por alguns segundos:

- Espere aí, quem estragou o seu dia? Teve algum problema com seu namorado?

– perguntou piscando.

- Dei de cara com Kai e Sarah.

- Então eles estão juntos novamente e selaram a volta com um beijo. Adoro finais felizes. Você vai querer esses discos de volta? – perguntou.

- Conheço pelo menos duas pessoas que não verão isso como um final feliz.

Contei-lhe sobre Emma e o bebê que estava esperando. Ava empalideceu e ficou nervosa. Apoiou-se numa árvore para não cair. Senti-me mal.

- Não queria perturbá-la. É que estou me sentindo furiosa. Não pensei no tipo de reação que você poderia ter.

Ava sorriu.

- Não estou chocada. Minha cabeça foi invadida por lembranças dolorosas, só isso.

Ela tremia.

- Sinto muito, Ava. Posso ajudar?

- Você chegou 44 anos atrasada para poder me ajudar... 16 anos de idade... Ainda me lembro tão bem de mim! Embora soubesse de tudo. Mas não sabia o suficiente para evitar uma gravidez. Era um problema muito sério naquela época. Tenho

certeza de que o garoto ficaria do meu lado, mas teve de ir para a universidade. Tinha grandes sonhos de tornar-se escritor. Para ele, eu não passava de uma aventura de verão. Meus pais poderiam ter me rejeitado, mas me mandaram para uma maternidade onde só pude segurar meu filho por dez minutos antes que o levassem embora – enxugou uma lágrima. – Foi melhor assim. Eu não tinha condições de mantê-lo. Uma família o adotou e tive de prosseguir com meus cursos de cabeleireira. Naqueles tempos, a gente perdia totalmente o contato. Ela tirou um lenço amassado do bolso do casaco e assoou o nariz ruidosamente. Abracei-a.

- Bem, agora vamos falar dos discos. Vocês não disseram que eles valem uma pequena fortuna?

- Gabe disse que eles são extremamente raros – adorei a simples menção do nome dele.

- Vou ver se dá para deixá-los com a pessoa certa – disse Ava.

Quando voltei para a barraca, o ensaio já tinha começado. Charlie estava muito ocupado, com os nervos à flor da pele. Gabe dava o melhor de si para improvisar alguns instrumentos de percussão sobre um tampo de mesa.

Cleo estava agachada num canto com cara de infeliz. Freddie distribuía aos membros da banda uma lista com as canções que iríamos tocar.

Charlie avisou que havia uma novidade:

- Não conseguimos encontrar você e Gabe para avisar. Lyle Hasslett, o vocalista da banda Stale Pumpkins, decidiu fazer uma apresentação no festival, e por causa disso três das nossas canções foram cortadas.

- Isso não me parece nem um pouco *anti-folk* – comentei.

- Não é culpa dele. É coisa do pessoal de relações públicas. Querem que ele faça uma apresentação combinando elementos de gêneros diferentes – respondeu Charlie.

- Parece difícil – brinquei.

Freddie riu.

Charlie franziu a testa.

- Isso significa que tivemos de cortar algumas canções, inclusive *Because the Night*.

Senti uma enorme decepção. De repente, percebi que todos os olhares se voltavam para mim, esperando alguma reação.

Cobri o rosto com as mãos.

- Parem de olhar para mim! Não vou morrer por isso!

Gabe riu.

- E você ainda pensa que é uma diva? Se fosse, devia estar tendo um ataque de nervos!

Dei de ombros, mas meu gesto foi visivelmente exagerado.

- É só o Festival Netherby, a maior vitrine de música alternativa do país. Sem problemas – depois, comecei a fingir uma crise de nervos. Até Cleo deu risada. Eu tinha de sair por cima daquilo.

Faltavam algumas horas para a apresentação, e eu precisava desesperadamente ver como estavam mamãe e Marcus. Por isso, voltei para o chalé.

Descobri que Marcus estava com febre, e mamãe decidira chamar um médico. Ele

dormia quando cheguei.

- Ele pegou catapora – disse mamãe. – Vai ficar doente por algumas semanas. Depois melhora.

Era estranho estar sozinha com mamãe na casa de Sarah. Mamãe pertencia a um mundo de cozinhas limpas e modernas, com geladeiras abastecidas. Era estranho observá-la tomar chá numa xícara rachada que, em nossa casa, teria sido jogada fora.

- Senti saudades suas – disse mamãe.

- Ninguém para reclamar da vida – respondi, revirando os olhos.

- Ninguém para me pedir dinheiro ou reclamar da minha comida.

- Depois desse tempo aqui com Sarah, *nunca* mais vou fazer isso. É possível fazer tanta coisa com uma lata de atum...

Mamãe riu:

- Ela sempre foi uma péssima cozinheira.

- Você está sabendo que Kai voltou para ela se arrastando?

Descrevi a cena que vira no *trailer*.

- Se isso faz Sarah feliz, não vou criticar – mamãe olhou para mim com um dos seus olhares fixos. – Além do mais, ele fez maravilhas com você.

- Você quer dizer que estou falando novamente – pus a língua para fora.

- Você parece diferente, mais confiante. Não sei como explicar. Imagino que tenha se tornado mais adulta.

Respirei fundo. Queria lhe contar o meu verão com Gabe, mas sabia que ainda não era o momento.

- Gostaria de recomeçar minha vida por aqui, mamãe. Há uma excelente escola comunitária e farei dezesseis anos em setembro. Posso trabalhar na livraria ou na lanchonete. Se Kai não me deixar ficar no chalé, tenho certeza de que consigo um apartamento barato. Tenho aqui muitos amigos que tomarão conta de mim... Por favor.

Mamãe bebericou seu chá muitas vezes antes de responder:

- Tem certeza de que não vai sentir saudades de casa? Eu já lhe arrumei outra escola em Londres.

- Claro que sim, mas você e Marcus podem vir aqui quando quiserem, e posso ir a Londres de vez em quando. Sei que as coisas podem funcionar bem para mim aqui.

- Vou pensar seriamente no assunto, mas preciso que você seja honesta comigo a respeito daquela história do cartão de crédito.

Foi o que eu fiz. Naquele momento, tudo era tão irrelevante para mim! contei inclusive sobre Rebecca e o anel e sobre a atitude de lorde Netherby.

Mamãe pulou da cadeira:

- Vou pegar esse telefone agora e fazer a prof^a Kelly aceitá-la de volta.

- Não, mamãe. Não sei se quero voltar para Londres.

Deixei mamãe ter um acesso de cólera e maldizer o modo como todos na escola a fizeram se sentir e como iriam se arrepender. Quando terminou de tomar seu chá, disse:

- Eu sempre desconfiei que Mia era a causa disso tudo.

- Pois então não me mande para uma escola cheia de Mias! Não quero voltar para um lugar obcecado por notas e no qual, antes de qualquer coisa, devo me sentir

muito grata por ser aceita, já que não sou nem rica nem gênio. Quero ir para um lugar que valorize o que sou e o que posso fazer.

Mamãe me olhou demoradamente antes de dizer, com a voz mais suave que eu já ouvira:

- Uau! Como você cresceu!

- Não exagere. Ainda sou capaz de matar alguém por um chocolate – comecei a cantar “Chocolate já!”, a nossa canção.

Mamãe riu e tirou da bolsa uma grande barra. Consumimos o chocolate num piscar de olhos e começamos a nos preparar para a apresentação.

Tomei um banho demorado. Queria me sentir bem naquela noite.

Mal sabia eu que as coisas estavam acontecendo a mil por hora enquanto eu me banhava feito uma estrela de cinema e sonhava.

Capítulo Quarenta e Dois

Minha cabeça fervilhava e meu estômago se contorcia de nervosismo. Apresentar-me no festival começava a me deixar ansiosa, embora só agora eu fizesse parte do backing vocal. Fiquei um tempão secando o cabelo e repassando as músicas na minha cabeça.

Mamãe lavou a camiseta de Patti Smith. Vesti-a com cuidado.

Quando desci, Gabe estava na sala, com Tallulah no colo. Algo em sua expressão me incomodou. Ele se esforçava para dar a impressão de que estava tudo bem.

- Mamãe não disse que você estava aqui – comentei.

Tallulah saltou do colo dele e escondeu-se embaixo do sofá.

Gabe disse:

- É Cleo. Ela está muito mal. Depois que você saiu ela desmaiou. Tivemos que chamar uma ambulância.

- Qual é o problema?

- Eles não sabem direito, mas parece que o sistema imunológico dela entrou em pane. Estão achando que ela não tomou os remédios dela direito. Ela está com febre altíssima, passando mal. Mais tarde, se a situação dela se estabilizar, é provável que seja transferida para um hospital em Londres.

Lembrei-me de Marcus.

- Gabe, saia imediatamente daqui! Vá, agora! – empurrei-o pela porta.

Atravessamos a rua:

- Marcus pegou catapora. Cleo ficou muito tempo com ele outro dia – expliquei.

- Isso pode ser terrível. Vou hoje mesmo para Londres, depois do show.

- Vou com você. Vai ficar tudo bem, eu já tive catapora – toquei de leve no braço dele.

Gabe afastou-se de mim.

- Não, Jenna.

- Irei amanhã então – estava assustada com a frieza de Gabe.

Lentamente, ele me disse que o melhor era eu me afastar.

- Não vou atrapalhar nada. Podemos nos encontrar para um café depois que você visitar Cleo.

- De jeito nenhum, Jenna. Isso tem de ter um fim agora.

As palavras dele foram um murro:

- Quer dizer que a noite passada foi apenas uma brincadeira? – lágrimas quentes desciam pelo meu rosto.

Gabe não disse nada.

- Fale comigo! – gritei.

- Tudo o que eu disse a noite passada foi sincero...

- Porque eu estou sentindo que tem um “mas” nessa história?

- Por favor, Jenna, não torne as coisas mais difíceis do que elas já são.

- Vou torná-las difíceis para fazer você ficar.

- Você está falando como Sarah. Tentando me prender.

- Sem grosserias, Gabe – falei baixinho enquanto buscava apoio num muro. –

Desta vez, você me feriu no coração e no estômago.

Gabe se afastou e começou a andar em círculos, muito agitado.

- Nunca antes me senti assim em relação a ninguém, Jenna. Você é especial para mim. Temos tantas afinidades. É assim que me sinto.

- Eu também, Gabe.

- Neste momento, Cleo precisa mais de mim do que você.

- Mas não precisamos nos separar.

- Cleo não tem ninguém. Seu pai e sua mãe já morreram. Foi rejeitada por todos da família, a não ser por uma prima que a deixa morar com ela “por obrigação”, e desde que ela nunca conte a ninguém que é HIV - positiva. Prometi a mamãe que eu sempre cuidaria de Cleo. E ela sempre cuidou de mim.

- E o grupo de apoio? Eles não podem ajudá-la?

- Eles são nossa linha vital de comunicações. Um lugar pra onde vamos sem precisar nos pôr em xeque a cada cinco minutos. Onde as pessoas nos compreendem. Mas isso não é o bastante.

- Entendo.

- Você tenta, Jenna.

- Estou tentando agora, realmente estou. Não estou lhe pedindo para deixar de ser amigo de Cleo.

- Neste momento, tenho de pôr Cleo em primeiro lugar na minha vida. É a coisa certa a fazer. Não se trata de um jogo. A saúde dela depende disso.

- Quer dizer que precisamos parar de nos ver? Isso não faz sentido.

- Precisamos nos separar. Há coisas que preciso fazer...

Engoli em seco. Gabe tinha de ficar ao lado de Cleo e manter a promessa que tinha feito à sua mãe e à de Cleo. Mesmo que não amasse Cleo como me amava, tinha de estar ao lado dela. Ela precisava mais dele. No fundo, eu sabia que o que ele estava dizendo era certo.

Pensar nisso doía tanto...

Meu cérebro tentava encontrar uma saída.

Por quanto tempo? Alguns dias, algumas semanas, ou mais?

- Não podemos nos prender a promessas falsas – a voz de Gabe estava áspera.

- Podemos manter contato? – eu me sentia um animal disposto a lutar até a morte para salvar seus filhotes. Se pelo menos eu pudesse me corresponder com ele por e-mail, tinha certeza de que poderia convencê-lo.

- Cleo precisa acreditar que está tudo acabado entre nós. De outro modo, ela não me deixaria mais cuidar dela. Ela precisa de mim.

- Eu também preciso de você – respondi baixinho.
- Não, não precisa – Gabe afastou o olhar. – Você não pode precisar de mim, pra mim é muito difícil lidar com essa situação. Tenho sido egoísta, Jenna. Você deve procurar seu próprio caminho no mundo. Além do mais, o que está em jogo não é apenas Cleo.
- Você está usando a doença dela como um pretexto? – Me irritei.
- Não, mas essa crise dela me fez pensar novamente sobre nós. Não é justo com você, Jenna.
- Já sou bem crescida e quero ficar com você. Você me explicou alguns dos riscos que posso correr; posso aprender mais em nosso convívio. Lembre que você é o meu amor – segurei o rosto dele firmemente com as mãos e voltei-o para mim. Ele desviou o olhar.
- É porque a amo, Jenna, que preciso ficar algum tempo sem vê-la. Não quero que você tenha de lidar com essa situação se eu ficar muito doente. Você é jovem demais. Precisa de espaço para respirar. Não sei direito se estou pronto para lidar com um relacionamento desses. A proximidade me dá medo. O medo do que pode acontecer...
- Você está me abandonando...
- Vou para a Itália com Cleo. Um primo de papai tem uma casa de campo lá, e acho que o clima poderá ajudá-la. Eu já pensava em fazer isso antes de nos conhecermos.

A voz de Gabe estava fria e firme.

- Não posso ficar tão longe, sem manter contato com você – disse. – É horrível até mesmo pensar nessa possibilidade.
- Todo ano, no primeiro sábado de agosto, às dez da noite, olhe para o céu e verá Cassiopéia, ao norte. Eu estarei fazendo o mesmo.

A dor de perder Gabe era tão intolerável que eu só conseguia dizer:

- Até mais, então – e voltei para o chalé sem olhar para trás. Nada que eu pudesse dizer ou fazer mudaria a situação.

Me enfiei na cama, chorando muito. Mamãe teve a delicadeza de me deixar sozinha. As lágrimas secaram e atenuaram minha dor. O fato de me dizer que talvez tivéssemos de esperar anos seria o jeito de Gabe se livrar de mim? Ele talvez não estivesse vivo dentro de dois ou três anos...

Eu não suportava essa idéia. Não. Eu sabia que ele me amava. A última crise de Cleo o abalara, ele decidira fazer a coisa mais nobre em relação a mim e a Cleo. Ele ia manter a promessa feita à mãe de Cleo e ficar ao lado da amiga, dando-lhe toda a força num momento muito difícil. Ao me deixar, talvez ele estivesse fazendo aquilo que via como a coisa certa. Talvez nós dois precisássemos de um pouco mais de experiência de vida.

Amei-o ainda mais por isso. Ele estava assumindo a responsabilidade por alguém, e mantendo a promessa feita. Era uma promessa que precisava ser cumprida.

Não o tipo de promessa ao qual gente como Mia estava acostumada. Nem o tipo de promessas fúteis que gente como Kai fazia e quebrava a cada minuto.

Que tipo de relação poderíamos ter no futuro se ele não apoiasse Cleo agora? Eu teria de aprender a lidar com a dor de me separar de alguém que amava tanto.

Mas havia uma última coisa a fazer.

Deixar Gabriel saber o quanto eu o amava.

Capítulo Quarenta e Três

Assim que pisamos no palco, uma câmera começou a nos acompanhar, *flashes* espocavam como se fôssemos grandes estrelas do *rock*. Pouco importava que a câmera fosse de Julius. Ava acenou para nós da primeira fila. Estava emocionadíssima e berrava nossos nomes. Mamãe estava sentada ao lado dela (Muriel ficara tomando conta de Marcus). Até Sarah estava lá, mas não havia sinal de Kai.

Gostaria de dizer que estávamos maravilhosos, mas irregulares em muitos aspectos. É isso o que há de bom na música *anti-folk*. Não se trata de ser pretensioso, mas de comunicar-se. Pelo menos, era isso que Charlie vivia dizendo. Gabe saía um pouco do ritmo de vez em quando, meus olhos estavam inchados e minha voz tremia.

Lyle estava ficando muito nervoso nos bastidores, cercado por seu pessoal.

Fui para o centro do palco e disse:

- Sei que Lyle está louco para começar, e que vocês estão loucos para vê-lo, mas eu gostaria de cantar mais uma música. Seu título é *Because the Night*, e nem preciso dizer o nome da pessoa à qual a dedico.

Peguei a banda de surpresa. Freddie já estava fora do palco, e comecei a cantar. Enquanto cantava, transformei todos os sentimentos que me sufocavam em uma bola de emoções e deixei tudo sair. Esqueci que havia um público à minha frente. Deixei rolar.

Queria que Gabe soubesse quanto ele significava para mim.

...Because the night belongs to love...

Quando terminei de cantar fez-se um silêncio.

Acho que fiz papel de tonta, pensei, sentindo-me afundar.

Aí Gabe subiu ao palco e me beijou na frente de todos.

As pessoas aplaudiam e gritavam. *Flashes*. Até Lyle veio para o palco faturar um pouco da nossa glória.

Segurei-me em Gabe. Não havia mais nada a dizer. Tudo o que eu podia fazer era abraçar-me a ele pela última vez. Pouco importava que diante de mim houvesse centenas de pessoas.

Aquele beijo ficaria comigo por muito, muito tempo.

Epílogo

Mamãe achou que eu tinha enlouquecido quando pedi um telescópio como presente de Natal, e meus vizinhos devem pensar que pirei de vez ao me verem vasculhando o céu noturno em busca de estrelas. Mas aqui é Londres, e ninguém diz nada.

Estou totalmente de acordo com Platão. A astronomia *realmente* nos obriga a olhar para cima, à procura de um novo mundo. Amo o céu noturno. Olhar para o alto faz nosso espírito elevar-se também. Sempre me sinto mais cheia de esperanças quando olho para as estrelas.

Mesmo em Londres, numa noite clara, dá para vê-las. Existem tantas constelações com nomes fantásticos como Ursa Maior, Corona Borealis e Áquila. Por fim, depois de muita tentativa e erro, encontrei Cassiopéia. Gostaria que mais pessoas entendessem que não há limite para o processo de crescimento. Algumas pessoas podem ser maduras aos dezesseis anos, outras podem agir como crianças mimadas durante a vida toda. Kai e Sarah são considerados adultos, mas vejam como se comportam. Também não há limite de idade para encontrar o verdadeiro amor. O fato de eu ter só quinze anos quando conheci Gabe não significa que nossos sentimentos não fossem verdadeiros, nem que não pudéssemos fazer a coisa certa, por mais que tenhamos nos machucado. Amar Gabe me ensinou muitas coisas. Por exemplo, a aprender com meus erros e perdoar os erros dos outros. Não tenho medo de encarar aquilo em que acredito e não me sinto obrigada a fazer o que todos querem que eu faça. Não estou mais em segundo plano. Quando olho para o céu noturno, sinto-me perto de Gabriel. Esta noite, sinto-me especialmente próxima de Gabe porque sei que, onde quer que ele esteja, estará olhando para Cassiopéia e pensando em mim.

FIM

Créditos: <http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=34725232>